

MULHERZINHAS

LOUISA MAY ALCOTT

VERBO

Clássicos Juvenis

ÍNDICE

I - As quatro irmãs	5
II - Feliz Natal !.....	15
III - O Baile..	23
IV - Trabalhos	33
V - Bons vizinhos... ..	41
VI - Beth descobre um belo palácio.....	53
VII - O vale da humilhação de Amy.....	59
VIII - Jo defronta-se com Apollyon ...	63
IX - Meg na feira das vaidades....	71
X - O Clube Pickwick.....	83
XI - Experiências.....	91
XII - O acampamento Laurence....	101
XIII - Castelos no ar..	115
XIV - Segredos.	125
XV - Um telegrama..	135
XVI - Despedidas.....	143
XVII - Abnegação.....	147
XVIII - Dias difíceis.....	155
XIX - O testamento de Amy	161
XX - Confidências.....	167
XXI - Laurie faz uma partida e Jo intervém.....	175
XXII - A tia March resolve a situação.....	181

AS QUATRO IRMÃS

- O Natal sem prendas nem vai parecer Natal - disse Jo, estendida ao comprido sobre o tapete.

- Que triste é ser pobre! - suspirou Meg, olhando para o seu vestido já muito usado.

- Não acho justo que haja raparigas que têm tantas coisas bonitas, enquanto nós não temos nada - acrescentou Amy com ar despeitado.

- Em todo o caso, temos o pai e a mãe e temo-nos umas às outras - disse Beth em tom alegre.

Os quatro rostos iluminaram-se com estas últimas palavras, mas voltaram a fechar-se, quando Jo murmurou tristemente :

- O pai não o vamos ver tão cedo.

Nem acrescentou e talvez nunca mais o vejamos,, mas cada uma delas completou o pensamento, lembrando-se de que o pai estava na guerra que dilacerava o Norte e o Sul do seu país - a América.

Depois de um minuto de silêncio, Meg disse com voz comovida:

- Bem sabem que a mãe nos propôs que prescindíssemos das prendas este Natal, porque o Inverno vai ser muito duro e não devemos gastar dinheiro em coisas que nos dêem prazer,

5

quando os nossos homens estão a sofrer tanto na guerra. Não podemos ajudar muito, mas podemos fazer pequenos sacrifícios alegremente. Se bem que eu receie não ser capaz disso - e abanou a cabeça, lembrando-se das muitas coisas que desejava.

- O que eu não compreendo é que ajuda pode dar o pouco que temos. É só um dólar por cada uma e isso pouco adianta ao Exército. Não quero que vocês me ofereçam nada, mas eu vou comprar Undine and Sintrum - disse Jo, que adorava ler.

- Eu gostava de gastar o meu dólar em música - suspirou Beth.

- Eu preciso de lápis de cor - decidiu Amy. - E hei-de comprá-los.

- Acho justo que tenhamos algum prazer, pois bem nos custa ganhá-lo - foi a opinião de Jo.

- Eu que o diga - lamentou-se Meg. - Gostava muito mais de ficar em casa do que ir dar lições àquelas crianças terríveis.

- Que diríam vocês - exclamou Jo - se tivessem de suportar todo o dia uma senhora de idade, rabujenta e nervosa, sempre descontente, que nos faz perder a cabeça a ponto de dar vontade de lhe pregar uma bofetada ou de fugir pela varanda?

- Sei que não é bonito lamentarmo-nos, mas eu acho que o trabalho mais enfadonho é o de lavar pratos e arrumar a casa. Aborrece-me e põe-me as mãos tão ásperas que depois não posso tocar piano - e Beth olhou as mãos, pesarosa.

- Apesar de tudo, nenhuma sofre tanto como eu - exclamou Amy.

- Nenhuma de vocês tem de ir à escola com raparigas antipáticas que nos moem a paciência se não sabemos a lição, troçam dos nossos vestidos, fazem alusões desagradáveis ao nosso pai por ele não ser rico e ainda por cima fazem pouco de quem não tem um nariz bonito.

6

- Disseste no outro dia que éramos mais felizes do que os filhos dos King porque, apesar de serem ricos, estão sempre zangados uns com os outros - comentou Jo.

- E disseste bem, Beth, porque embora tenhamos de trabalhar, sabemos tirar partido disso para nos divertirmos e formamos uma pandilha gira, como diz a Jo.

- A Jo fala de um modo tão grosseiro - censurou Amy, olhando para a figura da irmã estendida no tapete.

Esta levantou-se de um salto e, metendo as mãos nos bolsos do avental, começou a assobiar.

-Não assobies, Jo. Isso é próprio dos rapazes.

- É por isso mesmo que eu assobio.

- Detesto raparigas que não saibam portar-se como senhoras.

- E eu não gosto das afectadas e presumidas.

- Os passarinhos vivem em paz nos seus ninhos, - cantarolou Beth, conciliadora.

E a expressão do seu rosto era tão divertida que as irmãs desataram a rir e a discussão acabou ali.

-Meninas, as duas são dignas de reprimenda - disse Meg, começando um sermão, no seu estilo de irmã mais velha. - Tu, Jo, já tens idade para deixares esses modos arrapazados. Tinham pouca importância quando eras mais nova, mas agora, que és tão crescida e usas o cabelo apanhado, devias lembrar-te de que és uma senhora.

- Não sou, nada! E se é pelo cabelo apanhado, vou usar tranças até aos vinte anos, exclamou Jo, enquanto dava um puxão à rede que lho segurava, sacudindo a sua opulenta cabeleira castanha.

- Não posso suportar a ideia de que hei-de tornar-me numa menina March e usar vestidos compridos. Não me conformo de não ser rapaz; muito mais agora, porque gostava de lutar ao lado do pai e tenho de ficar em casa a fazer meia.

- Pobre Jo! Tenho imensa pena de que não possas fazer mais do que dar uma forma arrapazada ao teu nome e fingires que és o nosso irmão mais velho - murmurou Beth, enquanto acariciava a cabeça da irmã, que a encostara aos seus joelhos.

- Quanto a ti, Amy - continuou Meg -, estás muito afectada. Agora tens graça, mas se não te corrigires ficarás ridícula. Quando não pretendes ser requintada, tens uns modos bonitos que são agradáveis. Mas as palavras rebuscadas que usas às vezes são tão desagradáveis como o calão da Jo.

- Se a Jo é uma maria-rapaz e Amy uma presumida, pode saber-se o que é que eu sou? - quis saber Beth.

- Tu és um anjo e mais nada.

E ninguém contradisse Meg, porque a ratinha" era a favorita da família.

As quatro irmãs conversavam numa sala confortável, porque, embora a carpeta estivesse desbotada e os móveis fossem muito simples, nas paredes havia alguns quadros de boa escola e as estantes estavam cheias de livros; no parapeito das janelas viam-se crisântemos e rosas do Natal e no ambiente reinava uma agradável atmosfera de paz familiar.

Margaret (Meg), a mais velha, tinha dezasseis anos. Era uma linda rapariga redondinha e muito branca, de olhos grandes e abundante cabelo castanho, boca meiga e mãos muito brancas, em que tinha uma certa vaidade.

Josefina (Jo), com os seus quinze anos, era alta, esbelta e morena; fazia lembrar um potro de poucos dias. Dava a impressão de nunca saber o que havia de fazer dos seus braços compridos e das suas longas pernas, que muito a atrapalhavam. Tinha uma boca de expressão decidida, o nariz travesso e engraçado, olhos duma tonalidade cinzenta, muito vivos, que pareciam tudo ver. O cabelo, comprido e forte, era o elemento principal da sua beleza, mas ela trazia-o usualmente preso

8

numa rede, para que a não incomodasse. Jo tinha os ombros arredondados, as mãos e os pés grandes, uma maneira despreocupada de se vestir e a aparência embaraçada de uma rapariga que se estava tornando rapidamente mulher e a quem tal ideia não agradava.

Elisabeth (Beth) era uma jovem de treze anos, rosada, de cabelos macios, olhos claros, maneiras acanhadas, voz tímida e uma expressão tranquila, que raras vezes se mostrava perturbada. O pai costumava chamar-lhe a sua Pequena Tranquilidade e este nome adaptava-se-lhe maravilhosamente, porque parecia viver num mundo que era só dela, de onde apenas ousava sair quando encontrava pessoas de quem gostasse ou em quem tivesse confiança.

Quanto a Amy, embora a mais nova, era uma pessoa muito importante, ou, pelo menos, era esta a opinião que ela formava de si própria. Uma perfeita boneca de neve, de olhos azuis e cabelos de ouro que lhe caíam em caracóis sobre os ombros, pálida e franzina, sempre com uma atitude de senhora que nunca esquece as boas maneiras. O relógio deu as seis horas e Beth foi colocar diante da lareira um par de chinelos a aquecer. Aproximava-se a hora do regresso da mãe e Meg acendeu o candeeiro. Amy aproximou do calor uma poltrona e Jo disse, olhando para os chinelos da mãe:

- Estão muito velhos. Era preciso comprar outros.
- Eu pensava comprar-lhos - disse Beth.
- Quem os compra sou eu! - exclamou Amy.
- Eu é que sou a mais velha começou a dizer Meg.

Mas Jo interrompeu-a com ar decidido:

- Agora que o pai não está, o homem da família sou eu. Por isso sou eu que me vou encarregar disso, porque o pai recomendou-me que cuidasse da mãe.

- Podíamos comprar prendas para a mãe e não comprar nada para nós - sugeriu Beth.

9

- É uma ótima ideia - foi a opinião de Jo. - E o que é que vamos comprar?

Pensaram um pouco e Meg, como se as suas bonitas mãos lhe sugerissem a ideia, declarou:

- Eu vou comprar-lhe um par de luvas.

- E eu, os melhores chinelos que encontrar.

- Eu compro-lhe uns lencinhos bordados - disse Beth.

- Eu dou-lhe água-de-colónia - aventou Amy. - A mãe gosta e, como não é muito cara, ainda fico com dinheiro para comprar alguma coisa para mim.

- E como é que vamos dar as prendas? - perguntou Meg.

- Pômo-las em cima da mesa e depois vamos buscá-la para ela abrir os embrulhos.

- Lembram-se do que costumávamos fazer nos dias dos nossos anos? - recordou Jo.

- Eu ficava com medo quando tinha de sentar-me na cadeira grande com uma coroa na cabeça e depois vinham vocês com as prendas e davam-me um beijo - respondeu Beth, que estava a fazer torradas.

- Vamos fazer uma surpresa à mãe. Amanhã podemos sair para ir às compras - disse Jo. E acrescentou, enquanto andava de um lado para o outro com as mãos atrás das costas: - Não te esqueças, Meg, ainda há muito que fazer para a representação do dia de Natal.

- Não penso entrar em mais nenhuma, porque já estou a ficar muito velha para isso.

A conversa é bruscamente interrompida pela chegada da mãe:

- Como passaram o dia as minhas filhas? - exclamou da porta com uma voz meiga.

Ao ouvi-la, todas correram a dar as boas-vindas a uma senhora de aspecto distinto, apesar de vestir modestamente.

10

- Havia tanto que fazer que não pude vir almoçar - continuou ela. - Veio algum recado, Beth? Estás melhor da constipação, Meg? Jo, tens um ar cansado. Vem dar-me um beijo. Depois de tirar o casaco e os sapatos e calçado os chinelos, sentou-se na poltrona junto do fogão e puxou Amy para o colo.

Entretanto, Meg preparou a mesa para o chá, Jo trouxe lenha e procurou ajudar, embora deixasse cair no chão algumas coisas, enquanto Beth andava num vaivém entre a sala e a cozinha. Quando se sentaram à mesa, a senhora March disse com uma expressão

radiante:

- Trago-vos uma surpresa para depois do jantar.
- É uma carta! - exclamou Jo, atirando fora o guardanapo.
- Três vivas para o pai!
- É isso mesmo. Ele diz que está bem e que lhe parece que vai passar o Inverno melhor do que supunha. Manda as Boas-Festas e uma mensagem especial para as suas filhas.

As raparigas aproximaram-se do calor. A mãe continuava sentada na poltrona com Beth a seus pés e as outras à sua volta. Na carta, o senhor March não aludia a desconfortos nem a perigos. Era uma carta otimista e encorajadora, mas o seu anseio de estar de novo com a família transparecia no parágrafo seguinte :

Muitos beijos para as minhas filhas. Diz-lhes que penso nelas durante o dia, rezo por elas à noite e que são o meu maior conforto. Este tempo que passo sem as ver parece-me interminável, mas havemos de suportar esta dura prova. Sei que serão boas para ti, cumprirão os seus deveres e procurarão lutar por vencer os seus defeitos para que, quando eu voltar, me possa sentir mais do que nunca orgulhoso das minhas mulherzinhas.

11

Ficaram todas muito comovidas e Amy disse, soluçando:

- Sei que sou egoísta, mas vou procurar emendar-me.
- Eu sou muito vaidosa e não gosto de trabalhar - acrescentou Meg -, mas vou esforçar-me por mudar.
- Eu vou tentar transformar-me numa mulherzinha, como o pai diz na carta - murmurou Jo -, embora isso me pareça difícil.
- Beth não disse nada mas tomou as suas decisões interiormente.

- E quais são os nossos problemas? - perguntou Amy, continuando a conversa.

- Cada uma de nós se referiu ao seu, menos Beth. Se calhar é porque não tem nenhum.

- Tenho, pois! São os pratos e o espanador, invejar aquelas que têm pianos bonitos e ser tão tímida.

Todas sentiram vontade de rir, mas nenhuma o fez para não ferir Beth.

- Temos de enfrentar as nossas dificuldades - disse Meg. - Isso vai ajudar-nos a ser melhores.

- Procurem debaixo da almofada no dia de Natal e encontrarão um livro que será o vosso guia - prometeu a mãe.

A velha Hanna levantou a mesa e elas pegaram nos seus cestos de costura para continuarem a fazer os lençóis da tia March. Era um trabalho de costura sem interesse, mas, nessa noite, nenhuma delas resmungou. As quatro aceitaram a ideia de dividir em partes iguais as longas bainhas de cada lençol e dar-lhes sucessivamente os nomes de Europa, Ásia, África e América. Desta maneira o trabalho progrediu admiravelmente, em particular quando trocavam

impressões, a respeito dos diferentes países, à medida que iam marcando através deles, com pontos da agulha, o caminho percorrido.

Trabalharam até às nove horas e depois cantaram um pouco como costumavam fazer antes de se deitar.

12

Beth tocava com suavidade o velho piano, Meg e a mãe dirigiam o pequeno grupo coral, porque Amy fazia lembrar um grilo e Jo desafinava sempre. Desde pequenas, quando balbuciavam Estrelinhas que Brilhais e outras canções parecidas, lhes ficara o hábito de cantar em família. A mãe cantava com muito entusiasmo. O primeiro som que se ouvia em casa, de manhã, era a sua voz, e à noite era ainda a mesma voz que as meninas ouviam como se fosse uma canção de embalar.

13

FELIZ NATAL !

No dia de Natal, Jo foi a primeira a acordar. A princípio sentiu-se desapontada, porque não havia meias com prendas penduradas na lareira. Então lembrou-se da promessa da mãe e, procurando debaixo da almofada, encontrou um livrinho de capa vermelha. Era a história da vida mais perfeita jamais vivida no mundo e Jo compreendeu que era um verdadeiro guia para os peregrinos desta vida. Com um Feliz Natal!, acordou Meg e, quando disse à irmã que procurasse também debaixo da almofada, esta encontrou um livro igual, mas de capa verde. Os de Beth e Amy, que depressa acordaram no quarto ao lado, eram um branco e o outro azul. As quatro irmãs ficaram a admirar os seus livrinhos.

- Meninas - disse Meg com aquele tom de voz muito sério que tanto influenciava as irmãs, especialmente a Jo -, a mãe deseja que sigamos as indicações deste livro. Por isso devemos começar imediatamente.

Jo passou o braço em torno do pescoço de Meg e começaram a ler juntas. Beth, muito impressionada, disse:

- Como tu és boa, Meg! Amy, vamos também ler como elas. Eu ajudo-te a ler as palavras mais difíceis e procuraremos compreender tudo. Depois, os quartos ficaram em profundo silêncio, apenas

15

quebrado pelo voltar das páginas, enquanto o sol lhes dava as suas alegres Boas- Festas!

Quando, meia hora depois, Meg desceu ao andar de baixo para agradecer à mãe, perguntou a Hanna:

- Onde está a mãe?

- Apareceu aí um rapazito a pedir qualquer coisa e a senhora saiu com ele. Nunca vi uma pessoa tão generosa.

Hanna vivia com a família desde o nascimento de Meg e era considerada por todos mais uma amiga do que uma empregada.

- Acho que não se vai demorar. Por isso vá acabar de fazer os bolos para que tudo esteja pronto a horas - disse-lhe Meg, deitando uma olhadela para os presentes que estavam num cesto escondido debaixo do sofá. - Mas, onde está o frasco de água-de-colónia da Amy? - acrescentou ela quando lhe notou a falta.

- Ela levou-o há momentos. Julgo que foi pôr-lhe uma fita - respondeu Jo.

- Que bonitos que são os meus lencinhos! Não acham? Fui eu mesma que os bordei - disse Beth contemplando os monogramas um

pouco irregulares que tanto trabalho lhe haviam dado.

- Olha que engraçado ! - exclamou Jo. - Ela bordou a palavra Mãe!

- Foi porque a inicial de Meg é a mesma e eu quero que seja só a mãe a usá-los.

- Fizeste muito bem, meu amor, e ela vai gostar muito - disse Meg, fazendo um sinal de desaprovação a Jo.

- Já lá vem!, escondam o cesto - disse ela, logo que ouviu fechar-se a porta da rua.

Mas quem apareceu foi Amy que, ao ver as irmãs, ficou um pouco confusa.

- Onde é que estavas e o que é que trazes aí escondido?

- perguntou Meg.

16

-Não queria que soubessem, mas... fui trocar o frasco pequeno por outro maior, porque não quero ser egoísta.

A sua atitude modesta e sincera valeu-lhe um abraço de Meg, enquanto Jo louvava a sua coragem e Beth ia buscar uma rosa para enfeitar o frasco.

Ouviu-se de novo a porta, o cesto voltou a desaparecer e as raparigas foram para a mesa para tomar o pequeno-almoço.

-Boas-Festas, mãe, e obrigada pelos livros!

-Feliz Natal, minhas filhas. Estou contente por terem gostado dos livros e espero que vos sejam muito úteis. E agora, antes de nos sentarmos, tenho uma coisa para vos dizer. Aqui perto está uma mulher com um filho recém-nascido e mais seis que dormem na mesma cama para não morrerem de frio, porque nem lume têm. Vocês eram capazes de lhes dar o vosso pequeno-almoço como prenda de Natal? As meninas estavam com muito apetite e, naquele momento, ninguém falou mas, logo a seguir, Jo disse com calor:

- Ainda bem que a mãe chegou antes de termos começado a comer.

-Posso ir também? - perguntou Beth entusiasmada.

- Eu levo a manteiga e os bolos - acrescentou Amy, a quem custava renunciar a coisas de que tanto gostava.

Meg, entretanto, já estava a preparar as coisas para levarem.

- Nem por um instante duvidei de que as minhas filhas concordariam comigo - disse satisfeita a senhora March.Quando voltarmos comeremos pão e leite.

Saíram logo e dentro de pouco tempo estavam num quarto miserável, sem lume, onde se encontravam a mãe doente, numa cama com lençóis rotos, e o recém-nascido ao lado, chorando. Noutra cama, os irmãozinhos pálidos e débeis aqueciam-se uns aos outros. Os seus rostozinhos abriram-se num sorriso quando viram entrar as raparigas.

17

- Oh, meu Deus! - exclamou a mulher, chorando de alegria. - São anjos bons que nos vêm ajudar!

- Anjos com luvas e toucas -, gracejou Jo, fazendo rir toda a gente.

Hanna, que tinha trazido lenha, acendeu o lume e cobriu de papéis os vidros partidos. A senhora March deu leite e chá à mãe dos pequenitos, prometendo-lhe que não a abandonaria, e vestiu o bebé como se fosse seu próprio filho. As meninas levaram a mesa para junto do lume e deram de comer às outras crianças, que estavam muito espantadas.

Quando saíram, não havia em toda a cidade raparigas mais felizes do que aquelas, porque tinham renunciado, no dia de Natal, a um bom pequeno-almoço, contentando-se com pão e leite.

- Isto é amar o próximo mais do que a si mesmo - disse Meg enquanto, já em casa, tirava as prendas da cesta, aproveitando o momento em que a mãe fora ao andar superior.

Uma jarra com rosas e crisântemos dava à mesa uma nota de distinção.

- A mãe vem a descer! Toca, Beth! Abre a porta, Amy! Viva a mãe!

- exclamou Jo, agitando-se em volta da mesa, enquanto Beth tocava uma marcha alegre, Amy abria a porta e Meg se aproximava da mãe. Esta ficou surpreendida e emocionada. Sorrindo, examinou os seus presentes, lendo os bilhetinhos junto de cada um. As chinelas foram-lhe calçadas, meteu no bolso um lençinho perfumado com água-de-colónia e, depois de pregar ao peito a rosa que enfeitava o frasco, calçou as luvas.

Era já bastante tarde e o resto do dia foi passado em preparativos para a representação da noite. Como elas tinham pouco dinheiro inventavam peças de teatro e faziam todas as coisas que eram precisas: guitarras de papelão, candeeiros feitos com latas cobertas de papel prateado, trajes de retalhos de algodão enfeitados com bocadinhos de latas de

18

conservas... A mobília já estava habituada a ser virada de pernas para o ar e a grande sala era palco de muitos divertimentos inocentes.

Não eram admitidos rapazes e Jo tinha imenso prazer em interpretar papéis masculinos.

Naquele dia de Natal, à noite, uma dúzia de raparigas acomodava-se como podia em cima de uma cama que fazia as vezes de plateia e que ficava em frente de umas cortinas que serviam de pano de boca. Pouco depois, soou uma campainha, as cortinas abriram e a representação começou.

Um bosque sombrio era representado por alguns arbustos em vasos, um tapete verde estendido no chão e uma caverna ao fundo. Esta era feita com mantas escuras, a servir de tecto, e cómodas como paredes laterais. Lá dentro estava um pequeno fogareiro, de brasas ateadas, com uma panela preta em cima e, curvada sobre ela, uma velha feiticeira. O palco estava às escuras, de modo que o

lume do fogareiro dava um efeito muito bonito, principalmente quando a bruxa levantava a tampa e o vapor de água se libertava. A peça decorreu entre risos e aplausos e as quatro irmãs esmeraram-se no desempenho dos seus papéis. No final do último acto, receberam uma salva de palmas, mas estas foram interrompidas bruscamente, porque o sofá-cama em que estavam sentadas as espectadoras fechou-se sobre elas. Beth e Jo correram a ajudá-las e todas acabaram por sair sem novidade. A excitação tinha-se acalmado um pouco, quando entrou Hanna dizendo, da parte da senhora March, que a ceia estava servida: As irmãs olharam umas para as outras pasmadas quando viram a mesa posta com tanta abundância. Já esperavam que a mãe lhes preparasse alguma coisa, mas nunca um banquete

19

daqueles. Havia sorvetes de duas qualidades, bolos, fruta, bombons... E, no centro da mesa, quatro ramos de flores, um para cada uma das irmãs.

-Foram as fadas que trouxeram isto? - perguntou Amy.

- Foi o Pai Natal - disse Beth.

-Não! Foi a mãe... - sorriu Meg, que ainda trazia na cara a barba com que representara.

- A tia March teve um impulso de generosidade e mandou isto tudo ! - julgou adivinhar Jo.

- Estão todas enganadas. Foi o senhor Laurence quem mandou esta ceia - esclareceu a senhora March.

- O avô do vizinho Laurence? Porque é que ele teve esta ideia? Quase não o conhecemos! - admirou-se Meg.

- Foi a Hanna que contou a um dos criados dele a história do vosso pequeno-almoço. Ele é um velhote muito extravagante e achou muita graça à história. Conheceu o meu pai há muitos anos e esta tarde mandou-me uma carta muito amável para dizer que esperava que eu aceitasse a oferta de umas bagatelas para vocês, por ser dia de Natal. Não podia dizer que não e por isso aí está esta pequena festa para vocês.

- Foi aquele rapaz que lhe meteu essa ideia na cabeça. É muito simpático e eu bem gostaria que nos déssemos com ele. Acho que ele também ia gostar, mas é tímido e a Meg é tão cheia de preconceitos que, quando nos cruzamos com ele, não me deixa falar-lhe - explicou Jo, enquanto as outras meninas começavam a servir-se no meio de grande regozij o.

- Estás a falar dos teus vizinhos que moram na casa ao lado? - perguntou uma das visitas. A mãe conhece o senhor Laurence e diz que ele é muito orgulhoso e que não gosta de dar-se com os vizinhos. Obriga o neto a estudar muito e só o deixa sair com o preceptor.

20

- Uma vez o neto veio trazer-nos o nosso gato, que tinha fugido.

Eu falei com ele, por cima do muro, de críquete e coisas assim, mas quando viu a Meg aproximar-se fugiu logo. Tenho a certeza de que precisa de se divertir - afirmou Jo, convicta.

- Os seus modos agradam-me. Parece um cavalheiro. Por isso, se se proporcionar ocasião para isso, não me importo que lhe fale. Até foi ele quem trouxe as flores e estive tentada a convidá-lo a entrar. Quando ouviu o barulho que vinha lá de cima, parecia desejoso de ficar.

- Foi bom não o teres convidado, mãe - riu Jo, olhando para as suas botas. - Mas há-de vir noutra altura. Talvez até queira representar um papel qualquer. Que divertido que ia ser!

- Nunca tive um ramo de flores tão bonito - disse Meg.

- Na minha opinião, as rosas de Beth ainda são mais bonitas - disse a mãe, referindo-se às que trazia ao peito.

A pequena abraçou a mãe, dizendo:

- Gostaria de poder mandar o meu ramo ao pai. Com certeza não está a passar um Natal tão bom como o nosso.

O BAILE

- Jo, onde estás? - chamou Meg da escada que dava para o sótão.
- Estou aqui - respondeu lá de cima uma voz abafada. Subindo, Meg deparou com a irmã a ler e a comer maçãs. Jo gostava de refugiar-se naquele lugar tranquilo onde tinha, por única companhia, um ratito que não se incomodava nada com a sua presença.

Ao ver Meg, o bichinho escapuliu-se.

-Trago-te uma notícia, Jo! Chegou este bilhete da senhora Gardiner a convidar-nos para uma festa que vai dar amanhã à noite. A mãe deixa-nos ir, claro, mas. . . o que vamos nós vestir?

- Que pergunta! Bem sabes que só temos os vestidos de popelina.

- Se eu tivesse um de seda. . . A mãe diz que talvez me faça um quando eu tiver dezoito anos. Mas ainda faltam dois para lá chegar!

- A popelina parece seda e os vestidos são bem bonitos. Oh! Agora me lembro: o meu tem uma mancha e uma queimadura. O que hei-de fazer? A queimadura vê-se muito. . .

- Vais ter de estar muito sossegada e procurar que ninguém te veja de costas. Eu vou comprar uma fita nova para

23

o cabelo, a mãe empresta-me o alfinete de pérolas, os meus sapatos ainda estão novos e as luvas... ainda passam.

-As minhas estão manchadas de limonada, mas vou mesmo sem luvas.

Jo nunca se preocupava com esses pormenores.

- Ah!, isso é que não - protestou Meg decidida. As luvas são a coisa mais importante. Além disso, sem luvas não podes dançar e eu ficaria tristíssima.

-A mim tanto me faz dançar como não dançar. Não acho nada divertido andar às voltas pelo salão.

- A mãe já disse que não pode comprar-te outras luvas. Tens mesmo a certeza de que não podes usar as tuas?

- Talvez, se as levar na mão. . . Olha! Podemos levar cada uma de nós uma luva calçada e a outra na mão.

- As tuas mãos são maiores do que as minhas. . . Ias alargar-me a luva. . .

- Então vou sem luvas. Não me importa o que possam dizer - concluiu Jo, voltando a pegar no livro que estava a ler.

- Está bem, empresto-te a luva, mas não a estragues e porta-te bem. Não ponhas as mãos atrás das costas nem digas: Cristóvão Colombo! como costumias.

- Descansa. Vou ficar tão direita como se tivesse engolido um pau

de vassoura e não farei má figura, se puder. Vai lá responder ao convite e deixa-me com o meu livro, que é muito interessante. Meg foi-se embora e Jo, acabada a leitura, pôs-se a brincar com o ratinho.

Na véspera de Ano Novo, as duas irmãs mais novas serviam de criaditas das mais velhas, ajudando-as a vestirem-se para o baile. De repente, começou a cheirar a cabelo queimado. Meg queria levar caracóis e Jo prestou-se a apertar-lhe, com umas tenazes quentes, as madeixas enroladas em papelotes.

24

- Este cheiro é natural? - perguntou Beth.

- Deve ser a humidade a evaporar-se - aventou Jo. Agora vou tirar os papelotes e vais ver que lindos caracóis!

Mas, em vez disso, o cabelo veio agarrado ao papel.

- Oh! O que foste fazer! Ai, o meu rico cabelo - chorava Meg, olhando para o friso de cabelo queimado.

- Não me devias ter pedido para fazer isto, sabendo que eu estrago tudo em que ponho as mãos. Tenho imensa pena. O ferro devia estar muito quente - suspirou Jo com as lágrimas nos olhos.

- Não te apoquentes, Meg. Frisa os cabelos que ficaram e ata uma fita de modo que as pontas te caiam ligeiramente sobre a testa. Agora está na moda - lembrou Amy para a consolar.

- Foi bem feito, para eu não ser tão vaidosa! - exclamou Meg.

- Ele volta a crescer depressa - consolou Beth, dando um beijo na ovelha tosquiada".

As duas irmãs estavam muito bonitas, com os seus vestidos simples: o da Meg, prateado, de um tom entre o cinzento e o castanho, com uma faixa de veludo azulada e gola de renda; o da Jo, castanho, com uma aplicação de linho que lembrava um colarinho gomado de homem. Cada uma calçou uma luva muito bonita de cor clara, levando dobrada na

mão a outra que tinha nódoas. Os sapatos de salto alto da Meg estavam-lhe muito apertados e magoavam-lhe os pés.

Os dezanove ganchos de cabelo da Jo parecia estarem-lhe pregados na cabeça! Todas foram de opinião que o efeito conseguido era muito fino!

- Divirtam-se, minhas queridas...! - desejou-lhes a senhora

March.- Não comam demais e venham assim que eu mandar a Hanna buscar-vos. Levam os lencinhos bonitos?

- Sim, mãe - riu Jo.- A Meg até pôs água-de-colónia

25

no dela. E, enquanto se afastavam, acrescentou:

- Tenho a certeza de que a mãe nos faria a mesma pergunta se fôssemos a fugir de um terramoto!

- A mãe tem razão, por que uma verdadeira senhora conhece-se pelo calçado, pelas luvas e pelo lencinho - declarou Meg, que

herdara os mesmos gostos.

Quando chegaram à festa, sentiram-se um pouco inibidas, porque era raro irem a reuniões. Mas a senhora Gardiner cumprimentou-as amavelmente, entregando-as ao cuidado da filha mais velha.

Meg foi logo convidada para dançar, mas Jo, vendo um rapaz ruivo aproximar-se e temendo que ele a convidasse também, escondeu-se atrás de uma cortina. Entretanto, já alguém tinha escolhido aquele refúgio e, de repente, achou-se em frente do neto do senhor Laurence.

- Desculpe! Não sabia que estava aqui gente. - E Jo dispunha-se a deixar aquele esconderijo.

Mas o rapaz começou a rir e, apesar de um pouco surpreso, disse afavelmente:

- Não tem importância. Se quiser, deixe-se ficar.

- Não o incomodo?

- Absolutamente nada. Vim para aqui porque me sentia um pouco deslocado. Quase não conheço ninguém.

- Comigo passa-se o mesmo. Não se vá embora. . . , a não ser que queira.

Jo, sentindo o embaraço que se instalara entre eles, disse, procurando ser educada:

- Creio que já tive o prazer de o encontrar. Mora na casa ao lado da nossa, não é verdade?

- Sim, somos vizinhos. - E começou a rir, já completamente à vontade.

- Gostámos muito do presente de Natal que nos mandou.

26

- Foi coisa do avô.

-Mas aposto que foi você quem teve a ideia!

Para não responder, o rapaz perguntou, procurando ficar sério:

- Como está o seu gato, menina March?

- Está ótimo, senhor Laurence, mas devo adverti-lo de que não sou menina March, mas simplesmente Jo.

-Nem eu senhor Laurence. Apenas Laurie.

-Laurie Laurence? Que engraçado!

- O meu primeiro nome é Teodoro, mas os rapazes chamam-me Dora, e por isso prefiro que me tratem por Laurie.

-Eu chamo-me Josefina, mas todos me chamam Jo.

Como conseguiu que os rapazes deixassem de o tratar por Dora?

- A murro.

- Eu não posso bater na minha tia. De modo que tenho de me resignar.

As maneiras um pouco arrapazadas de Jo iam fazendo desvanecer a timidez de Laurie, que se estava a divertir imenso. Quanto a ela, estava bem contente, porque já se tinha

esquecido do vestido e Meg não andava por perto para lhe franzir o sobrolho.

Por momentos, Laurie pôs os olhos no chão e disse com brandura:

- Aqui ao lado há uma sala ampla onde podíamos dançar à vontade. Não quer?

Jo aceitou, entusiasmada, mas quando viu as lindas luvas cinzento-pérola que o rapaz calçava desejou naquele instante que as suas também fossem bonitas.

A sala, com efeito, estava vazia, por isso dançaram à vontade e Jo divertiu-se imenso, pois Laurie ensinou-lhe a dançar a polca alemã, que era muito movimentada.

Quando a música terminou, sentaram-se ambos na escada

27

para descansar, enquanto o jovem lhe contava episódios de uma festa de estudantes em Heidelberg. Apareceu então Meg, que procurava Jo. Esta, a um sinal da irmã, seguiu-a imediatamente. Meg, muito pálida, sentou-se num sofá.

- Torci um tornozelo... Estes saltos tão altos! Dói-me tanto! Não sei como vou conseguir chegar a casa.

- Já estava à espera que te magoasses por causa desses sapatos. Temos de chamar uma carruagem ou então vamos ficar aqui toda a noite - dizia Jo enquanto esfregava suavemente o pé magoado.

- Uma carruagem é muito caro. De resto estão muito longe e não temos ninguém para lá mandar.

- Vou lá eu mesma.

- Nem penses nisso. Está muito escuro. E aqui também não posso ficar. Há vários convidados e não sobra lugar para mim. Fico agora a descansar enquanto não vem a Hanna e depois tentarei andar.

- Se contar a Laurie, ele vai logo buscar uma carruagem

- lembrou Jo.

- Não lhe digas nada! Não vou poder dançar mais mas, quando acabar a ceia, espera que venha Hanna e vem avisar-me.

- Prefiro estar ao pé de ti. Não vou cear.

- Não, Jo, vai e traz-me uma chávena de café.

Meg estendeu-se então no sofá. Jo foi para a sala de jantar, mas antes de lá chegar, entrou num salão chinês e abriu a porta de um quarto, onde o senhor Mortimer tomava a sós uma pequena refeição.

Quando chegou à sala de jantar, procurou uma chávena de café que entornou sobre a frente do vestido. Esta ficou tão deplorável como as costas.

- Como sou desastrada! - exclamou, ao mesmo tempo que inutilizava também a luva de Meg, com a qual se pusera a limpar o vestido.

28

29

- Dá-me licença que a ajude? - disse uma voz amável.
Era Laurie, com uma chávena cheia de café numa das mãos e um prato com gelados na outra.

- Ia levar café à Meg, que está muito cansada, mas entornei-o por cima de mim.

- E eu andava precisamente à procura de uma pessoa a quem oferecer estas coisas, de modo que podemos levar-lhas.

- Oh! Muito obrigada!

Uma vez junto de Meg, Laurie puxou para junto dela uma pequena mesa, foi buscar uma segunda dose de gelados e ca fé e mostrou-se tão solícito que mesmo Meg, que era muito

exigente, o achou simpático. Juntaram-se ali vários jovens com quem se entretiveram a jogar alguns jogos pacatos, até que foram surpreendidos pela chegada de Hanna. Meg, esquecida do seu tornozelo, levantou-se tão rapidamente que teve de encostar-se a Jo, soltando um grito de dor.

- Fui eu que dei um jeito ao pé - explicou para disfarçar. E tentou subir a escada para ir vestir os abafos, mas não conseguiu fazê-lo.

Jo tentou arranjar uma carruagem, pedindo a um criado, mas este estava ali de ocasião e não conhecia aqueles sítios. Estavam nestes apuros, quando apareceu de novo Laurie, que lhes ofereceu a carruagem do avô, que acabara de chegar para o vir buscar.

- Ainda é muito cedo. . . Mas a verdade é que ela não pode andar - disse Jo, encantada com a oferta, mas hesitando aceitá-la.

- Eu costumo voltar para casa cedo. Permitam-me que as acompanhe. Fica no meu caminho e, além disso, segundo parece, está a chover.

Isto decidiu Jo. Contou-lhe o acidente que Meg tivera e
30

aceitou o convite muito grata. Correu a buscar a irmã e Hanna. Pouco tempo depois, subiam as três para a elegante carruagem fechada, onde se sentiram como pequenas princesas. Laurie ia junto do cocheiro e assim Meg pôde colocar o pé com mais comodidade e falar com Jo da festa.

-Eu diverti-me imenso. E tu, Meg?

- Diverti-me até ao momento em que torci o pé. Uma amiga de Sally convidou-me para ir passar uma semana a casa dela, durante a temporada de ópera. Como vai ser divertido, se a mãe me deixar ir!

-Vi-te dançar com aquele rapaz de cabelo ruivo, de quem eu fugi. Achaste-o simpático?

-Muito. E o cabelo não é ruivo mas castanho.

- Parecia um gafanhoto, quando estavam a dançar aquela dança nova. Ouviste-me rir com o Laurie?

- Não, mas isso é uma falta de educação. O que estavam a fazer

ali escondidos?

Jo explicou o que havia sucedido e, quando acabou, estavam em frente de casa. Deram as boas-noites a Laurie, expressando-lhe o mais vivo reconhecimento, e entraram cuidadosamente para não acordar ninguém. Mas a porta do quarto rangeu um pouco e apareceram duas pequenas toucas de dormir. Duas vozes ansiosas pediram baixinho:

- Contem-nos como foi o baile. . .

Jo havia cometido a grave incorrecção, na opinião de Meg, de guardar alguns bombons para levar às irmãzitas que, depois de terem ouvido os sucessos da noite, voltaram para as suas camas.

- Isto de voltar para casa de carruagem e estar aqui sentada enquanto uma criada trata de mim faz-me sentir uma rapariga rica - disse Meg, enquanto Jo lhe punha uma ligadura no pé e lhe escovava o cabelo.

31

- Não creio que essas raparigas sejam mais felizes do que nós, apesar dos caracóis queimados, dos vestidos velhos e dos sapatos apertados, que nos fazem passar um mau bocado quando caímos na asneira de os calçar.

E parece que Jo tinha razão!

32

IV

TRABALHOS

- Oh, como é difícil recomeçar a trabalhar! - lamentava-se Meg no dia a seguir ao baile.

As férias tinham acabado e, depois de uma semana de divertimentos, não era nada fácil voltar à monotonia do dia-a-dia.

- Quem dera que fosse sempre Natal ou Ano Novo - bocejou Jo tristemente.

- Não teríamos metade da felicidade que gozámos hoje, provavelmente, se bem que é agradável comer coisas boas, receber ramos de flores, ir a bailes e não trabalhar. Sempre invejei as raparigas que podem fazer estas coisas. Gosto muito do luxo - disse Meg, procurando entre os seus vestidos o menos usado.

- Mas como isso não é possível, o melhor é não nos queixarmos. Peguemos no nosso fardo e carreguemos com ele tão alegremente como faz a mãe. A tia March é um pequeno fardo para mim, mas tenho a certeza de que, quando tiver aprendido a carregar com ele, tornar-se-á mais leve e deixará de me incomodar.

Hanna entrou, trazendo bolinhos de maçã, que as pequenas levaram para comer mais tarde e que, como estavam quentes, até lhes serviam para aquecer as mãos.

33

- Estimo as tuas melhoras, Beth. Adeus, mamã. Estamos impacientes mas, quando voltarmos, estaremos uns anjos. Vamos embora, Meg. . . - e Jo deu o exemplo.

Antes de dobrar a esquina, voltavam-se sempre para trás, pois a mãe ficava à janela para se despedir com um aceno e um sorriso. Sem aquele adeus que era para elas como um raio de Sol, alguma coisa pareceria faltar-lhes durante o dia.

- Em vez de nos enviar um beijo, a mãe devia ameaçar-nos com o punho - disse Jo. - Não passamos de umas ingratas pouco inteligentes.

- Não uses esse vocabulário tão vulgar.

- Gosto de palavras fortes, que tenham conteúdo.

- Podes referir-te a ti como quiseses, mas eu não me sinto nada disso que tu disseste.

- Coitada de ti. Estás descontente porque não podes viver à grande. Mas espera que eu seja rica e logo terás lindos vestidos, carruagens e até rapazes de cabelo ruivo para dançarem contigo.

- És tonta! - mas Meg sentiu-se melhor depois das palavras da irmã.

- se fôssemos a encarar as coisas como tu. Graças a Deus, encontro sempre razões para me divertir! Não rabujes mais e vais ver que regressas a casa de bom humor.

Jo deu à irmã uma palmada animadora nas costas e separaram-se, tomando cada uma o seu caminho.

Quando o senhor March perdeu toda a sua fortuna por querer

ajudar um amigo, as duas filhas mais velhas pediram para ir trabalhar. E como os pais queriam que elas fossem enérgicas, independentes e trabalhadoras, consentiram-no.

Meg arranhou uma colocação como professora, mas era-lhe mais difícil trabalhar do que a Jo, porque se lembrava bem do tempo em que não havia falta de nada em casa. Esforçava-se

34

por não ser invejosa, mas em casa dos King sentia faltar-lhe aquilo que tanto desejava para si, porque as irmãs mais velhas das crianças que ensinava já tinham sido apresentadas na sociedade e Meg via-as com esplêndidos vestidos e falando de toda a espécie de divertimentos. Além disso, reparava que aquilo que gastavam em bagatelas ter-lhe-ia sido bem útil a ela. Quando pensava na injustiça que isso representava, sentia-se amargurada, e nem se apercebia de como era rica em qualidades que contribuem para a verdadeira felicidade.

Jo arranhou emprego em casa da tia March, que era coxa e precisava de alguém que a tratasse. Quando o senhor March caiu na ruína, ela, que não tinha filhos, quis adoptar uma das meninas, porém os March, que não eram interesseiros, recusaram, dizendo àqueles que os censuravam:

- Não damos as nossas filhas, nem a troco de uma dúzia de fortunas. Ricos ou pobres, havemos de nos manter juntos e de ser felizes na companhia uns dos outros.

A princípio, a velhota, ressentida, cortou relações com eles, mas certo dia encontrou Jo em casa de uma amiga comum e agradou-lhe o ar desenvolvido da rapariga, a quem logo propôs emprego em sua casa. A perspectiva não entusiasmava Jo, mas teve de aceitar, porque não lhe aparecia nenhuma outra oportunidade e, para espanto de toda a gente, deu-se admiravelmente com a tia. Às vezes discutiam e aconteceu mais de uma vez que Jo saiu para casa, dizendo que não voltava mais. Mas a tia mandava sempre buscá-la com tal insistência que Jo, que no fundo se lhe afeiçoara, acabava sempre por regressar.

Claro que o que mais atraía a jovem naquela casa era a biblioteca, com a qual ninguém se interessava desde a morte do tio March. Ela nunca se esquecera do simpático velhote, que a deixava construir pontes e linhas de caminhos de ferro

35

com os seus dicionários, lhe explicava o significado das gravuras que ilustravam os livros e lhe comprava guloseimas sempre que a encontrava na rua.

Beth ficara em casa porque era muito acanhada para frequentar a escola. Tentara ir, mas sofria tanto que resolveram deixá-la em casa e, desde então, era o pai que lhe dava as lições. Agora, que ele estava ausente e que a mãe tinha de dedicar todas as horas livres ao serviço de assistência aos soldados", Beth

continuava a estudar sozinha com muita aplicação.

Apesar de tudo, Beth também tinha os seus problemas como as irmãs e às vezes choramingava um pouco, porque não podia receber lições de música nem ter um piano bonito. Contudo, tentava aprender por si mesma no único piano que tinham, já velho e desafinado, pensando que talvez um dia alguém (sem se referir à tia March) pudesse ajudá-la a obter outro melhor. Mas ninguém parecia interessado em o fazer, daí os seus momentos de tristeza, que aliás passavam depressa, visto que cantava alegremente enquanto fazia os trabalhos domésticos e, esperançada, pensava: Sei que, se for boa, um dia virei a conseguir o que desejo."

Quanto a Amy, se alguém lhe tivesse perguntado qual o seu maior desgosto, teria respondido imediatamente:
O meu nariz."

Quando era ainda muito pequena, Jo deixara-a cair dentro da carvoeira e ela afirmava que aquela queda lhe deformara para sempre o nariz. Era um pouco achatado e, por mais apertões que lhe desse com os dedos, não conseguia que ele ficasse com um ar aristocrático. Ninguém notava nada, mas Amy lamentava-se por não ter um nariz grego e, para se consolar, desenhava constantemente narizes bonitos.

Amy estava no melhor caminho para se tornar antipática, pelos mimos demasiados que faziam aumentar a sua vaidade e egoísmo. O que mais feria a sua vaidade própria era o facto
36

de ter de usar os vestidos deixados pela sua prima Florência, cuja mãe tinha um gosto deplorável. Os fatos eram de boa qualidade e estavam pouco usados, mas Amy preferia pôr um chapéu azul em vez de vermelho e detestava os bibes estapafúrdios que não diziam com o resto.

A confidente de Amy era Meg, que lhe dava conselhos.

Da mesma forma, Jo, pela singular atracção dos opostos, era a confidente e conselheira de Beth. Só a Jo, a tímida menina, revelava os seus pensamentos e, ao mesmo tempo, a pequena exercia mais influência do que ninguém sobre a irmã rebelde e estouvada. As duas irmãs mais velhas eram muito amigas; cada uma tomara a seu cargo uma das mais novas e cuidava dela a seu modo, a brincar às mães, como ambas diziam.

- Ninguém tem nada para contar? Passei um dia aborrecido e preciso de distracção - disse Meg nessa noite, quando se sentaram para costurar.

- Hoje tive uma cena muito curiosa com a tia March disse Jo, que gostava muito de contar os pequenos incidentes que se passavam com ela: - estava eu a ler aquele interminável Belsham num tom monótono, como de costume, para ver se ela adormecia e eu podia ir ler algum livro mais interessante, até que ela acordasse, quando quem teve sono, antes que ela começasse a deixar cair a

cabeça, fui eu. E bocejei de tal forma que ela me perguntou se eu queria engolir o livro.

- Quem me dera! Assim acabava com ele de uma vez!, exclamei, embora não quisesse parecer impertinente.

Então fez-me um sermão interminável acerca dos meus defeitos e disse-me que reflectisse sobre eles enquanto ela dormia um pouco. Esperei e, quando vi que a touca se inclinava para um lado, como uma dália muito repolhuda, tirei do bolso o Vicar of Wakefield e comecei a lê-lo, deitando olhares furtivos

37

para a tia. Quando cheguei àquele ponto em que todos caem à água, esqueci-me dela e desatei a rir. A tia acordou e lá tive de voltar ao maçoado Belsham.

- Agora me lembro - disse Meg - que também tenho uma coisa para contar. Não é tão divertido como a história de Jo, mas fez-me reflectir muito no caminho para casa. Os King estavam hoje muito irritados. Uma das pequenas contou-me que o irmão mais velho fizera qualquer coisa de terrível e que o pai o expulsara de casa. Ouvi o senhor e a senhora a discutir, e ela até chorava. A Graça e a Helena viraram a cara quando passei, para eu não lhes ver os olhos vermelhos de chorar. Não fiz perguntas, mas tive pena delas e sinto-me contente por não ter um irmão que possa envergonhar a família.

- Acho que ser posta de castigo na escola é muito pior do que aquilo que possam fazer os rapazes maus - sentenciou Amy, como se a sua experiência da vida fosse muito vasta. - A Susana Parkings apareceu hoje na escola com um anel de coralina vermelha no dedo. Senti tanta, tanta vontade que ele fosse meu que desejei estar no lugar dela. Bem, mas ela fez a caricatura do professor, com um nariz enorme e uma corcunda, com as palavras Meninas, olhem que as estou a vigiar, a saírem-lhe da boca. Estávamos todas a rir da caricatura, quando ele reparou que alguma coisa se passava e mandou a Susana levar-lhe a pedra. Embora estivesse cheia de medo, teve de obedecer. E o que imaginam que ele fez? Depois de lhe puxar uma orelha, vejam só que horror: levou-a para cima do estrado e fê-la estar ali meia hora com a pedra na mão para que todas a pudessem ver.

-E vocês, não começaram todas a rir? - perguntou Beth, divertida.

- Nem uma. Ficámos muito caladas e a Susana chorou durante muito tempo. Garanto-vos que não a invejei, pois,

38

mesmo que tivesse muitos anéis, eles não me compensariam de uma vergonha daquelas.

Depois de ter contado isto, Amy continuou o seu trabalho, muito satisfeita com a sua conduta e com a correcção com que falara.

- Eu esqueci-me de vos contar uma coisa que vi esta manhã e de que gostei - disse Beth, que estava a arrumar a desordenada cesta

de costura de Jo. - Hanna tinha-me mandado ir comprar ostras e o senhor Laurence estava na peixaria, mas não me viu, porque me escondi por detrás de uma barrica. Então entrou uma mulher que pediu ao empregado que a deixasse fazer algum trabalho de limpeza, a troco de um pouco de peixe, pois nesse dia não conseguira arranjar trabalho e não tinha nada para dar de comer aos seus dois filhos. O homem estava ocupado e disse-lhe que não, com modos bruscos. Mas, quando ela se ia embora com um ar muito triste, o senhor Laurence apanhou um grande peixe com a volta da bengala e deu-lho. A pobre mulher, muito espantada e também muito contente, pegou nele e começou a agradecer ao cavalheiro, mas ele disse-lhe que não eram precisos tantos agradecimentos e que fosse antes para casa cozinhá-lo. Ia tão contente pela rua fora, aquela pobre mulher, a dizer que desejava ao senhor Laurence muitas felicidades! Eu acho que foi uma acção muito bonita.

Todas comentaram o que Beth relatara e depois disseram à mãe que era a sua vez de lhes contar alguma coisa. A senhora March pensou durante alguns instantes e depois disse:

- Era uma vez quatro irmãs que tinham bastante que comer e que vestir, conforto e divertimentos, boas amizades, pais que as amavam do fundo do coração; mas, apesar disso, não viviam satisfeitas. . . - Nesta altura as raparigas olharam-se de soslaio e começaram a coser com muita diligência.

- Essas meninas tinham um profundo desejo de serem boas

39

e tomavam resoluções excelentes, mas por vezes, não conseguiam mantê-las e diziam: Se eu ao menos tivesse isto!.. Se eu tivesse aquilo !. . . " esquecendo o muito que já tinham e as coisas agradáveis que podiam fazer. Um dia perguntaram a uma velhota o que podiam fazer para serem mais felizes, e a velha disse-lhes: Quando estiverem descontentes, meditem nas coisas boas que já têm e mostrem-se agradecidas.

- Jo levantou a cabeça como se quisesse dizer alguma coisa mas, vendo que a história ainda não tinha acabado, mudou de ideias.

- Como eram raparigas sensatas, resolveram pôr em prática o conselho da velha e ficaram surpreendidas com os bons resultados. Uma delas descobriu que o dinheiro não pode defender da vergonha e do sofrimento a casa dos ricos. Outra descobriu que, apesar da pobreza, era mais feliz com a sua juventude do que uma certa senhora de idade cheia de achaques e mau humor e incapaz de gozar das comodidades de que dispunha. A terceira descobriu que, apesar de se aborrecer por ter de fazer a comida, seria muito pior se tivesse de pedir esmola. E a quarta descobriu que vale mais uma boa conduta do que um lindo anel. Por isso decidiram deixar de se queixar, para desfrutar as coisas boas que possuíam e fazer por merecê-las, para que estas não lhes fossem tiradas. E parece que nunca tiveram que se lamentar por seguirem o conselho da

velhota.

- Que habilidade, mãe! Volta as nossas histórias contra nós e, em vez de nos contar um conto, prega-nos um sermão

- disse Meg.

- Não esqueceremos a lição, mãe. E, se isso acontecer, diga-nos o mesmo que a velha Chloe da Cabana do Pai Tomás: Pensem nas mercês que receberam, meninas, pensem nelas, - acrescentou Jo, sem poder evitar um comentário divertido, embora tivesse tomado a lição a sério.

BONS VIZINHOS

- O que é que te passou pela cabeça agora, Jo? - perguntou Meg numa tarde de neve, ao ver a irmã atravessar o vestíbulo com botas de borracha, uma capa com capuz e levando nas mãos uma pá e uma vassoura.

-Vou sair para fazer exercício - respondeu ela, com uma piscadela de olhos maliciosa.

- Parece-me que os dois longos passeios desta manhã foram suficientes. O tempo está enovoadado e faz frio. Seria melhor deixares-te ficar junto do lume, como eu.

- Não sou capaz de estar quieta todo o dia e, como não sou gato, não gosto de dormitar ao pé do fogão. Gosto de aventuras e vou à procura delas.

Meg voltou para junto do lume para se aquecer enquanto lia o Ivanhoe, e Jo, na rua, começou a abrir caminhos no jardim com toda a energia. A neve era pouco espessa e assim não tardou a aparecer um caminho que dava a volta ao jardim, por onde Beth pudesse passear com as suas bonecas, quando houvesse sol. Esse jardim separava a sua casa da dos Laurence; ambas ficavam nos subúrbios da cidade, que eram ainda campo, com pequenos bosques, prados, hortas e ruas sossegadas. A casa dos March era um pouco escura e sem cor, nesta época do ano em que estava despida das trepadeiras

41

e em que não havia flores no jardim. Do outro lado, erguia-se uma imponente moradia em que tudo, desde a cocheira e da rua que conduzia à estufa, até às belas coisas que se vislumbravam por entre os sumptuosos cortinados das janelas, denunciava luxo e toda a espécie de confortos.

Apesar disso, era uma casa de aspecto solitário e vazia... Não havia crianças a brincar no jardim nem um rosto maternal assomava às janelas para lhes sorrir. Exceptuando o senhor Laurence e o neto, poucas eram as pessoas que se viam entrar e sair.

Desde a noite do baile, Jo ficou mais interessada do que nunca em estabelecer contacto com o vizinho e idealizou vários meios para o conseguir. Mas, como não o via, julgou que ele se tinha ido embora. Todavia, uma vez avistou um rosto moreno a olhar tristemente para o jardim das vizinhas I onde Amy e Beth atiravam bolas de neve uma à outra.

Este rapaz sofre por falta de companhia e divertimentos" -

pensou ela. O avô, conservando-o assim fechado mostra que não se apercebe do que ele precisa: ter em volta meia-dúzia de rapazes alegres e divertidos. Dá-me vontade de ir lá dentro e dizer isso àquele velho."

Essa ideia seduzia-a, porque gostava muito de aventuras. Se bem que suspeitasse que Meg se iria escandalizar, não se esquecia daquele projecto de entrar em casa dos vizinhos e quando chegou aquela tarde de neve, estava disposta a tentar e ver o que poderia fazer. Como viu o senhor Laurence sair de carruagem, pôs-se a abrir um caminho até à sebe que separava os dois jardins e ali parou para fazer o exame da situação. Não se via nenhum criado e o único ser humano visível era uma cabeça de cabelos negros e encaracolados apoiada numa delicada mão.

Lá está ele! Pobre rapaz! Completamente só, até parece doente, num dia triste como este! Vou atirar lá para cima uma bola de neve, para lhe chamar a atenção, e depois

42

digo-lhe qualquer coisa para o animar. Se bem o pensou melhor o fez, e naquele instante o rapaz voltou a cabeça com o rosto animado e lábios sorridentes. Jo acenou-lhe, rindo e, enquanto agitava a vassoura cá de baixo, gritou-lhe:

- O que se passa? Está doente?

Ele abriu a janela e falou num tom de voz tão rouco que parecia um corvo.

- Um pouco, mas já estou melhor. Tive uma constipação muito forte que me fez estar metido em casa uma semana.

-Tenho muita pena. Como é que você se distrai?

-Com nada. Isto aqui é soturno como um sepulcro.

- Não costuma ler?

- Quase nada. Não me deixam.

- E ninguém lê para você ouvir?

-Não me apetece receber visitas dos rapazes. Fazem muito barulho e ainda me dói a cabeça.

- E se fosse uma rapariga? No geral são mais sossegadas e gostam de ser enfermeiras.

-Não conheço nenhuma.

-Conhece-nos a nós - e Jo interrompeu-se para rir.

- Você não se importava de vir? - exclamou o rapaz.

- Eu não sou o que se possa chamar uma rapariga sossegada, mas se a minha mãe deixar, não me importo de ir. Vou perguntar-lhe. Entretanto feche a janela e espere um pouco.

E Jo deitou a correr para casa com a vassoura na mão. Durante esse tempo, Laurie, animado com a perspectiva, foi preparar-se, pois, como dizia a senhora March, era um cavalheiro e queria prestar as devidas honras à visita que lhe ia fazer companhia. Passou uma escova pelos cabelos encrespados, pôs um colarinho

limpo, deu uma arrumação ao

43

quarto, que bem precisava dela apesar dos seis criados que havia em casa.

Ao fim de algum tempo, ouviu-se um toque de campainha e uma voz decidida perguntou pelo senhor Laurie. Um criado muito admirado subiu a anunciá-la.

- Diz-lhe que suba. É a menina Jo - disse Laurie, dirigindo-se ao encontro da rapariga que apareceu sorridente e amável, com um prato coberto numa das mãos e os três gatinhos de Beth na outra.

- Aqui estou com armas e bagagens - disse ela alegremente. A mãe manda-lhe cumprimentos e diz que será um prazer se puder ser-lhe útil em alguma coisa. A Meg quis que eu lhe trouxesse um pouco do gelado feito por ela. E Beth achou que talvez os gatinhos o distraíssem. Eu já calculava que se ia rir, mas ela tinha tanta vontade de fazer qualquer coisa por si que não fui capaz de lhe dizer que não.

E o facto é que a ideia de Beth veio mesmo a calhar, pois, enquanto se ria das gracinhas dos gatos, Laurie esqueceu a sua timidez e tornou-se imediatamente sociável.

- Você foi muito amável. Era isto que me faltava. Faça o favor de se sentar e deixe-me fazer alguma coisa para a entreter.

- Eu é que vim para o distrair. Quer que lhe leia em voz alta?

- Jo olhava para os livros com grande interesse, pois pareciam-lhe muito atraentes.

- Obrigado, mas já os li todos e, se isso não a aborrece preferia conversar. Gosta do colégio que frequenta?

- Não ando no colégio. Ganho a vida como dama de companhia da minha tia- avó. É uma velhota rabugenta, mas com muito bom fundo.

E, para o distrair, descreveu o retrato da enfadonha senhora, do seu cão-d'água, do papagaio que falava espanhol... E, quando contou a história daquele cavalheiro velho

44

e aperaltado que uma vez fora pedir a mão da tia March e a quem o papagaio arrancou a peruca, no momento em que o senhor estava no meio de uma frase muito cheia de floreios, Laurie largou a rir com tanta vontade que uma criada espreitou para dentro do quarto para ver o que estava a acontecer.

-Isto é que me faz bem! Continue, por favor.

Muito contente com o êxito alcançado, Jo continuou a falar dos seus projectos e esperanças e dos acontecimentos do pequeno mundo em que as raparigas viviam. Dentro de pouco tempo estavam já a conversar de livros e Jo ficou muito bem impressionada por verificar que ele não só gostava de ler como ela, mas que também tinha lido muito mais.

- Venha cá abaixo ver os nossos livros. O meu avô não está em casa.

Não tenha medo.

- Eu não tenho medo de nada - replicou Jo.

- Não duvido - afirmou o jovem, olhando-a admirado, embora pensando intimamente que seria muito difícil ela não ter medo do avô, se o apanhasse num dos seus momentos de mau humor.

Laurie conduziu Jo através de várias salas, deixando-a parar de vez em quando para admirar qualquer coisa que lhe chamasse a atenção, até chegarem à biblioteca. Aí, Jo bateu com as mãos uma na outra e começou aos saltinhos, cheia de entusiasmo: além dos inúmeros livros, havia quadros e estatuetas, vitrinas com moedas e curiosidades, confortáveis poltronas, mesas muito originais, peças de bronze e, melhor que tudo o resto, um grande fogão de sala com azulejos a toda a volta.

- Que riqueza! - exclamou Jo, deixando-se cair numa cadeira forrada de veludo, enquanto olhava em volta cheia de admiração. E acrescentou: - Você deve sentir-se o rapaz mais feliz do mundo!

45

- Uma pessoa não pode ser feliz apenas porque tem muitos livros

- replicou ele, sentando-se sobre uma pequena mesa.

Naquele momento soou uma campainha e Jo levantou-se da poltrona de um salto, exclamando alarmada:

- Oh ! É o seu avô !

- O que é que isso tem? Você não tem medo de nada, Pois não?

- disse o rapaz maliciosamente.

-Dele tenho um pouco, embora não saiba porquê. A mãe deu-me licença para vir e julgo que não estou a mal cá-lo - murmurou Jo, tentando dominar-se mas sem despegar os olhos da porta.

-Antes pelo contrário, e não sei como agradecer-lhe.

Uma criada entrou para anunciar:

- L o médico que vem ver o menino.

- Vou ter que recebê-lo - desculpou-se Laurie.

- Não se importe comigo. Sinto-me aqui muito bem.

Laurie saiu e ela entreteve-se à sua maneira. Estava em frente de um belo retrato do avô de Laurie, quando a porta se abriu outra vez, e ela, sem se voltar, disse com o seu modo decidido:

- Agora já tenho a certeza de que não vou ter medo dele, porque tem um olhar bondoso, embora a expressão da boca seja um pouco triste, e dá a impressão de que as pessoas assim podem dizer coisas inesperadas. Não é tão bonito como o meu avô, mas gosto dele.

- Obrigada, menina! - respondeu por detrás dela uma voz um tanto ou quanto áspera.

Voltou-se assustada e achou-se defronte do senhor Laurence. Ficou muito vermelha e o coração começou a bater desordenadamente. Sentiu um desejo intenso de fugir, mas isso seria uma cobardia e as irmãs depois iriam fazer troça dela, por isso decidiu ficar e enfrentar a situação. Nesse instante,

reparou na expressão bondosa, que já notara no retrato e um certo ar malicioso que lhe fez desaparecer muito do medo que tivera. Depois de uma pausa, a voz do avô era ainda mais áspera quando perguntou:

-Então não tem medo de mim, hem?

-Não senhor, não tenho.

O ancião esboçou um breve sorriso, estendeu-lhe a mão e, pondo-lhe um dedo por debaixo do queixo, levantou-lhe o rosto, dizendo depois de o examinar com gravidade:

- A menina herdou o carácter do seu avô, embora as feições sejam diferentes. Era um homem corajoso e honrado, e eu tenho orgulho de o ter tido como amigo.

-Muito obrigada! - e Jo sentiu-se logo à vontade.

- O que é que tem estado aqui a fazer ao Laurie? - perguntou ele severamente.

- A tentar distraí-lo.

E contou-lhe os motivos da sua visita.

- Acha então que ele precisa de se distrair?

-Acho, sim. Está muito só e precisa da companhia de um rapaz da mesma idade. Nós também não nos importamos de lhe fazer companhia, mesmo sendo raparigas, pois ainda não nos esquecemos do seu presente de Natal.

- Isso foi lá ideia do rapaz. . . E como está a pobre mulher?

- Muito melhor - e Jo contou que a mãe tinha conseguido que algumas famílias, com mais posses do que as delas, se interessassem por aquela pobre gente.

-Era exactamente a maneira que o seu avô tinha de fazer o bem. Diga-lhe que, assim que tiver tempo, irei visitá-la. Está a tocar a campainha para o chá. Nós tomamo-lo

Cedo por causa do rapaz. Desça comigo até à sala de jantar.

- Se gosta da minha companhia. . .

- Se não gostasse não a convidava - replicou ele, oferecendo-lhe o braço.

Que diria a Meg se me visse agora?", dizia Jo para consigo, encantada, enquanto descia a escada pelo braço do senhor Laurence.

Laurie vinha também a descer, correndo, e vendo os dois de braço dado estacou, pasmado.

- O que se passa com este rapaz?

- Não sabia que o avô estava aqui. . . - começou ele a desculpar-se, enquanto Jo o fitava, triunfante.

- Já calculava, vendo-te descer a escada nessa galopada. Vem tomar chá e porta-te como um cavalheiro.

E o ancião, depois de dar, carinhosamente, um puxão de

cabelos ao rapaz, continuou o seu caminho.

Enquanto tomavam chá, o senhor Laurence reparou na transformação que se havia operado no neto. O rosto tinha mais cor e mais vivacidade, e ria espontaneamente.

Esta pequena tem razão. O rapaz está muito isolado. Veremos o que é que elas podem fazer para o distrair, pensou, enquanto os ouvia tagarelar animadamente. Jo agradava-lhe, por causa dos seus modos bruscos e originais.

Por seu lado, ela gostava dos Laurence porque não eram pretenciosos nem convencidos. Achou que eram francos e espontâneos, o que fez com que ela se comportasse da mesma forma e lhes causasse boa impressão. Antes de se ir embora, Laurie levou-a a ver a estufa que estava iluminada em sua honra. À Jo, aquilo pareceu um país de fadas, com flores por todos os lados, uma luz suave, o ambiente tépido, as plantas exóticas. Laurie formou um ramo com as flores mais belas que encontrou e ofereceu-lho com uma expressão alegre no rosto:

- Tenha a bondade de o entregar a sua mãe e diga-lhe que o remédio que ela me mandou me fez muito bem.

48

Foram encontrar o senhor Laurence num salão onde havia um lindo piano de cauda.

- Você toca piano? - perguntou Jo a Laurie.

- Às vezes.

- Não se importava de tocar agora, para eu poder contar à Beth?

- Não quer tocar primeiro?

- Não sei tocar, mas adoro música.

Laurie sentou-se ao piano e Jo escutou-o com o nariz metido entre as rosas e os heliotrópios. E, enquanto escutava, o respeito e consideração que sentia pelo jovem aumentaram consideravelmente, pois ele tocava bem e com modéstia. Elogiou-o tanto que o avô interveio, dizendo:

- Tantos elogios fazem-lhe mal, menina. Não é desajeitado, mas espero que consiga os mesmos resultados em coisas mais importantes. Já se quer ir embora? Então muito obrigado pela sua visita e volte mais vezes. Cumprimentos a sua mãe. Boas-noites, doutora Jo.

Estendeu-lhe a mão amavelmente, mas Jo, achando que ele parecia um tanto contrariado, perguntou a Laurie, assim que chegaram ao vestíbulo, se tinha dito ou feito qualquer inconveniência.

- Não, eu é que tive a culpa. Ele não gosta de me ouvir tocar piano.

- Porquê?

- Noutra ocasião lhe explico. Sinto muito não poder acompanhá-la.

Quando, já em casa, Jo acabou de contar pormenorizadamente a sua visita, todas as pessoas da família se sentiram dispostas a ir fazer a mesma visita, porque cada uma descobriu qualquer coisa para a justificar. A senhora March desejava conversar com o ancião sobre o pai. Meg queria passear na estufa. Beth ansiava por tocar naquele lindo piano. E Amy queria contemplar os belos quadros e estatuetas.

49

- Mãe, porque será que o senhor Laurence não gosta que Laurie toque piano? - perguntou Jo.

- Julgo que seja pelo facto de o filho se ter casado contra a vontade do pai com uma italiana que estudava Música. Era bela, culta e boa, mas ele nunca mais voltou a ver o filho. Ambos morreram quando Laurie era pequeno e o avô trouxe-o para casa dele. Tenho a impressão de que o rapaz, que nasceu em Itália, não é muito forte e o avô tem muito medo de o perder; é essa a razão por que tem tantos cuidados com ele. Laurie tem um gosto natural pela música, no que é muito parecido com a mãe, e, provavelmente, o avô receia que ele queira ser músico. Seja como for, o seu talento traz-lhe à memória a mulher de quem não gostava, e é essa a razão por que ele foi aos ares", como diz a Jo.

- Oh, que romântico! - suspirou Meg.

- Que tolice! - opinou Jo. - Se o rapaz quer ser músico, devem deixá-lo e não o importunar obrigando-o a frequentar a Universidade se for coisa de que ele não goste.

- Agora percebo porque é que ele tem aqueles olhos escuros tão grandes e maneiras tão bonitas. Os Italianos são muito simpáticos

- disse Meg, que era um pouco sentimental.

- O que é que tu sabes dos olhos e das maneiras dele, se mal o conheces? - exclamou Jo que, ao contrário de Meg, não era nada sentimental.

- Vi-o na festa. E agora, com o que tu contaste, é suficiente para saber como são as suas maneiras. A observação que ele fez sobre o remédio que a mamã lhe mandou é muito gentil.

- Se calhar, referia-se ao gelado!

- Referia-se mas era a ti, minha tonta.

- A mim? - admirou-se Jo.

- Nunca vi ninguém como tu! Dizem-te um galanteio e nem sequer percebes.

50

-Essas coisas não passam de parvoíces. Só servem para estragar o meu prazer. Laurie é um bom rapaz e gosto dele, mas não admito alusões sentimentais. Vamos ajudá-lo porque não tem pai nem mãe. Pode vir visitar-nos, não pode, mãe?

-Evidentemente, Jo. O teu amigo será bem recebido e espero que Meg se lembre de que as crianças devem continuar a ser crianças por tanto tempo quanto lhes for possível.

- Eu ainda não fiz treze anos, mas já não me considero uma criança
- disse Amy. - E tu, Beth?
-Estava a pensar no nosso caminho como peregrinos. No momento em
que decidimos ser boas, saímos do pântano e começámos a subir a
colina escarpada. . . Talvez aquela linda casa represente para
nós um belo palácio.
- Mas, antes, temos de passar pelos leões - advertiu Jo, num tom
que denotava que tal perspectiva seria para ela muito
interessante. . .

BETH DESCOBRE UM BELO PALÁCIO

A casa vizinha era realmente um palácio encantado, mas levou algum tempo até que todas lá entrassem, e para Beth foi muito difícil passar pelo meio dos leões. O maior de todos era o próprio senhor Laurence; apesar de ele as ter ido visitar, conversado amigavelmente com elas e recordado com a mãe o tempo passado, Beth continuou a ter medo dele.

Passaram-se então coisas muito agradáveis, pois a nova amizade crescia como a relva na Primavera. Todas gostavam de Laurie e, quanto a este, basta dizer que ele confessou ao preceptor que elas eram umas raparigas formidáveis". As quatro irmãs acolheram o solitário rapaz com o entusiasmo próprio da juventude, dando-lhe toda a sua amizade. Por isso ele achava muito agradável a companhia daquelas simples raparigas. Não tendo conhecido nem mãe nem irmãs, não tardou a sentir a benéfica influência que elas exerciam sobre ele, a ponto de os seus hábitos de trabalho o fazerem sentir-se envergonhado da vida indolente que levava. Estava cansado dos livros e interessava-se agora tanto pelas pessoas que o senhor Brooke, seu preceptor, foi obrigado a dar más informações sobre o seu aproveitamento. Isto, porque Laurie fugia constantemente para casa da senhora March.

-Não se preocupe - descansou-o o avô. - Deixe-o

53

tranquilo por algum tempo, que ele vai recuperar o tempo perdido. A nossa boa vizinha acha que ele estuda demais e que precisa de companhias jovens, distração e exercício. Parece-me que ela tem razão e que tem lidado com o rapaz como uma avó. Que faça o que quiser, contanto que se sinta feliz. Nada de mal pode acontecer-lhe naquele conventinho de freiras, e a senhora March vai fazer por ele aquilo que nós não poderíamos fazer.

E que momentos tão agradáveis eles passavam! Representações teatrais, corridas de trenó, patinagem, serões divertidos na velha sala de estar e, de vez em quando, reuniões em casa de Laurie. . . Meg podia passear na estufa e apreciar as flores durante tanto tempo quanto quisesse; Jo devorava os livros e provocava ataques de riso no ancião com as suas opiniões; Amy copiava quadros e gozava na contemplação das obras de arte, e Laurie fazia as honras da casa de um modo encantador.

Apesar de tudo isto, Beth, se bem que desejasse muito tocar no piano de cauda, não conseguia arranjar coragem para entrar na

mansão da felicidade", como lhe chamavam. Foi lá um dia com Jo, mas o senhor Laurence, que nada sabia da sua grande timidez, fitou-a muito fixamente sob as suas sobrancelhas tão carregadas e proferiu um ah!" tão forte que a deixou aterrorizada. Fugiu a correr e afirmou que nunca mais lá voltaria, nem sequer por causa do piano. Não houve nada que a convencesse. Até que um dia, quando este facto chegou ao conhecimento do ancião, ele próprio procurou encontrar uma solução para o caso. Durante uma das visitas que fez a casa dos March, conduziu a conversa para assuntos musicais. Falou dos cantores famosos que ouvira, de órgãos maravilhosos que escutara e contou histórias tão interessantes que Beth, deixando o seu cantinho, foi-se aproximando lentamente, como se estivesse a ser hipnotizada.

54

Fingindo não dar pela sua presença, ele continuou falando das lições de Laurie, dos seus professores, e então, como se a ideia lhe tivesse ocorrido precisamente nesse momento, disse à senhora March:

- O Laurie agora dá pouca importância à música, o que até me agrada, porque estava a estudar demais. Mas o que me preocupa é o piano, que se pode estragar com a falta de uso. Não gostaria alguma das suas filhas de lá ir tocar de vez em quando, para evitar que ele se desafine?

Antes que a senhora March pudesse responder alguma coisa, ele acrescentou com um sorriso de inteligência:

- Elas não precisam de ver nem falar com ninguém. Eu estou quase sempre fechado no meu escritório, Laurie sai muito e os criados nunca se aproximam da sala depois das nove horas.

Dizendo estas palavras, levantou-se para se ir embora. Então Beth decidiu falar, pois as últimas palavras tinham-na convencido. Mas, antes que o pudesse fazer, o ancião acrescentou: - Peço-lhe que repita isto às suas filhas, mas, se elas não quiserem ir, também não tem importância.

Então sentiu que uma pequena mão pegava na sua, e Beth, com profunda gratidão, disse timidamente, mas com todo o ardor:

- Querem, sim. . . muito.

- É a menina que gosta de música - perguntou ele com doçura e sem nenhuma exclamação que a pudesse atemorizar.

- Chamo-me Beth e adoro música, de modo que vou aproveitar o seu convite, se me dá a certeza de que ninguém vai ouvir-me e de que eu não vou incomodar ninguém disse ela, surpreendida com a sua própria ousadia.

- Ninguém a ouvirá, meu amor. Venha e toque quando quiser. De resto, sou eu quem ficará muito agradecido.

- O senhor é muito bondoso!

55

Beth corou como uma rosa, ao sentir sobre si a expressão de

simpatia que lhe iluminou o rosto, e, deixando completamente de sentir qualquer espécie de receio, apertou a enorme mão em sinal de reconhecimento, porque lhe faltavam as palavras para agradecer a dádiva preciosa que acabava de lhe ser feita. O senhor Laurence passou-lhe docemente a mão pelos cabelos e, curvando-se, beijou-a e disse:

- Tive em tempos uma filhinha com os olhos iguais aos seus. Deus a abençoe! Adeus, muito bom dia! - e saiu apressado.

Desde esse dia, quase todas as manhãs podia ver-se um pequeno capuz escuro a atravessar a sebe, e o salão onde estava o piano era visitado por um espírito melodioso que parecia entrar e sair sem ser notado. Ela nunca veio a saber que muitas vezes o velho senhor abria a porta do seu escritório para escutar aquelas melodias de que tanto gostava; nunca viu Laurie montando guarda no vestíbulo para que os criados não entrassem no salão; nem sequer suspeitou de que as músicas eram colocadas de propósito num lugar onde a sua mão as encontrasse. De forma que o seu prazer foi intenso e ela realizou um desejo longamente acalentado, coisa que nem sempre sucede na vida.

- Mãe, eu gostava de bordar umas chinelas para o senhor Laurence. Quero mostrar-me grata e não vejo outra maneira de o fazer. Que lhe parece? - perguntou Beth algumas semanas mais tarde.

- Acho que é uma bonita maneira de lhe agradecer e ele vai gostar! As tuas irmãs ajudam-te e eu faço as despesas.

Depois de discutido o assunto com Jo e com Meg, escolheram o modelo, compraram o material e começaram o trabalho. Optaram pela cor vermelha-escura, sobre a qual bordaram uns ramos de amores-perfeitos. Beth trabalhou afincadamente, sendo ajudada apenas nas partes mais difíceis

56

Uma vez acabadas as chinelas, escreveu uma carta muito simples e, com a colaboração de Laurie, fê-las chegar à

secretária do senhor Laurence de manhã cedo, antes de ele se levantar.

Beth, que ficara à espera de ver o que acontecia, viu passar aquele dia e parte do seguinte sem que ninguém acusasse

a recepção do presente, e então começou a recear que ele tivesse desagradado. Porém, quando na tarde do dia seguinte

voltava de fazer um recado, viu as irmãs à janela da sala, acenando-lhe vivamente com a mão, enquanto exclamavam:

-Corre! Chegou uma carta do senhor Laurence!

-Beth, ele mandou-te...- começou Amy a dizer, mas Jo interrompeu-a, fechando a janela com força.

À entrada da porta, as irmãs levaram Beth em triunfo até à sala e, uma vez chegadas, apontaram todas para um determinado lugar.

- Olha o que está ali!

Ao olhar, Beth empalideceu de prazer e surpresa, pois viu um piano envernizado, sobre a tampa do qual estava uma carta dirigida à Exma. Menina Elisabeth March". Nela agradecia a oferta das chinelas, acrescentando:

Nunca tive nenhuma tão bonitas em toda a minha vida!

- Podes sentir-te orgulhosa, Beth! Laurie disse-me que o avô gostava muito da netinha a quem pertenceu este piano e que conserva todas as suas coisas com muito carinho...-

disse Jo, procurando acalmar Beth, que parecia mais transtornada do que nunca.

- Que lindos que são os suportes para as velas...e a aplicação em seda verde...e o cavalete...e o banco...- acrescentou Meg, enquanto abria o piano.

- Experimente-o, menina - disse Hanna, que sempre tomava parte dos acontecimentos familiares.

Beth começou a tocar e todas acharam que tinha um som

57

magnífico. Tinha sido afinado de novo, sem dúvida, mas o que mais encantava era a expressão feliz do rosto que se inclinava para o teclado, enquanto as mãos o percorriam com amor.

- Acho que o vou agradecer - gracejou Jo, pois não lhe passava pela cabeça que a irmã fosse capaz de o fazer.

- Sim, hei-de fazê-lo, e parece-me que vou agora mesmo, antes que comece a sentir medo.

E, perante o espanto de todas, dirigiu-se resolutamente para o jardim, atravessou a sebe e entrou na residência dos Laurence.

- É a coisa mais espantosa que tenho visto em toda a minha vida! Este piano é milagroso! - exclamou Hanna olhando para ela.

E, com efeito, todas acharam que aquilo parecia um milagre.

Mas ainda ficariam mais espantadas se tivessem visto o que Beth fez depois: sem parar para pensar, bateu à porta do escritório e, quando uma voz brusca disse Entre!" entrou. Aproximou-se do senhor Laurence e, para sua surpresa, estendeu a mão, dizendo com voz trémula:

- Venho agradecer o... - mas não terminou, porque ele a olhava com tanta simpatia que, pondo-lhe os braços em volta do pescoço, lhe deu um beijo.

O senhor Laurence ficou encantado com aquele pequeno beijo e todo o seu mau humor se desvaneceu. A partir deste momento, Beth deixou de sentir qualquer espécie de temor e sentou-se a conversar tão à vontade como se o tivesse conhecido toda a vida. Quando voltou para casa, ele acompanhou-a até à porta, deu-lhe uma afectuoso aperto de mão e levou a mão ao chapéu, quando se retirou, muito direito, como um velho gentleman elegante que realmente era.

58

O VALE DA HUMILHAÇÃO DE AMY

No dia seguinte, Amy chegou bastante tarde ao colégio, mas não foi capaz de resistir à tentação de mostrar um pacote de confeitos que trazia, antes de guardá-lo na carteira.

Logo correu a notícia de que a Amy trazia uns doces e que ia oferecê-los a todas, por isso foi cumulada de atenções. Kay Brown convidou-a para uma festa, Mary Ringsley emprestou-lhe o relógio até à hora da saída e Jenny Snow, uma rapariga que tinha discutido com ela, mudou de atitude, oferecendo-se para lhe dar a solução de um problema difícil. Mas Amy não esquecera as suas insinuações malévolas e respondeu de um modo cortante:

- Não vale a pena mostrares-te de repente tão simpática, porque para ti não há nada.

Deu-se o caso de, neste dia, uma pessoa muito importante visitar o colégio, e os mapas de Amy, muito bem desenhados, foram objecto de muitos elogios. Isso irritou Jenny, mas Amy ficou vaidosa como um pavão. Às vezes, porém, acontece que ao triunfo sucede o fracasso, e a vingativa Jenny decidiu que desta vez seria assim. Logo que o visitante se retirou, Jenny, a pretexto de fazer uma pergunta ao senhor Davis, foi comunicar-lhe que Amy tinha alguns doces escondidos na carteira.

59

O professor havia proibido que as meninas trouxessem confeitos para o colégio, sob pena de serem severamente castigadas.

O momento escolhido por Jenny para denunciar a sua colega era o menos oportuno e ela sabia isso. Parece que, naquela manhã, o professor tinha bebido café forte demais e o vento estava de leste, o que, habitualmente, lhe causava fortes dores de cabeça. Além disso, as suas alunas não tinham feito boa figura perante o ilustre visitante, como ele tanto desejava. Por todas estas razões, estava de muito mau humor. A palavra confeitos" foi como se se tivesse deitado pólvora no lume. Com o rosto vermelho de cólera, Davis deu um murro sobre a secretária com tamanha força que Jenny voou" para o seu lugar.

- Meninas ! - gritou ele. - Atenção !

Logo que se fez silêncio, continuou com severidade:

- Menina March, chegue aqui. E traga os doces que tem na sua carteira.

Atendendo ao pedido da colega do lado, Amy separou meia-dúzia e levou os outros ao professor.

- Estão aqui todos?
- Não. . . todos não.
- Vá buscar o resto.

Com uma expressão de desespero no rosto, Amy foi buscar o resto dos confeitos e o professor ordenou-lhe:

- Agora, deite-os pela janela fora.

Terrivelmente envergonhada, Ammy obedeceu e, quando acabou de os deitar fora, o senhor Davis disse:

- As meninas lembram-se do que eu lhes disse a semana passada. Tenho muita pena, mas nunca falto à minha palavra. Menina March, estenda a mão.

Amy era demasiado orgulhosa para pedir misericórdia, de modo que, cerrando os dentes com força, suportou com

60

aparente impassibilidade as palmatoadas que o professor lhe deu. Não foram muitas nem muito fortes, mas aquilo era uma desonra para ela, que nunca tinha sido castigada.

- Agora vai ficar de pé em cima do estrado até à hora da saída. Para ela foi horrível ter de passar por aquela vergonha diante de toda a classe e, por uns instantes, ainda pensou que não podia aguentar mais e quase caiu no chão desfeita em soluços. Mas um amargo sentimento de injustiça e a lembrança de Jenny Snow contiveram-na. Permaneceu naquele lugar de suplício e deixou-se ficar tão imóvel que as outras raparigas sentiram grande dificuldade em estudar com aquela figurinha trágica diante dos olhos.

Aquele incidente talvez tivesse sido uma coisa trivial para outras, mas não para Amy, que sempre recebera amor em toda a sua vida e nunca fora ferida por nenhum golpe. O pior de tudo era pensar: Vou ter de contar tudo em casa. Como vão ficar desiludidas comigo!

Quando chegou a hora do recreio, o professor disse, sentindo-se um tanto ou quanto embaraçado com o sucedido:

-Já pode descer do estrado, menina March.

E Amy saiu da escola, dizendo para si mesma que não voltaria mais. Quando chegou a casa sentia-se muito triste e, logo que as irmãs mais velhas regressaram, reuniram-se todas imediatamente para falar do que tinha acontecido.

A senhora March não falou muito, mas estava pesarosa e confortou a filha acabrunhada, com a maior ternura. Meg friccionou suavemente a mão de Amy com glicerina. Beth achou que nem os seus gatinhos a conseguiam distrair de um desgosto daqueles e Jo, extremamente irritada, propôs que se mandasse prender o senhor Davis, enquanto que Hanna ameaçava o miserável ao mesmo tempo que esmagava as batatas como se o tivesse dentro do almofariz.

61

À tardinha, pouco antes de a escola fechar, Jo entrou co uma

expressão de muita dignidade, entregou ao professor uma carta da mãe e juntou tudo o que pertencia a Amy. Depois foi-se embora, limpando cuidadosamente os pés no capacho, como se nem o pó quisesse levar daquele lugar.

JO DEFRONTA-SE COM APOLLYON

- Aonde é que vocês vão? - perguntou Amy numa tarde de sábado, quando viu as irmãs mais velhas prepararem-se para sair com um ar misterioso, que a intrigou.

- As meninas pequenas não devem ser curiosas! - respondeu Jo com severidade.

Ao ouvir a resposta, Amy dominou-se, mas resolveu descobrir o segredo, nem que tivesse de as maçar durante uma hora. Voltando-se para Meg, que nunca lhe negava nada, pediu com meiguice:

- Deixa-me ir. . . A Beth está entretida com as bonecas e eu estou aborrecida.

- Não é possível, querida, porque não foste convidada - começou Meg a dizer, mas Jo interrompeu-a com impaciência:

- Não digas nada! Vais estragar tudo! Não sejas criança, Amy, não insistas.

- Vão a qualquer sítio com o Laurie. Ontem à tarde estavam a rir e a segredar no sofá e calaram-se quando eu cheguei.

- Pois vamos. E agora, por favor, não maces mais.

- Já sei! Vão ao teatro ver Os Sete Castelos! Eu também

63

vou, porque a mãe me autorizou e tenho dinheiro para o bilhete.

- Presta atenção e sê uma boa menina - disse Meg, acariciando-a. - A mãe não quer que vás hoje, porque ainda não tens os olhos bons para suportares uma peça. Para a semana, já podes ir com Hanna e Beth.

- Prefiro ir com vocês e com o Laurie. Deixem-me ir, por favor! Estou aqui fechada há tanto tempo por causa desta constipação, que preciso de me distrair.

- E se nós a levássemos? Acho que a mãe não se vai importar, se a abafarmos bem. . . - começou Meg a dizer.

- Se ela for, não vou eu. Seria má educação, porque o Laurie só nos convidou a nós.

O tom com que Jo falou irritou Ammy, que começou a calçar os sapatos, dizendo com impertinência:

- Pois, vou mesmo! Meg disse que eu posso ir e Laurie não se vai importar, visto que eu pago a minha entrada.

- Já temos os lugares marcados e não vais ficar sozinha num lugar qualquer. Laurie tinha de te dar o seu lugar e isso ia estragar-nos a festa. Portanto, deixa-te ficar quietinha.

Sentada no chão, com um sapato já calçado, Amy começou a chorar. Meg tentava convencê-la quando ouviram a voz de Laurie, e as duas raparigas apressaram-se a descer, deixando Amy

inconsolável. No momento em que iam a sair, Amy, debruçada no corrimão da escada, gritou:

- Hás-de arrepender-te, Jo, podes ter a certeza!

-Ora! Tolices! - replicou Jo, batendo com a porta.

Os Sete Castelos era um espectáculo maravilhoso. Mas, não obstante os diabinhos vermelhos muito cómicos, as fadas deslumbrantes e os príncipes e as princesas, o prazer de Jo não era completo. O cabelo louro da rainha das fadas que aparecia na peça lembrava-lhe Amy e, durante os intervalos, não podia deixar de pôr-se a imaginar o que iria a Ammy fazer

64

que ela tivesse de arrepender-se, do que acontecera. Era frequente zangarem-se por serem ambas impetuosas, depois envergonhavam-se. Apesar de ser mais velha, Jo tinha dificuldade em dominar o seu temperamento fogoso : as zangas não lhe duravam muito tempo. Confessava a falta, arrependendo-se sinceramente, e era com boa vontade que procurava corrigir-se.

Quando regressaram a casa, Amy estava a ler e, como queria mostrar-se ofendida, não levantou os olhos do livro nem lhes fez qualquer pergunta. Enquanto tirava o chapéu, Jo olhou com atenção para a cómoda, porque, da última vez que se tinham zangado, Amy vingara-se voltando a gaveta de Jo de pernas para o ar, no soalho. Desta vez estava tudo no seu lugar e Jo imaginou que Amy esquecera o incidente. Mas enganava-se, porque, no dia seguinte, fez uma descoberta que provocou uma verdadeira tempestade.

À tardinha, Meg e Amy estavam sentadas uma ao pé da outra quando Jo entrou na sala como um furacão, exclamando muito excitada:

- Alguma de vocês tem o meu livro de contos?

Surpreendidas, Meg e Beth responderam logo que não, mas Ammy, que estava a atizar o lume, não disse nada. Jo, porém, reparando que esta ficara toda vermelha, lançou-se sobre ela, gritando:

- Foste tu !

-Não fui nada!

-Mas sabes onde está.

- Não sei!

- Estás a mentir! - exclamou Jo tão indignada que metia medo. E agarrou Amy pelos ombros.

- Se não me dizes já onde ele está, vais ver...

-Nunca mais voltas a ver o teu livro, idiota! - gritou Amy, excitada por sua vez.

- Porquê?

65

- Porque o queimei.

- O quê? . . . O meu livro. . . que era a minha paixão e que

eu tencionava acabar de escrever antes do regresso dopai?

Jo estava pálida, mas os olhos brilhavam-lhe assustadoramente, enquanto apertava os ombros da irmã.

- Sim, é verdade, queimei-o. Eu disse-te que te havias de arrepender por teres sido tão má.

Amy não pôde continuar, porque a cólera de Jo emudeceu-a. Sacudindo furiosamente a irmã, Jo gritava num arrebatamento de dor e fúria:

- És uma malvada. Não vou ser capaz de escrevê-lo ou tra vez e não te perdoo nunca.

Meg correu em auxílio de Amy e Beth tentou acalmar Jo, mas esta estava tão excitada que, depois de dar uma bofetada em Amy, saiu a correr e foi refugiar-se no sótão, onde expandiu a sua ira sozinha.

Quando contaram à senhora March o que acontecera, esta fez compreender a Amy o prejuízo que tinha causado à irmã. Aquele livro era o orgulho de Jo e todos o consideravam como uma obra literária muito prometedora. Era composto, apenas, por meia-dúzia de contos de fadas, mas Jo tinha-os escrito com muita paciência, na esperança de que resultasse uma obra digna de ser impressa.

O dia seguinte amanheceu muito frio e tudo corria mal a Jo. O bolo de maçã caiu-lhe em cima da lama; a tia March teve um ataque de nervos; e, quando voltou para casa, encontrou Meg pensativa e Beth triste.

Que aborrecido que está aqui dentro!", pensou Jo. Vou pedir a Laurie que vá patinar comigo. Tenho a certeza de que a sua companhia vai pôr-me boa."

Foi o que fez. Quando Amy ouviu o barulho dos patins que Jo levava na mão, exclamou:

- Vai patinar e não me diz nada! E tinha prometido que,

65

desta vez, eu iria com ela, porque o gelo do Inverno não tarda a desaparecer. .

" -Não a censures, porque foste muito má e é-lhe difícil perdoar que lhe tenhas destruído o seu precioso livro - disse Meg. - No teu lugar, eu iria atrás deles e, quando ela estivesse bem-disposta por estar com Laurie, aproximava-me dela, pedia-lhe perdão e dava-lhe um beijo. . . Hás-de ver como fazem as pazes.

- Vou tentar - respondeu Amy.

E, preparando-se num instante, correu atrás de Jo e de Laurie que, naquele momento, transpunham a colina. O rio era ali perto mas, antes de Amy chegar junto deles, já estavam ambos prontos para patinar. Jo, vendo-a aproximar-se, voltou-lhe as costas e Laurie não a viu, pois estavam patinando cuidadosamente ao longo da margem, tacteando o gelo.

-Vou até à primeira curva do rio para ver se está em

Condições, antes de começarmos a patinar - ouviu-o Amy dizer no momento em que partia, fazendo lembrar um jovem russo com o seu casaco e gorro de peles.

Jo ouviu a irmã chegar ofegante, por ter corrido tanto. Batia com os pés no chão e soprava nos dedos para os aquecer, enquanto tentava calçar os patins, mas nunca se voltou.

- Mantém-te sempre junto da margem. O centro não está seguro - avisou-a Laurie, quando chegou.

Jo ouviu-o, mas Amy não, porque continuava a fazer esforços para calçar os patins. Jo deitou-lhe uma olhadela por cima do ombro, e o diabinho que tinha lá dentro segredou-lhe:

Não queiras saber se ela ouviu ou não. Que se arranje!

Laurie continuou a patinar e, dentro em pouco, desaparecia na curva do rio. Jo ia atrás dele e Amy, atrasada, dirigia-se para o centro, onde o gelo era mais liso mas menos sólido. Durante alguns segundos, Jo estacou com uma estranha sensação no peito; mas depois decidiu continuar. Porém alguma

67

coisa a fez olhar para trás, a tempo de ver Amy levantar os braços e desaparecer na água com um barulho de gelo partido, lançando um grito que encheu Jo de terror.

Quis chamar Laurie, mas a voz ficou-lhe presa na garganta. Quis correr mas as pernas não obedeciam. Durante alguns instantes ficou paralisada, cheia de terror, com os olhos fixos no capuz azul que flutuava na água. Subitamente Laurie passou rápido junto dela e gritou-lhe:

-Dá-me uma vara! Depressa!

Nunca chegou a saber bem como tudo se passou, mas durante os minutos seguintes fez tudo o que pôde, seguindo as ordens de Laurie que, conservando a serenidade, se estendeu ao comprido sobre o gelo, segurando Amy com os braços até que Jo conseguiu arranjar uma vara e, assim, ambos conseguiram tirar da água a garota, mais assustada do que magoada.

-Temos de levá-la para casa depressa. Envolve-a nos nossos casacos, enquanto lhe tiro os patins - disse Laurie.

E tentava desatar as correias dos patins, que nunca lhe haviam parecido tão complicadas.

Tremendo de frio, chorando e escorrendo água, Amy foi levada para casa. Assim que lá chegou, não tardou a adormecer, enrolada em mantas diante do lume. Jo, enquanto teve que fazer, andou de um lado para o outro muito pálida, com o vestido rasgado e as mãos feridas pelo gelo, pela vara e pelas fivelas dos patins, mas não pronunciou uma só palavra. Quando Amy adormeceu, a mãe, que estava sentada ao lado da cama, chamou Jo para lhe ligar as mãos feridas.

- Tem a certeza de que não há perigo, mamã? - pergun tou Jo, olhando para a cabeleira loura que poderia ter desaparecido para sempre sob o gelo.

- Claro que não. Não está ferida e estou convencida de que nem mesmo se vai constipar. Fizeste muito bem em abafá-la e trazê-la logo para casa.

68

- Foi o Laurie quem tratou de tudo. Eu deixei-a com aquele perigo. Se Amy tivesse morrido, a culpa seria minha. - e Jo deixou-se escorregar junto da cama, soluçando e exprimindo em lágrimas a gratidão que sentia por haver escapado a tão dolorosa expiação. E, depois de explicar o que acontecera, acrescentou:

- Foi tudo por culpa do meu péssimo carácter. Quando julgo que já consegui dominá-lo, ele surge de novo, pior do que antes. Que hei-de fazer, mãe? exclamou desesperada.

- Vigia-o com atenção e reza, minha filha. Nunca te canses de recomeçar e não penses que vai ser impossível vencer os teus defeitos - disse-lhe a mãe, puxando-a para si e beijando as suas faces húmidas.

- É que a mãe não sabe, não pode calcular como é horrível! Parece que sou capaz de tudo quando estou exaltada; fico de tal maneira fora de mim que poderia mesmo fazer mal

a uma pessoa e ficar contente. Tenho medo de vir um dia a fazer qualquer coisa medonha, arruinar a minha vida e provocar o ódio de todos. Oh, mãe! Ajude-me, ajude-me.

Pouco depois, Amy mexeu-se e suspirou enquanto sonhava.

E desejando começar imediatamente uma nova vida, Jo olhou-a com uma expressão que nunca ninguém lhe tinha visto.

- Deixei que o sol se pusesse sobre a minha ira. Ontem não te quis perdoar e hoje, se não fosse o Laurie, tinha sido demasiado tarde. Como pude ser tão má? - murmurou Jo e, debruçando-se sobre a irmã, afagou-lhe o cabelo.

Como se tivesse ouvido, Amy abriu os olhos e estendeu os braços para ela, com um sorriso que penetrou no íntimo de Jo. Nenhuma pronunciou qualquer palavra, mas abraçaram-se e, com um beijo sincero, tudo ficou perdoado e esquecido.

70

MEG NA FEIRA DAS VAIDADES

- A melhor coisa que podia ter acontecido foi aquelas crianças apanharem sarampo nesta altura - dizia Meg num dia de Abril, enquanto arrumava a sua mala no quarto, ajudada pelas irmãs.
- E a Anita Moffat foi muito amável por não se ter esquecido da promessa que te tinha feito. Vais passar quinze dias estupendos - comentou Jo, enquanto dobrava a roupa.
- Ainda bem que está um tempo tão agradável! - acrescentou Beth, arrumando fitas para o cabelo na sua melhor caixa, que emprestara a Meg.

- Eu também gostava de ir divertir-me e usar vestidos bonitos - declarou Amy.

- E eu gostava muito que viessem todas, mas como não é possível, hei-de contar-vos tudo quando voltar - prometeu Meg, olhando para a sua bagagem tão simples, que todas tinham ajudado a arrumar.

No dia seguinte, Meg seguiu de viagem para ir gozar duas semanas de divertimento e conhecer coisas novas. Fora difícil convencer a senhora March a deixá-la ir, porque receava que ela viesse mais triste do que alegre, mas Meg insistiu tanto que a mãe acabou por consentir.

Os Moffat eram ricos e Meg sentiu-se um pouco inibida a 71

princípio, naquele ambiente luxuoso, mas como, apesar da vida superficial que levavam, eram pessoas boas e amáveis, em pouco tempo ela começou a sentir-se à vontade. Reparou que não eram, talvez, pessoas muito cultas e que o luxo não era suficiente para ocultar a sua vulgaridade mas por outro lado, era bem agradável passear numa magnífica carruagem, vestir sempre os melhores vestidos que tinha e não fazer mais nada senão divertir-se. Não tardou a imitar os modos dos que a rodeavam, tomando ares presumidos, tornando-se agradável para os rapazes, frisando o cabelo e falando de modas. Quanto mais olhava para as coisas bonitas que Anita possuía, tanto mais se enchia de inveja, desejando também ser rica. Quando pensava na sua casa, esta parecia-lhe triste e miserável; o seu trabalho mais desagradável do que nunca e achava que não fora favorecida pela sorte.

Não tinha muito tempo para se lamentar, porque estavam muito ocupadas em divertir-se. Iam fazer compras, passeavam a cavalo ou faziam visitas. À noite, iam ao teatro, à ópera ou passavam o serão em casa, porque Anita tinha muitos amigos.

Uma das suas irmãs mais velhas estava noiva, o que para Meg era muito romântico. Todas a acarinhavam muito e Daisy", como

lhe chamavam, encontrava-se no melhor caminho para perder a cabeça.

Quando chegou a noite para a qual estava marcada uma festa em família, Meg achou que o seu vestido de musselina de lã não era apropriado, visto que as outras raparigas iam de vestidos leves; de modo que se decidiu pelo vestido de tule, que lhe pareceu mais velho e mais gasto do que nunca ao lado do vestido novo e fresco de Sallie. Deu-se conta dos olhares que as suas amigas deitavam ao vestido e sentiu-se oprimida porque, apesar do seu feitio terno, era muito orgulhosa.

72

Nenhuma das raparigas fez qualquer observação, mas Sallie ofereceu-se para a pentear; Anita para fazer o laço no cabelo e Belle, que era a que tinha noivo, elogiou a brancura de sua pele. Mas em todas aquelas gentilezas, Meg viu apenas compaixão pela sua pobreza, razão pela qual se sentiu mais triste e amargurada do que nunca e deixou-se ficar calada, enquanto as outras tagarelavam e riam, andando de um lado para o outro como borboletas.

A amargura tinha tomado conta dela quase por completo, quando entrou uma criada com uma caixa de flores. Sem dar tempo a que a pequena dissesse alguma coisa, Anita pegou na caixa, destapou-a e, ao ver aquelas lindas rosas entre fetos, todas davam gritinhos de admiração.

- Devem ser para a Belle. O Jorge manda-lhe flores muitas vezes, mas estas são deslumbrantes - disse Anita.

- O rapaz que as trouxe disse que eram para a menina

March. E também deixou esta carta - disse então a criada, entregando-a a Meg.

- Oh! São para ti?! De quem são?! Não sabíamos que tinhas noivo! - exclamaram as amigas, cheias de curiosidade.

- A carta é da mãe e as flores são de Laurie - esclareceu Meg muito contente por não a terem esquecido.

- Ah, sim! - disse Anita com um olhar trocista.

Entretanto Meg guardava o bilhete no bolso, como uma espécie de encanto contra a inveja, a vaidade e o falso orgulho.

Sentiu-se outra vez feliz, separou alguns fetos e rosas para si e fez rapidamente com o resto bouquets muito bonitos para as suas amigas porem ao peito, no cabelo ou no cinto.

Aquela noite foi muito agradável, porque dançou tanto quanto podia desejar; todos se mostraram muito agradáveis

com ela e recebeu vários cumprimentos. Teve de cantar, pois

Anita insistiu e alguém disse que ela tinha uma bonita voz; o comandante Lincoln perguntou quem era aquela rapariguinha de olhos tão lindos" e o senhor Moffat disse que gostava de dançar com ela porque era muito leve e dançava sempre a compasso". Tudo se passou muito bem até ao momento em que, por pouca sorte sua,

ouviu uma conversa que a dei xou transtornada.

Tendo-se sentado à porta da estufa, encoberta por plantas, à espera do seu par, que tinha ido buscar-lhe um gelado, ouviu uma voz que perguntava:

- E que idade tem o rapaz?

- Dezasseis ou dezassete anos, segundo creio - respondeu outra voz.

- Seria um óptimo partido para qualquer das raparigas, não lhe parece? Sallie diz que são muito amigos e que o velhote é completamente louco por elas.

- A senhora March, sem dúvida, terá os seus planos e, como ainda tem muito tempo, o jogo dará resultado. Embora se aperceba que a pequena, por agora, ainda não pensa nele - disse a senhora Moffat.

- Ela disse que a carta era da mãe, para disfarçar, mas quando viu as flores sorriu contente. Coitada! Ficaria mais bonita se estivesse mais bem vestida. Achas que se ofenderia se lhe oferecêssemos um vestido para a festa?

- É orgulhosa, mas creio que aceitava, porque só tem este vestido de tule velho. Se esta noite o rompesse, era um bom motivo para lhe darmos outro.

- Veremos. Vou convidar o jovem Laurence para lhe ser agradável e havemos de nos divertir.

Naquele momento chegou o par de Meg, que veio achá-la muito vermelha e bastante agitada. O seu orgulho valeu-lhe para dissimular o desgosto, a náusea e a indignação por aquilo que acabava de escutar, pois apesar da sua inocência tinha compreendido o alcance dos mexericos das suas amigas.

74

Tentou esquecer tudo mas não esqueceu, até que a invadiu uma enorme vontade de voltar para casa, contar o que acontecera e pedir conselho, mas, como isso era impossível, fez tudo o que pôde para simular alegria e, como estava muito excitada, não lhe foi muito difícil.

Quando a festa acabou, sentiu um grande alívio e, uma vez na cama, deu curso livre ao desgosto e às lágrimas que lhe correram pelas faces congestionadas.

Passou uma noite desassossegada e, ao acordar, sentiu-se muito infeliz e ofendida com as suas amigas. Ao mesmo tempo, tinha vergonha de si mesma por não ter tido a coragem de falar com franqueza e esclarecer tudo.

Naquele dia, alguma coisa no comportamento das amigas lhe despertou a atenção. Pareciam tratá-la mais respeitosamente, interessar-se mais pelo que dizia e fixá-la com curiosidade. Embora não compreendendo o motivo, sentiu-se surpreendida e lisonjeada. Só compreendeu a atitude delas quando Belle disse com um certo ar sentimental:

- Mandeí um convite ao teu amigo, o senhor Laurence, para a festa de quinta-feira. É uma atenção que te devemos e, além disso, vamos gostar muito de o conhecer.

Meg corou, mas quis arreliá-las, dizendo muito séria:

- Sois muito simpáticas, mas... não acredito que venha.

- Porque não?

- Tem muita idade para estas coisas. . .

- O que é que estás a dizer? Quantos anos tem?

- Perto de setenta.

- Que gracinha!. . . Estamos a falar do jovem Laurence.

- Ah! O Laurie é ainda um miúdo. . . - e Meg pôs-se a rir, divertida com a estranha troca de olhares entre as irmãs, quando a ouviram falar assim do suposto noivo.

Na quinta-feira, à tarde, Belle fechou-se no quarto de Meg, com a criada, e as duas transformaram a jovem numa

75

encantadora dama. Frisaram-lhe o cabelo, puseram-lhe pó-de-arroz nos braços e no pescoço e aplicaram-lhe um pouco de coralina nos lábios. Meteram-na dentro de um vestido apertado que quase lhe custava a respirar e com um decote tão grande que Meg até corou quando se viu ao espelho. Puseram-lhe um adereço de filigrana de prata, acrescentaram ainda um ramalhete de rosas-chá ao peito e um folhinho de seda, o que lhe tapou um pouco o grande decote, completando o arranjo com um lenço de renda e um leque de penas. Quando receberam ordem da senhora Moffat para descer,

Meg disse a Sallie:

- Tenho medo. . . Sinto-me tão esquisita e constrangida como se estivesse seminua.

- Nem pareces tu, mas estás muito bonita. A Belle tem muito bom gosto. Cuidado, não tropeces - respondeu Sallie, procurando não sentir inveja por Meg estar mais bonita do que ela.

Pensando na recomendação da amiga, Meg desceu as escadas com cuidado e entrou majestosamente no salão onde, com os Moffat, estavam já alguns convidados. Pouco depois

descobriu que, mercê do luxuoso vestido que envergava, despertava a atenção de todos. Alguns jovens galantes que, na reunião anterior, se tinham limitado a olhá-la com alguma indiferença, tornaram-se repentinamente muito atenciosos, pedindo para lhe serem apresentados e dirigindo-lhe palavras amáveis. Até algumas senhoras idosas que, sentadas um pouco à parte, se entretinham a observar tudo e todos, se interessaram por ela. Meg ouviu a senhora Moffat responder a uma delas:

- É Margarida March. . . Pertence a uma das nossas melhores famílias, mas tiveram revezes da fortuna, compreende? É amiga dos Laurence. . . O meu Ned está muito interessado nela.

76

As palavras que acabava de escutar soaram-lhe mal. No entanto, resolveu supor-se ela própria a representar o papel de senhora elegante, e fê-lo muito bem, não obstante o vestido muito justo lhe causar uma dor nas costas, a cauda estar sempre a meter-se-lhe debaixo dos pés e o medo constante de que os brincos lhe caíssem das orelhas e se partissem. Estava a abanar-se com o leque e a rir-se com as brincadeiras de um jovem que fazia todos os seus esforços para ser amável, quando, de repente, deixou de rir e o seu rosto tomou uma expressão embaraçada, porque, na sua frente, vira Laurie.

Que parvos, metendo-me estas ideias na cabeça! Não vou fazer nenhum caso do que dizem", pensou Meg, enquanto estendia a mão ao seu amigo, procurando parecer natural.

- Estou muito contente por teres vindo, Laurie - disse ela, com um ar de pessoa crescida.

- A Jo quis que eu viesse para depois lhe contar como estavas - respondeu ele, sorrindo por notar-lhe o tom afectado.

- E que lhe vais dizer?

- Que quase não te conheci e que pareces tão adulta que até me assustas.

- És tolo! As minhas amigas divertiram-se a vestir-me assim e eu até gostei. Que cara faria a Jo se me visse! Não é?

- inquiriu Meg, desejando que ele lhe dissesse se estava ou não favorecida.

- Era o que eu estava a pensar - retorquiu ele com um ar sério.

- Não gostas de me ver assim?

- Não! - respondeu o rapaz com toda a franqueza.

- Porquê? - perguntou ela com alguma ansiedade.

Laurie olhou para o decote e para o vestido carregado de adornos, com uma expressão que a fez sentir ainda mais envergonhada.

77

- Não gosto de espalhafatos.

Meg sentiu-se ferida pelo facto de um rapaz mais novo do que ela lhe falar assim e afastou-se depois de dizer:

- És um grosseirão.

Dirigiu-se para uma janela, porque se sentiu tão sufocada que precisou de um pouco de ar. Enquanto ali estava, passou o major Lincoln. Pouco depois ouviu-o dizer à mãe:

- Queria mostrar-te esta rapariguita, mas estão a estragá-la completamente. Esta noite parece uma boneca.

Meg pensou tristemente:

Quem me dera que tivesse posto o meu vestido de tule.

Agora não estaria nesta aflição, a sentir vergonha de mim mesma."

Estava com a cabeça apoiada na vidraça, meio oculta pelas cortinas, quando alguém se aproximou. Voltando-se viu que era Laurie que se inclinava para

ela, arrependido, estendendo-lhe a mão:

- Desculpa o que te disse, vamos dançar!
- Não. Seria muito desagradável para ti - respondeu ela, esforçando-se por se mostrar ofendida, mas sem o conseguir.
- Pelo contrário, terei muito prazer nisso. Não gosto do vestido, mas estás... maravilhosa.

Meg sorriu, descontraindo-se e, aceitando, respondeu:

- Toma cuidado para não tropeçares na cauda do vestido. É muito incômoda.

- Prende-a com um alfinete à volta do pescoço e assim terá alguma utilidade.

Começaram a dançar, com leveza e graciosidade, como haviam praticado em casa. Faziam um par ideal e era um realo vê-los voltear, mais amigos do que nunca, depois da pequena discussão.

- Laurie, podias fazer-me um favor? - pediu ela, enquanto

78

ele a abanava com o leque, no momento em que parara, por lhe ter faltado o fôlego.

- Com certeza !
- Não digas em casa que usei este vestido. A minha mãe tinha um desgosto.
- E porque é que o usaste?
- Eu mesma lhe direi porque o fiz, mas não digas nada.
- Está bem. - disse ele. - Vem aí Ned Muffat. Que será que ele quer?
- Prometi que dançava três vezes com ele. Deve ser por isso. Que maçada! - disse Meg com um ar tão enfadado que provocou o riso de Laurie.

Este não voltou a falar com ela antes da hora do jantar, quando a viu a beber champanhe com o dito Ned e com o seu amigo Fisher, os quais se estavam a comportar como dois estúpidos, na opinião de Laurie, que se sentia com a responsabilidade de velar por Meg.

- Eu, se fosse a ti, não bebia tanto, Meg. Se continuares a beber, amanhã vais ter uma tremenda dor de cabeça.
- A tua mãe não aprovaria - sussurrou, aproximando-se dela enquanto Ned voltava a encher-lhe a taça e Fisher apanhava o o leque que tinha caído no chão.
- Eu esta noite não sou a Meg; sou uma boneca que faz toda a espécie de tolices. Amanhã ponho de parte as minhas coisas espalhafatosas, e volto a ser uma rapariga muito bem comportada!
- respondeu com um sorriso.

- Quem me dera que o amanhã fosse hoje - murmurou Laurie.

Meg bailou, tagarelou e criticou, como todas as outras raparigas. Depois da ceia resolveu dançar, mas não fez senão enganar-se, quase fazendo cair o seu par com a longa cauda do vestido e brincando e fazendo barulho a ponto de escandalizar

Laurie.

79

Durante todo o dia seguinte sentiu-se doente e no sábado voltou para casa cansada dos seus quinze dias de divertimento e enfastiada com o ambiente de luxo em que vivera durante aquele tempo.

- Que bom que é o sossego. . . ! Não ter de estar constantemente a pensar em todos os gestos! A nossa casa é um lugar maravilhoso, mesmo sem luxos - disse ela, no domingo à tarde, sentada, na companhia da mãe e de Jo.

- Sinto-me contente por falares assim, minha filha, porque receei que a nossa casa te parecesse triste e pobre depois de teres vivido estes dias na opulência - respondeu a mãe que, desde que a filha regressara, a vinha observando com certa ansiedade.

- Tenho uma confissão a fazer, mãezinha.

- Bem me queria parecer. O que é que precisas de confessar, filha?

- Queres que me vá embora? - perguntou Jo.

- Não. A ti digo sempre tudo. Quero que saibam como me portei mal em casa dos Moffat.

-Estamos prontas a escutar-te - sorriu a senhora March, embora se sentisse um pouco inquieta.

- Eu disse que as raparigas me vestiram com um lindo vestido, mas não disse que me puseram pó-de-arroz e bâton nos lábios e que me transformaram num manequim. O Laurie ficou enojado com tudo aquilo. Eu já sabia que era uma estupidez, mas fiquei tão envaidecida e disseram-me que ficava tão bonita, que as deixei rir à minha custa.

- Foi só isso que fizeste? - perguntou Jo.

-Não. Bebi champanhe. Fiz barulho, procurei atrair a atenção dos rapazes, portei-me de um modo censurável - respondeu Meg.

- Tenho a impressão de que há mais alguma coisa - disse a senhora March, acariciando o rosto da filha, que corou quando esta respondeu:

80

- Há, sim. É uma tolice, mas tenho de contar, porque me reevolta que as pessoas digam estas coisas de nós e do Laurie. Contou então o que ouvira na noite do baile, e Jo notou que a mãe contraía os lábios, ofendida por terem metido tais coisas na cabeça de Meg.

-Nunca ouvi coisa tão absurda! - exclamou Jo, indignada. - Porque é que não lhes disseste logo o que tinhas a dizer àquelas estúpidas?

- Não podia dizer, porque ninguém sabia que eu as estava a escutar. Não é correcto, mas fiquei tão incomodada que nem pensei nisso.

-Quando encontrar a Anita Moffat, vai ter que me ouvir.

parecia que, durante aqueles quinze dias, Meg se tinha tornado muito mais adulta, e que se afastava agora para mundo diferente, onde não a poderia acompanhar.

-Mãezinha, é verdade que tens projectos, como disse a senhora Moffat? - perguntou por fim, um tanto confusa.

- Claro que tenho, querida, muitos. . . Todas as mães os têm. Mas creio que os meus são diferentes dos dessa senhora. Vou esclarecer algumas das tuas dúvidas, porque creio que chegou o momento de o fazer. Apesar de seres muito nova, acho que me vais entender, e os lábios de uma mãe são os mais indicados para falar de certas coisas. A tua vez, também vai chegar, de maneira que escutem as duas os meus projectos, e, se forem bons, ajudem-me a realizá-los. Jo sentou-se num braço da cadeira, como quem vai tomar parte num acto solene, e a senhora March, pegando numa mão de cada filha, disse com o seu ar sério mas bem-humorado:

- Quero que as minhas filhas sejam boas, bonitas e distintas, e que sejam amadas e respeitadas. Que tenham uma

81

juventude feliz e se casem bem e de maneira conveniente. Ser escolhida e amada por um homem bom é o melhor que pode acontecer a uma mulher e desejo que as minhas filhas tenham essa experiência. É natural pensar nisso, Meg, é justo esperar que aconteça e é prudente que cada uma se prepare para que, quando chegar o momento, esteja pronta para assumir as suas responsabilidades e ser feliz. Minhas filhas, tenho uma grande ambição a vosso respeito, mas não pretendo que sejam pessoas importantes neste mundo ou que se casem com homens ricos só por essa razão, ou que venham a ter casas magníficas e luxuosas que não sejam verdadeiros lares, por lhes faltar o amor. O dinheiro é útil e até nobre quando devidamente utilizado, mas não quero que o considerem a única coisa importante. Preferiria vê-las esposas de homens pobres, mas amadas e consideradas, do que rainhas, mas sem paz e sem respeito próprio.

-Belle diz que as raparigas pobres não têm qualquer probabilidade de casar se não se puserem em evidência - suspirou Meg.

- Pois então é preferível ficarmos solteiras! - exclamou Jo, energicamente.

- Disseste bem, Jo. É melhor ser uma solteirona digna do que uma esposa infeliz ou uma rapariga sem propósito, como aquelas que correm atrás dos homens à procura de um marido - observou a mãe, para logo depois acrescentar: A pobreza raras vezes assusta um amor sincero. Algumas das mais consideradas mulheres que eu conheço eram raparigas pobres, mas tão dignas de ser amadas que esse motivo as não deixou ficar solteiras. Há uma coisa que devem ter presente: é que eu estou sempre disposta a ser vossa confidente e o pai a ser o vosso melhor amigo.

As duas irmãs ouviram com entusiasmo as palavras da senhora March e despediram-se, desejando-lhe uma boa noite.

O CLUBE PICKWICK

Com a Primavera apareceu uma nova série de divertimentos, e os dias, cada vez mais compridos, ofereciam longas tardes para o trabalho e para as distrações de toda a espécie. O quintal tinha de ser arranjado, e, para isso, cada uma das irmãs tomou à sua conta um pequeno talhão, para tratar como melhor lhe apetecesse. A Hanna costumava dizer:

- Eu era capaz de dizer a quem é que pertence cada um dos jardinzinhos, ainda mesmo que eles estivessem lá para a China. E, de facto, assim era, porque os rostos das raparigas eram tão diferentes como os seus feitios.

Meg cultivava roseiras e hilitrópio, flor de murta e uma laranjeira pequenina. O canteiro de Jo nunca era igual duas estações seguidas, porque ela estava sempre a fazer experiências: este ano fizera uma plantação de girassóis.

Beth tinha no seu jardim flores perfumadas de espécies fora da moda, como ervilhas-de-cheiro, reseda, delfínios, craveiros, amores-perfeitos, erva-cidreira e também merugem, para os passarinhos, e poejos, para os gatinhos. Amy, no dela, tinha um caramanchão - não muito espaçoso e com alguns insectos, mas muito bonito à vista - revestido de madre-silva e de nove-horas, com os seus tentáculos coloridos e as suas graciosas campânulas, formando grinaldas pendentes

83

que o cobriam todo; lírios brancos de fuste alto, fetos delgados e muitas outras plantas fora do vulgar e de tons resplandecentes, tantas quantas era possível crescer e florir naquele pequeno espaço.

A jardinagem, passeios a pé, passeios de barco no rio e colheita de flores no campo ocupavam as tardes dos dias bonitos; para as de chuva tinham divertimentos em casa - uns mais antigos, outros de novidade - todos mais ou menos originais. Um desses entretenimentos era o C. P., porque as sociedades secretas estavam então na moda e era considerado próprio fazer parte de uma sociedade desse género. Como todas eram grandes admiradoras de Dickens, passaram a chamar-se sócias do Clube Picwick". Apenas com pequenas interrupções, mantinham as suas actividades havia um ano e faziam as reuniões todos os sábados à tarde nas grandes águas-furtadas.

Três cadeiras dispostas em fila diante de uma mesa, sobre a qual havia um candeeiro a petróleo e quatro insígnias de cor branca com as letras C. P." em ponto grande, de cores diferentes,

em cada uma delas e um semanário chamado Arquivo Pickwick, para o qual todas escreviam qualquer coisa mas de que a Jo, que delirava com as penas de escrever com a tinta, era o editor. Às sete horas da tarde os quatro membros do clube subiam à sala das sessões, colocavam asi insígnias em torno da cabeça e tomavam os seus lugares com a maior solenidade. Meg, como mais velha, era Samuel Pickwick, Jo, que tinha tendências literárias, era Augustus Snodgrass, Beth, porque era redondinha e rosada, Tray Tupman e Amy, que andava sempre a querer dizer aquilo que não podia, Nathaniel Winkle. Pickwick, na presidência, fazia a leitura do periódico, que era preenchido com narrativas originais, poesia, notícias de interesse local, anúncios cômicos e uma secção de sugestões, em que cada uma lembrava

84

às outras as suas faltas e os seus defeitos, mas sem magoar. Numa dessas solenidades o senhor Pickwick pôs uns óculos sem vidro, bateu com os nós dos dedos no tampo da mesa, fez hem, repetidas vezes e, depois de ter fixado com energia os seus olhos no senhor Snodgrass, que estava empurrando para trás a sua cadeira a fim de conseguir uma atitude apropriada, começou a ler uma série de artigos e histórias escritas pelos quatro membros do clube: Casamento Mascarado, História de uma Abóbora, Um Lamentável Acidente, entre outros.

Quando o presidente acabou a leitura seguiram-se aplausos gerais e, depois, o senhor Snodgrass levantou-se para mandar uma proposta para a mesa.

- Senhor presidente e meus senhores -, começou, assumindo uma atitude e um tom parlamentar: - Desejo apresentar a proposta de admissão de um novo membro; uma pessoa que é digna de tal honra e ficará profundamente grata por merecê-la. virá animar imensamente o clube e aumentar o valor literário da nossa revista e cuja boa disposição e gentileza não terá limites. Proponho que o senhor Teodoro Laurence seja admitido como membro honorário do Clube Pickwick. Ora vamos, admitam-no!

A súbita mudança de tom no discurso de Jo fez rir as raparigas, mas todas manifestaram uma certa inquietação, e, quando Snodgrass retomou o seu lugar, ninguém pediu a palavra.

- A proposta vai ser posta à votação -, disse o presidente.
- Quem aprovar faça o favor de o manifestar dizendo: . Sim!"

Ruidosa resposta afirmativa de Snodgrass, seguida, com surpresa de toda a gente, pela muito tímida de Beth.

- Quem não aprova diga: Não!

Meg e Amy não aprovaram a proposta e o senhor Winkle levantou-se para dizer com grande apuro de maneiras:

85

- Não queremos rapazes entre nós; eles não sabem senão gracejar e gabar-se. Isto é um clube de senhoras e nós desejamos ser

exclusivas e dignas desse nome.

- Receio que ele se ria da nossa revista e depois vá fazer troça de nós -, observou o senhor Pickwick puxando pela pequena madeixa de cabelos sobre a testa, como costumava fazer sempre que estava indeciso.

Snodgrass saltou da cadeira e disse com veemência:

- Senhor presidente! Dou a minha palavra de honra a vossa excelência que Laurie nunca fará uma coisa dessas: Ele gosta de escrever, dará um certo tom à nossa colaboração e evitará que nos tornemos sentimentais, não estão todas a ver? Ajuda-nos muito, enquanto nós de pouca valia somos para ele; por isso a minha opinião é que a coisa mais insignificante que podemos fazer por ele é oferecer-lhe um lugar entre nós e tornar-lhe esse lugar agradável, se ele o aceitar.

Esta referência habilidosa às vantagens concedidas levou Tupman a pôr-se de pé, com a atitude de estar completamente decidido.

- Exactamente, é o que devemos fazer, não obstante os nossos evidentes receios. Declaro que ele pode entrar e o avô também, se assim o desejar.

Esta explosão impetuosa de Beth electrizou o clube e Jo levantou-se para lhe ir dar um aperto de mão de concordância.

- Bem, agora vamos a nova votação. Lembrem-se todas de que se trata do nosso Laurie e digam: Sim!, - exclamou Snodgrass cheia de entusiasmo.

Sim,, sim, sim, responderam três vozes ao mesmo tempo.

- Muito bem! E agora, como não há nada como agarrar a ocasião pelos cabelos", no dizer muito apropriado de

86

inkle, permitam-me que faça a apresentação do novo sócio do clube.

- E, no meio da consternação da assistência, Jo abriu de repente a porta do quarto de arrumações e exibiu

Laurie, sentado num saco de trapos, todo vermelho e a piscar os olhos no esforço de conter o riso.

-Grande trapaceiro! Grande traidor! Como pudeste fazer uma coisa destas, Jo? - gritaram as três raparigas, quando Snodgrass avançou, triunfantemente, com o seu amigo e, oferecendo-lhe uma cadeira e uma insígnia, o instalou, num ápice.

- É espantoso o cinismo destes dois tratantes - principiou a dizer o senhor Pickwick, tentando franzir as sobrancelhas, com um ar ameaçador, mas conseguindo apenas produzir um sorriso amável. Mas o novo sócio do clube não era uma pessoa que se intimidasse e, erguendo-se da sua cadeira, dirigiu uma graciosa vénia à presidência e proferiu as seguintes palavras da maneira mais cativante:

- Senhor presidente e minhas senhoras. . . perdão !. . . meus

senhores! Permitti-me que me apresente a mim próprio como Sam Weller, servo muito humilde deste clube.

- Muito bem ! Muito bem ! - exclamou Jo batendo com o cabo da velha braseira, que lhe estava a servir de apoio.

- O meu fiel amigo e nobre protector -, continuou Laurie, acompanhando as suas palavras com um gesto da mão apropriado -, que, de uma forma tão lisonjeira, fez a minha apresentação, não deve merecer qualquer censura pelo estratagema irregular a que recorreu esta noite. Fui eu quem o planeou e ela só condescendeu depois de muito a enfadar.

- Ora vamos, não queiras ficar com todas as culpas! Sabes muito bem que eu propus o armário - interrompeu

Snodgrass, que estava divertidíssima com a brincadeira.

- Não façam caso do que ela diz. Eu sou o miserável que tudo fez, senhor presidente - disse o novo sócio com uma

87

inclinação de cabeça, à moda de Weller, para Pickwick. Mas, sob minha palavra de honra, nunca mais procederei do mesmo modo, e, daqui para o futuro, dedicar-me-ei aos inte resses deste clube imortal.

- Apoiado! Apoiado! - gritou Jo batendo na tampa da braseira.

- Continua, continua - acrescentaram Winkle e Tupman, ao mesmo tempo que o presidente baixava a cabeça, com ar bondoso.

- Desejo apenas dizer que, como insignificante penhor da minha gratidão pela honra que acaba de me ser conferida e com o fim de promover relações amistosas entre duas nações vizinhas, instalei uma caixa de correio na sebe, junto à esquina de baixo, no quintal. É um belo e espaçoso edifício com fechaduras nas portas e todas as comodidades para o serviço do correio - e também para as pessoas do sexo feminino, se me permitem a expressão. É o velho pombal; mas eu barrei-lhe a porta e abri-lhe o telhado, de maneira a poder guardar todas as coisas e a poupar o nosso tempo precioso. Cartas, manuscritos, livros e embrulhos podem lá ser metidos; e como cada nação vizinha tem a sua chave, será extraordinariamente cómodo, segundo espero. Permitam-me que faça a entrega da chave que fica pertencendo ao clube e que retome o meu lugar, com muitos agradecimentos pelas vossas gentilezas.

Grandes aplausos acompanharam o senhor Weller, ao depositar uma pequena chave sobre a mesa e ao sentar-se em seguida. A braseira retiniu e agitou-se com frenesim e só algum tempo depois a ordem pôde ser restabelecida. Seguiu-se uma prolongada discussão, em que todos se manifestaram de maneira surpreendente, porque todos procuraram ir até aos limites das suas possibilidades, de modo que a sessão se tornou extraordinariamente animada e não terminou senão à

88

hora, muito avançada, em que todos se levantaram dando três vivas

ao novo consócio.

Nunca houve ocasião de lamentar a admissão de Sam Wel-porque nenhum clube poderia ter um elemento mais dedicado e mais jovial do que ele.É indubitável que animou as reuniões e deu um certo tom à revista,porque os seus discursos abalavam o auditório em convulsões de riso e os seus artigos eram excelentes, visto que, sendo, invariavelmente, patrióticos, clássicos,cômicos ou dramáticos,nunca eram sentimentais.Jo considerava-os dignos de um Bancon, Milton,um Shakespeare e passou a orientar pelo novo modelo as suas próprias obras literárias,e,na sua opinião, com belo resultado.

A caixa do correio foi uma pequena instituição da maior importância e teve um êxito formidável.Passaram por ela quase tantas coisas originais como as que transitam por uma caixa de correio a valer.

Tragédias e gravatas,poesias e conservas,sementes para a horta e jardim e extensas missivas,músicas,borrachas,convites,reprimendas e até cachorrinhos.O velho senhor Laurence gostou da brincadeira e divertia-se sozinho, metendo lá encomendas estranhas, cartas misteriosas e telegramas engraçados,e o próprio jardineiro,cativado pelos encantos de Hanna,chegou a mandar uma carta de namoro ao cuidado de Jo.O que eles riram,quando o segredo se tornou conhecido,não lhes fez sequer prever nem em sonhos as mensagens de amor que aquela pequenina caixa de correio havia de guardar nos anos futuros!

EXPERIÊNCIAS

- Primeiro de Junho! Os King foram veraneiar e fiquei livre. São três meses de férias! Agora é que me vou divertir! exclamou Meg, quando regressava a casa num dia muito feliz.

Encontrou Jo estendida num divã esgotada, e Beth ocupada a descalçar as botas, enquanto Amy preparava uma limonada para todas.

- A tia March foi-se embora hoje e estou muito contente por isso - disse Jo -. Estava com medo de que me convidasse a ir com ela para Plumfield, que é um sítio tão divertido como um cemitério. Não poderia dizer-lhe que não e, enquanto fazíamos as

malas, assustava-me de cada vez que ela começava a falar comigo. Tinha pressa de a ver pelas costas e mostrei-me tão amável e solícita que acabei por recear que ela pudesse concluir que não poderia separar-se de mim. Fiquei a tremer até ela entrar na carruagem, mas ainda apanhei mais um susto, porque quando esta se pôs em movimento, ela deitou a cabeça de fora da portinhola e começou a perguntar:

Josefina, não queres?..." Não pude escutar

mais. Deitei a correr e não me senti a salvo enquanto não

dobrei a esquina...

91

- Que vais fazer durante as férias? - perguntou Ammy, variando de assunto.

- Vou levantar-me tarde e não vou fazer coisa nenhuma

- respondeu Meg. - Já trabalhei bastante durante todo este Inverno.

- Não gosto de estar sem fazer nada - declarou Jo. Eu vou aproveitar as horas para ler, empoleirada na minha velha macieira, quando não estiver com o Laurie.

- Sabes o que podemos fazer, Beth? Não pensar mais em estudar e brincar apenas - propôs Amy.

- Se a mãe deixar. . . quero aprender novas canções e tenho que fazer vestidos para as minhas bonecas. . .

- Podemos fazer tudo isto, mãezinha? - perguntou Meg, voltando-se para ela, que se ocupava com a costura.

- Podem experimentar durante uma semana, Jo, para ver se gostam. Parece-me que, no fim de uma semana, vão ver que muito brinquedo e pouco trabalho é tão desagradável como muito trabalho e pouca distração.

- Vais ver que não! Eu acho que vai ser magnífico! disse Meg, por sua vez.

Brindaram com as limonadas ao feliz êxito da

sua experiência e começaram a pô-la em prática não fazendo nada durante todo o dia.

Nenhuma queria confessar que já estava farta, mas quando chegou a noite da sexta-feira, todas reconheceram interiormente que estavam contentes por faltar pouco para terminar a semana.

Querendo que a lição lhes fosse proveitosa, a senhora March, com o seu excelente bom humor, resolveu completar adequadamente aquela prova dando a Hanna um dia inteiro de folga. Quando as raparigas se levantaram no sábado, não havia lume na cozinha, nem pequeno-almoço, nem sequer viram a mãe em parte alguma.

92

-Mas, que se passa aqui? - gritou Jo, olhando em volta.

Meg tinha corrido pela escada acima, mas a seguir voltou a descê-la, dizendo tranquila, mas bastante surpreendida:

- A mãe ainda está na cama. Diz que está cansada e tira o dia todo para descansar e distrair-se. Também diz que nos arranjemos como pudermos. É muito raro fazer isto, mas teve uma semana muito sobrecarregada...

- Ora ainda bem. Estava desejosa de fazer qualquer coisa!..., quer dizer, um novo divertimento - disse Jo, sentindo, no fundo, um grande alívio por ter alguma coisa com que distrair o seu tédio.

No entanto, logo se deram conta de que, como dizia Hannah, cuidar da casa não era brincadeira. Encontraram suficientes provisões na despensa e, enquanto Amy e Beth punham a mesa, Meg e Jo prepararam o pequeno-almoço.

- A mãe disse que não nos preocupássemos com ela, mas vou levar-lhe qualquer coisa - disse Meg, que presidia à mesa.

Puseram várias coisas numa bandeja, mas o chá estava amargo, a omeleta queimada e os biscoitos mal feitos. A senhora March riu-se quando ficou só e, enquanto fazia desaparecer aquelas coisas e comia depois o que já antecipadamente havia preparado, pensou para si:

Coitadinhas! Estão metidas em apuros, mas é para o bem delas." As raparigas queixaram-se da improvisada cozinheira e então Jo, que ainda entendia menos de cozinha do que Meg, ofereceu-se :

- Eu tomarei conta da comida, não te preocupes. Tu farás de senhora; receberás as visitas e darás as ordens.

Meg aceitou a combinação muito contente e, dirigindo-se para a sala, arrumou-a rapidamente, atirando os papéis para debaixo do sofá e correndo as persianas para não ter de limpar

93

o pó. Jo, entretanto, querendo fazer as pazes com Laurie, com quem

se tinha desentendido, foi pôr um bilhete na caixa do correio a convidá-lo para almoçar.

- Antes de convidar alguém, era melhor que pensasses o que vais fazer para o almoço - disse Meg, quando teve conhecimento.

- Temos fiambre, carne, batatas, e vou arranjar espargo e lagosta. Faço uma salada de alface e, para sobremesa, faço gelado com morangos. Finalmente, café, para dar um tom elegante, se é isso que queres.

- Faz o que te parecer e não se preocupem comigo respondeu a senhora March, quando foi consultada. - Eu vou almoçar fora, vou descansar um pouco, dedicar o dia a ler, escrever e fazer algumas visitas.

Tudo aquilo parecia tão estranho que Jo achou que estava a acontecer qualquer coisa anormal. Não a teria surpreendido mais um terramoto, um eclipse ou uma erupção vulcânica!

Parece que está tudo fora dos eixos", pensou enquanto descia as escadas. Oiço Beth a chorar. Se tiver sido implicação da Amy, dou-lhe um safanão."

Mas, correndo para a sala, foi encontrar Beth a soluçar debruçada sobre o cadáver de Pip, o canário, que jazia com as patinhas esticadas, como se suplicasse a comida por falta da qual morrera.

- Foi por minha culpa. . . Esqueci-me de pôr-lhe a comida. . . e não tinha nem um grãozinho. . . Como é que fui tão má? - lamentava Beth, chorando, enquanto tentava reanimar o passarinho.

- Mete-o dentro do forno que talvez se reanime - sugeriu Amy, cheia de esperança.

- Morreu de fome e agora não o vou assar. Vou fazer-lhe uma mortalha para o enterrarmos no jardim.

-Sim, esta tarde, e vamos todas assistir. Não chores

94

mais,Beth.Tenho tanta pena! Esta manhã tudo correu mal, Pip foi o principal prejudicado com a experiência.Põe-no dentro da minha caixa de dominó e depois do almoço vamos fazer-lhe um lindo enterro - disse Jo,notando que se sentia ela própria também culpada.

E foi para a cozinha,onde reinava grande desordem.Pôs o avental e começou a a trabalhar.O lume tinha-se apagado ifoi preciso voltar a acendê-lo.Resolveu ir ao mercado enquanto a água aquecia para lavar os pratos.Voltou mais animada e segura de ter feito boas compras,mas a verdade é que comprara uma lagosta muito pequena,espargos muito velhos e morangos muito ácidos.Quando já tinha posto a cozinha em ordem,trouxeram-lhe o resto das coisas para preparar a refeição.

Depois de ter dado uma olhada para ver como estava tudo e de consolar Beth, a senhora March saiu. Quando viram a mãe desaparecer à esquina, sentiram todas um grande desânimo, o qual se transformou em desespero quando chegou a menina Croker, dizendo que ficava para almoçar. Era uma solteirona muito mexeriqueira. Não gostavam nada dela, mas tratavam-na bem por ser velha, pobre e ter poucas amizades. Por isso Meg mandou-a sentar na melhor cadeira e tentou entretê-la enquanto ela fazia perguntas, censurava tudo e contava mexericos de todas as pessoas que conhecia. Não é possível descrever as dificuldades por que passou Jo para conseguir fazer o almoço, que acabou por ser um verdadeiro fracasso, o que a fez chegar à conclusão de que, para se ser uma boa cozinheira, é preciso ter bastante mais do que simples energia e decisão.

Cozeu os espargos durante uma hora, mas enquanto as cabeças se cozeram, os talos continuaram rijos. Enquanto cuidava da salada, o pão que estava no forno queimou-se. A lagosta não passava, para ela, de um verdadeiro mistério

95

vermelho. Apesar de tudo, à força de martelar, conseguiu partir-lhe a casca, mas a escassa quantidade de lagosta que ficou desapareceu completamente no meio da alface.

Ora, se tiverem muito apetite, que comam carne e pão com manteiga. Mas é um desespero passar uma manhã toda na cozinha para nada", disse para si mesma, enquanto tocava a campainha a anunciar que o almoço estava pronto meia hora mais tarde do que era costume.

Desanimada, dispôs-se a assistir à refeição, da qual tomaram parte Laurie, acostumado a temperos requintados, e a

menina Croker, cuja língua iria ter muito de que falar. À medida que os vários pratos iam sendo provados e postos de parte, a sua vontade era esconder-se debaixo da mesa. Só respirou um pouco quando se repartiram os pratos de vidro com a sobremesa, que consistia em morangos com gelado. -

A menina Croker, que foi a primeira a provar, fez uma grande careta e apressou-se a beber água. Jo, que não tinha querido servir-se por recear que não chegasse para todos, voltou a olhar para Laurie, que comia resolutamente, embora não pudesse evitar de fazer algumas caretas. Amy depois

de meter uma colherada na boca, engasgou-se, escondeu a cara no guardanapo e saiu apressadamente da mesa.

- O que é que se passa? - perguntou Jo, assustada.

- Puseste sal em lugar de açúcar e não se pode comer - respondeu Meg com um gesto desolado.

Jo soltou um gemido, fez-se vermelha como um tomate e ia começar a chorar quando o olhar se lhe cruzou com o de Laurie, que não podia conter o riso, apreciando o lado cómico

da situação. Por fim todos se puseram a rir e a refeição acabou por ser carne, pão com manteiga, azeitonas e muito divertimento!

Depois do almoço fizeram o enterro de Pip. Entre fetos
96

no meio das árvores do jardim, Laurie preparou-lhe uma sepultura, coberta de musgo, onde enterraram o pobre canário. A sua amiguinha chorou muito por ele e colocou sobre a campa uma grinalda de violetas.

Terminada a cerimónia, Beth recolheu-se no seu quarto por se sentir mal-disposta devido à emoção e também porque a lagosta não lhe assentara bem no estômago, mas não conseguiu descansar convenientemente, porque as camas estavam ainda por fazer. Acabou por sentir algum alívio quando pôs tudo em ordem. Meg ajudou Jo a levantar a mesa e a

lavar a louça, o que as deixou tão cansadas que resolveram contentar-se com chá e torradas para o jantar. Laurie levou Amy a dar um passeio na carruagem por vê-la muito triste.

Quando a senhora March regressou, encontrou as três raparigas a trabalhar como escravas. Passou uma revista à cozinha e ficou com uma ideia do êxito de uma parte da experiência.

Quando as trabalhadoras se dispunham a descansar, chegaram visitas e já não puderam fazê-lo porque tiveram de

atendê-las; a seguir tiveram de preparar o chá, dar algumas voltas e fazer alguns trabalhos de costura urgentes que tinham deixado para o último momento. À hora do crepúsculo, calmo e silencioso, reuniram-se debaixo do alpendre, onde estavam a desabrochar as rosas de Junho e, ali sentadas, começaram todas a queixar-se das canseiras e preocupações:

- Que horrível dia! - principiou Jo, que costumava sempre começar todas as conversas.

- Pareceu-me mais curto do que os outros, mas foi muito aborrecido... - acrescentou Meg.

- Parecia que não estávamos na nossa casa - acrescentou Amy.

- Porque nos faltavam a mãe e o Pip - suspirou Beth, olhando para a gaiola vazia com os olhos rasos de lágrimas.

97

- A tua mãe já aqui está, filha. Se quiseres, amanhã mesmo terás outro canário.

Dizendo estas palavras, a senhora March foi sentar-se junto das filhas, parecendo também ela não muito animada com o seu dia de feriado.

- Ficaram satisfeitas com a experiência ou acham que é melhor continuar mais uma semana? - perguntou, enquanto Beth se baixava na frente dela e as outras se dispunham em seu redor, como as flores que se voltam para o Sol.

- Eu não - disse Jo decidida.

- Nem eu - repetiram as irmãs em coro.
- Acham então que é preferível ter algumas obrigações a cumprir e viver um pouco para os outros?
- Não fazer nada e sempre a divertir-se não me convence
- declarou Jo.- Estou cansada disso e quero começar já a trabalhar.
- Poderias aprender a cozinhar; é uma coisa muito útil que toda a mulher deve saber - disse a senhora March, rindo-se interiormente, pensando na comida servida por Jo, visto que tinha encontrado a menina Croker que lhe contara tudo.
- Diga lá, mamã: Deixou-nos sozinhas para ver como nos arranjaríamos? - interrogou Meg, exprimindo as suspeitas que tivera durante todo o dia.
- Sim. Queria que aprendessem que o bem-estar de todas depende de que cada uma cumpra as suas obrigações.

Enquanto Hanna e eu trabalhávamos para vocês, ia tudo bem, mas não se mostravam contentes, nem agradecidas.

Por isso pensei que esta lição vos faria ver o que acontece quando cada uma só pensa em si mesma. Não acham que é muito melhor ajudarmo-nos umas às outras, ter deveres a cumprir que, quando chega a hora do repouso, o tornam mais agradável, e suportar alguns incómodos para que a casa se mantenha confortável e atraente para todos?

98

- Sim, mamã - responderam as raparigas.
- Deixem, então que vos aconselhe a tomar de novo as vossas cargas, porque, embora às vezes pareçam pesadas, habituamo-nos a elas e tornam-se mais leves à medida que aprendemos a levá-las. O trabalho é saudável para o corpo e para o espírito; livra-nos do enfado e de outros males, tornando-nos fortes e independentes, muito mais do que a riqueza.
- Mãe, vai ver que vamos trabalhar muito - disse Jo.- Nas férias vou aprender a cozinhar e darei um grande jantar.
- Eu vou fazer alguma roupa para o pai, apesar de não gostar muito de costura - afirmou Meg.
- Estudarei todos os dias as minhas lições e não voltarei a perder tempo com bonecas - decidiu Beth.
- Amy, a exemplo das irmãs, falou com entusiasmo:
- Eu vou ter mais cuidado com a minha maneira de falar! Assim a senhora March sentiu que não havia necessidade de repetir a experiência.

99

O ACAMPAMENTO LAURENCE

Beth era a encarregada da caixa do correio. Como estava quase sempre em casa, podia ocupar-se regularmente desse trabalho e gostava muito de o abrir todos os dias e fazer a distribuição das cartas. Um dia de Julho entrou com as mãos cheias e foi distribuindo pela casa pacotes e cartas como se fosse um carteiro.

- Aqui tens o teu ramo de flores, mamã. O Laurie nunca se esquece - disse. - Para a menina Meg March, uma carta e uma luva.

- Como? ! Deixei lá um par e só vem uma luva. . . Não deixaste cair no jardim?

- Tenho a certeza de que não, porque só encontrei uma dentro da caixa.

A senhora March olhou para Meg que estava encantadora no seu vestido de percal, com os caracóis agitados pela brisa. Ignorando o que ocupava o espírito da mãe, cantava enquanto costurava, ao mesmo tempo que urdia fantasias juvenis. A mãe sorriu e sentiu-se satisfeita.

- Duas cartas para a doutora Jo, um livro e o seu chapéu antigo, enorme - disse Beth, rindo, quando entrou na sala onde Jo se encontrava a escrever.

- Mas que rapaz maluco! No outro dia disse-lhe que gostava
101

que lançassem a moda de chapéus com a aba maior porque quando faz calor queima-me a pele do rosto, e ele respondeu-me: Porque te preocupas com a moda? Pensa só na tua comodidade e usa um chapéu de aba grande. Como lhe respondi que usaria um se o tivesse, manda-me este para ver se o ponho. Pois vou usá-lo para nos divertirmos e provo que não ligo nenhuma importância à moda.

Pendurou logo o antiquado chapéu no busto de Platão e pôs-se a ler as cartas.

Uma era da própria mãe. Jo sentiu-se emocionada quando leu:

Querida filha:

Escrevo-te estas linhas para te dizer como aprecio os esforços que fazes para dominar o teu génio. Não dizes nada das tuas tentativas, fracassos e êxitos, e talvez penses que ninguém repara, excepto o Amigo cuja ajuda solicitas todos os dias, a julgar pela maneira como estão gastas as capas do teu livro-guia. Mas eu também observo e creio que os teus propósitos são sinceros, pois já começam a dar fruto. Filha, persiste com paciência e

coragem, e acredita que ninguém te compreende nem simpatiza tanto contigo como a tua dedicada

Mãe.

- Isto faz-me tanto bem. . . Vale mais do que todas as riquezas e todos os louvores deste mundo. Oh, mãezinha, é verdade que me esforço muito, e vou continuar sem desanimar, porque a tenho a si!

Apoiando o rosto nos braços, Jo derramou lágrimas de alegria sobre o conto que estava a escrever, pois era verdade

que pensava que ninguém dava pelo esforço que fazia para ser boa. A certeza que agora tinha era especialmente valiosa por não ter sido esperada e por vir da pessoa cujo elogio mais apreciava. Sentindo-se mais forte do que nunca,

102

prende a carta com alfinetes dentro do seu vestido, para lhe servir de lembrança, e abriu a outra carta. Em letras grandes e escritas à pressa, encontrou a seguinte mensagem de Laurie: Querida Jo: Uns rapazes e raparigas ingleses, os Vaughan, vêm visitar-me amanhã para passarmos uns momentos agradáveis. Se fizer bom tempo, vou montar a minha tenda de campismo em Long-eadow, para irmos de barco almoçar, jogar criquete e organizar toda a espécie de divertimentos. O Brooke também vai, vai manter os rapazes na ordem, e a Kate Vaughan ocupa-se das raparigas. Quero que vocês venham todas e não deixem a Beth em casa, porque ninguém a irá arreliar. Eu trato da comida e de tudo. Não deixem de vir. Está bem? Ficarei muito contente.

Com muita pressa, sempre teu,

Laurie

- Podemos ir, não é, mamã? - perguntou Jo. - Como Ajuda temos o Laurie porque eu sei remar, Meg ocupa-se do almoço e as pequenas de outros pormenores.

-Sabes alguma coisa dos outros? - perguntou Meg.

- Só sei que são quatro. A Kate é maior que tu. O Fred e o Frank, que são gémeos, têm mais ou menos a tua idade, e a Grace tem nove ou dez anos. O Laurie conheceu-os no estrangeiro e os rapazes são simpáticos. Mas pela maneira como fala da Kate, parece-me que não gosta lá muito dela.

- Ainda bem que o meu vestido de percal francês está arranjado! Fica-me muito bem - disse Meg satisfeita. - Tens alguma coisa capaz de vestir, Jo?

-O vestido cinzento e vermelho, para andar de barco, está muito bem. Como vou remar bastante, não quero levar coisas engomadas. Beth, tu também vens, não é verdade?

103

- Se me garantem que nenhum rapaz vai falar comigo, - Nem um sequer! - Gosto de fazer a vontade ao Laurie e não tenho medo do senhor Brooke, que é muito bom, mas não quero jogar nem dizer

nada, nem cantar. No entanto ajudarei em tudo que seja possível.

- Bravo, Beth! Procuras lutar contra a tua timidez e acho muito bem. Não é fácil combater os nossos defeitos e é bom ouvirmos palavras de ânimo. Obrigada, mãezinha - e Jo deu um beijo na mãe, que a comoveu um pouco.

Na manhã seguinte, houve uma grande animação. Cada uma fez os seus próprios preparativos: Meg arranjou uma gama a mais de papelotes na sua franja; Jo espalhou creme em toda a cara para amaciar a pele; Beth andou todo o tempo com a sua boneca a fim de compensar a próxima separação

e Amy colocou uma mola de roupa a apertar o nariz para o tentar endireitar, o que fez rir as irmãs. Beth, que foi a primeira a ficar pronta, foi informando as demais de tudo o que via pela janela.

- Lá vai o homem com a tenda de campismo! A cozinheira está a pôr a comida dentro de uma cesta e de um ca baz. O Laurie vai vestido à marujo. Chegou uma carruagem cheia de gente... Ah! Vêm também a Sallie e o Ned Mof fat. . . Despachem-se que estão a ficar muito atrasadas.

- Estou bem assim, Jo? - perguntou Meg, muito exaltada.

- Estás lindíssima. Vamos lá.

- Ó Jo! Vais levar esse chapéu tão feio? - exclamou Meg, vendo que ela ajustava na cabeça aquele que Lauriee lhe tinha mandado.

- Claro que vou! Não me importo de parecer um espantalho, se vou como gosto.

E pôs-se a caminho, seguida pelas irmãs. Laurie recebeu-as com muita cordialidade e apresentou-as aos seus amigos.

104

Meg notou com satisfação que a menina Kate, embora já tivesse mais de vinte anos, ia vestida com muita simplicidade.

Jo percebeu a razão por que Laurie não a apreciava muito.

Achou que ela tinha um certo ar afectado. Beth achou que devia ser amável com um dos rapazes, que era coxinho e parecia sossegado e débil. E Amy descobriu que Grace era agradável e fez-se logo amiga dela.

Embarcaram em dois botes. Jo pôs todos a rir quando disse que, se caísse algum aguaceiro, o seu chapéu servia para abrigar o grupo todo. No bote onde ia Meg também seguia o

preceptor de Laurie, o senhor Brooke, um jovem sisudo e calado, de olhos castanhos e voz agradável. Ela apreciava o seu ar sereno e considerava-o uma enciclopédia ambulante de conhecimentos muito úteis. Ele olhava-a com insistência, o que ela não deixou de notar.

O lugar para onde se dirigiam não era muito afastado, mas quando o segundo bote chegou já a tenda estava montada e o jovem anfitrião recebeu todos com entusiasmo.

- Bem-vindos ao acampamento Laurence. Brook é o comandante, eu sou o comissário, os outros rapazes são oficiais e as senhoras são a companhia. Agora vamos jogar uma partida e depois vamos almoçar. Jo e Fred, um dos gêmeos, tiveram algumas escaramuças, porque ele, a dado momento do jogo de críquete, deu um pequeno toque dissimulado, com o pé, Jo viu e disse logo:

- Você empurrou a bola. Agora é a minha vez.

- Não lhe toquei. Palavra! Talvez tenha rolado um pouco, mas isso é permitido. Tenha a bondade de se afastar, que vou jogar.

- Na América não fazemos batóta, mas se você quiser pode fazê-la - disse Jo, enervada.

- Toda a gente sabe que os Americanos são é muito despreocupados. Lá vai disto! - respondeu Fred, com uma pancada que atirou para longe a bola de Jo.

105

A pequena abriu a boca para dizer qualquer coisa desagradável, mas conteve-se, enrubescendo, enquanto Fred tendo feito chegar a sua bola até à meta, se declarava vencedor. Ela foi buscar a sua, mas demorou a encontrá-la entre os arbustos. Quando voltou, estava aparentemente calma e esperou, paciente, pela sua vez. Teve de dar várias pancadas para chegar à posição que tinha perdido, e quando conseguiu, a outra equipa já tinha ganho, pois a bola de Kate era a penúltima e já estava muito perto da meta.

- Que raiva! Estamos perdidos! Adeus, Kate. Jo tens direito a uma pancada, de modo que estás vencida - gritou Fred, muito exaltado, enquanto os outros se aproximavam para ver o fim do jogo.

- Os Americanos, apesar de despreocupados", são generosos com os seus adversários - declarou Jo, lançando a Fred um olhar que o deixou furioso. - Sobretudo quando os vencem - acrescentou, enquanto, sem tocar na bola de Kate, ganhava o jogo com um golpe de habilidade.

Laurie atirou o chapéu ao ar de entusiasmo, mas logo se lembrou de que não devia festejar a derrota dos seus convidados e conteve-se quando já ia a gritar um hurra". Segredou, antes, para a sua amiga:

- Muito bem, Jo! Eu bem o vi fazer batota. Não se pode dizer, mas garanto-te que não repete a gracinha.

Meg chamou-a à parte, a pretexto de lhe endireitar o cabelo, e disse-lhe:

- O rapaz estava muito insolente, mas gostei de ver como soubeste dominar-te, Jo.

- Não me faças elogios, que ainda tenho vontade de lhe dar uma bofetada. Felizmente, demorei-me no meio dos arbustos até conseguir dominar a raiva, para não falar. Mas ainda estou furiosa e espero que ele não se aproxime muito - respondeu Jo, mordendo

os lábios.

106

- São horas de almoçar - disse o senhor Brooke, olhando para o relógio. - Comissário, quer acender o fogo e trazer a água, enquanto nós pomos a mesa? Quem é que sabe fazer um bom café? -A Jo! - exclamou Meg.

E a aludida, satisfeita com as lições de cozinha que ultimamente recebera, foi ocupar-se da cafeteira.

Estenderam-se rapidamente as mantas e toalhas na relva e logo apareceram os vários petiscos e bebidas. Jo anunciou que o café estava feito e começaram a almoçar. Foi uma refeição alegre, porque tudo era saboroso e tudo servia de pretexto para risota. Caíram bolotas no leite e as formigas participaram dos bolos sem serem convidadas!

- Se precisares, temos aqui sal - gracejou Laurie, apresentando a Jo um prato de morangos.

- Obrigado. Prefiro as aranhas - respondeu ela tirando duas muito pequenas que acabavam de cair em cima da nata. - Como é que consegues lembrar-te daquele desastre numa refeição como a de hoje? - acrescentou ela rindo-se, enquanto os dois comiam do mesmo prato, porque havia pouca loiça.

-Diverti-me muito nesse dia. E no de hoje não tenho nenhum mérito, porque foste tu, a Meg e o Brooke que trataram de tudo, pelo que vos estou muito agradecido. Que Vamos fazer depois de comer?

-Podíamos jogar à verdade, - insinuou Sallie.

-Como é esse jogo?

- Põem-se as mãos uma em cima da outra, escolhe-se um número qualquer e tiram-nas sucessivamente; a pessoa que o fizer na altura daquele número tem de responder com toda a verdade a qualquer pergunta que os outros lhe fizerem. muito engraçado !

Vários se prestaram ao jogo e o primeiro a ter de responder foi Laurie.

107

- Quem são os teus heróis? - perguntou Jo.

- O meu avô e Napoleão.

- Qual é a rapariga que tu achas mais bonita? - perguntou Sallie.

- A Meg.

- De qual é que gostas mais? - interrogou o Fred.

- Da Jo, evidentemente.

- Que perguntas parvas que vocês fazem! - exclamou esta, enquanto todos se riam.

Depois coube a vez de Jo.

- Qual é o teu maior defeito? - perguntou Fred, para lhe pôr à prova a qualidade que ele próprio não tinha.

- O mau génio.

- O que é que tu mais desejas? - interrogou Laurie.

- Um par de atacadores para as botas - elucidou Jo.
- Não. Tens que responder com a verdade.
- Ter talento. Gostarias de poder ser-me agradável, dando-mo, não é isso? - sorriu, vendo a expressão decepcionada do jovem.

- Quais são as virtudes que mais admiras nos homens? perguntou Sallie.

- O valor e a honradez.

- Desta vez sou eu - disse Fred, tirando a sua sorte.

- Vamos fazê-lo pagar tudo o que fez - disse Laurie a Jo, em voz baixa.

E ela, concordando, disparou logo:

- Fez ou não fez batota no jogo?

- É verdade... fiz um pouco.

- Acha que a Inglaterra é uma nação perfeita?

- Sentiria vergonha de mim mesmo se não o achasse.

- És um autêntico John Bull - comentou Laurie, enquanto Jo, por gestos, dava a entender a Fred que estavam feitas as pazes.

- Agora é a tua vez, Sallie, e vou começar por te irritar. Não achas que és um pouco coquete?

108

- Isso é uma impertinência! Claro que não sou - respondeu ela, com uma expressão que denotava o contrário.

- Que é que detestas mais? - perguntou Jo.

-Dançar e luvas francesas.

- Bem, este jogo está a ficar um pouco chocho. Vamos antes jogar às prendas" - propôs Jo.

Enquanto os outros jogavam, Kate pôs-se a fazer desenhos. Meg observava e o senhor Brooke, sentado no chão, tinha na mão um livro que, no entanto, não lia.

-Gostava de desenhar tão bem como você! - disse Meg.

- Porque não aprende? Acho que teria jeito e gosto para isso.

- Não tenho tempo.

- A sua mãe prefere, naturalmente, que aprenda outras coisas. Aminha também pensava assim, mas mostrei-lhe que tinha talento, recebendo umas lições sem ela saber.

- Eu não recebo lições, dou-as. Sou professora.

- Ah, sim? - exclamou Kate, como se estivesse horrorizada, o que fez Meg arrepender-se de ter sido tão sincera.

-As raparigas americanas - disse Brooke prontamente - gostam tanto da independência como os seus antepassados e são admiradas pela sua capacidade de se bastarem a si mesmas.

-Ah, pois. Muito bem. Nós também temos meninas muito respeitáveis empregadas em boas casas, por serem bem educadas e distintas - disse Kate num tom protector que fez Meg sentir-se quase como se fizesse um trabalho humilhante.

Para quebrar o embaraçoso silêncio que, por instantes, se estabeleceu, o senhor Brooke perguntou:

- Gostou da letra da canção alemã, menina March?
- É muito bonita e estou verdadeiramente grata a quem

109

a traduziu - respondeu ela, já com o semblante mais animado.

- Não lê o alemão? - perguntou Kate, surpreendida.

- Não muito bem. O meu pai ensinava-me, mas agora, como está ausente, não consigo adiantar muito sozinha.

- Aproveite este momento para experimentar. Tem aqui Maria Stuart de Schiller, e um professor à sua disposição - sugeriu Brooke, sorridente, estendendo-lhe o livro.

- É muito difícil e tenho um pouco de medo - respondeu ela, agradecida, mas acanhada na presença daquela menina tão culta.

- Vou ler-lhe então um bocado para a estimular - disse Kate.

E leu um fragmento, mas sem lhe dar qualquer expressão: Quando Meg começou a ler, fê-lo devagar e timidamente, mas logo que se impressionou com a emoção do trecho, passou a ler como se estivesse sozinha, dando uma leve acentuação trágica às palavras da desgraçada rainha. Brooke observava-a com atenção sem que ela o notasse.

- Bem, muito bem - aprovou ele, quando a rapariga terminou.

- Tem uma boa pronúncia e, se praticar, pode vir a ler muito bem - condescendeu Kate. Já tinha guardado o desenho e acrescentou: - Vou ver o que a Grace está a fazer.

E afastou-se, dizendo com os seus botões: Não vim aqui para servir de dama de companhia a uma professorazinha. Por mais bonita que ela seja. Que pessoas tão extravagantes são estes americanos! Oxalá que não acabem por estragar o Laurie.

- Não me lembrei de que os Ingleses desprezam as professoras e não costumam tratá-las como nós fazemos -, disse Meg, olhando um tanto aborrecida para a jovem que se afastava.

110

- Também os professores encontram ali dificuldades; sei por experiência. Não existe, para quem trabalha, nenhum outro lugar como a América, menina Meg.

- Então, estou muito contente por viver aqui. Não gosto muito do meu trabalho, mas dá-me uma certa satisfação e compreendo que não devo queixar-me. Só queria gostar tanto de ensinar como o senhor.

- Creio que se o Laurie fosse seu discípulo, também gostaria. -Ele vai para a Universidade, não é? - e, com a expressão do olhar, era como se acrescentasse: E o senhor, o que vai fazer?"

- Sim. Já está na idade e tem os conhecimentos necessários. Quanto a mim, vou alistar-me no exército.

- Muito me alegra sabê-lo! Acho que todo o homem novo tem o desejo de ir para a guerra, ainda que isso seja difícil para as mães e as irmãs que ficam à espera - disse Meg tristemente.

- Não tenho mãe nem irmãs, e poucas pessoas se importam que eu viva ou que morra - retorquiu Brooke com amargura.

- O Laurie e o avô dele importam-se bastante e nós também ficaríamos muito tristes se lhe acontecesse algum mal.

- Obrigado. Consola-me ouvir essas palavras - começou ele a dizer, agora mais animado. Mas apareceu subitamente Ned, montando um velho cavalo, desejoso de exhibir as suas habilidades diante das raparigas, interrompendo a tranquilidade que se instalara.

- Não gostas de montar a cavalo? - inquiriu Grace a Amy.

- Sou doida por isso. A minha irmã Meg costumava montar quando o nosso pai era rico, mas agora o único cavalo que temos é a Macieira.

111

- E o que é a Macieira"? Uma burra?

- Já te digo...A Jo também delira por andar a cavalo, mas só temos uma sela de montar velha. Como temos no jardim uma macieira com um ramo baixo, a Jo pôs-se-lhe em cima, atou umas rédeas e quando nos apetece cavalgar, pômo-nos em cima da macieira.

- Que engraçado! Eu tenho um pônei e vou quase todos os dias com o Fred e a Kate para o parque. É muito agradável porque geralmente encontramos ali muitos amigos.

- Que bom que deve ser! Espero ir alguma vez ao estrangeiro. O meu lugar preferido é Roma.

A tarde terminou com uma sessão de circo, improvisada e mais uma partida de críquete. Ao pôr do Sol levantaram a tenda, recolheram as cestas e os aros, as estacas e os maços do jogo, carregaram tudo nos botes e regressaram a cantar.

Ned fixou Meg com um olhar tão curioso que ela se desatou a rir, o que fez interromper a canção.

- Como pode ser assim tão cruel comigo? - sussurrou ele, aproveitando o ruído que os outros faziam a tagarelar.

- Esteve o dia inteiro agarrada àquele inglês todo engomado e agora troça de mim.

- Não tive a intenção de o fazer, mas estava tão engraçado que me deu vontade de rir - respondeu Meg, sem aludir à primeira parte da censura, porque era verdade que procurara evitá-lo.

Ned, ofendido, voltou-se para Sallie à procura de atenção, dizendo um pouco irritado:

- Aquela rapariga não tem a menor ideia do que é o flirt, não te parece?

- Nem nada que se pareça, mas é encantadora.

No prado onde se haviam reunido naquela manhã, despediram-se

112

todos muito demoradamente, já que os Vaughan partiam no dia seguinte para o Canadá.

Quando as quatro irmãs se afastaram a caminho de casa,
Kate seguiu-as com o olhar, dizendo sinceramente:

-Apesar dos seus modos descontraídos, as raparigas
americanas são muito agradáveis, depois de as conhecermos
bem!

CASTELOS NO AR

Laurie balouçava-se voluptuosamente na sua rede, numa tarde quente de Setembro, dando tratos à imaginação para adivinhar o que as suas vizinhas estariam a fazer naquele momento, mas com muita preguiça para ir indagar. Estava sob a acção de um dos seus acessos de mau humor, porque aquele dia tinha decorrido sem proveito algum. O seu desejo era começar a vivê-lo outra vez desde o princípio. O calor tornara-o indolente, tinha-se esquivado ao estudo, esgotara a paciência do senhor Brooke, incomodara o avô por ter passado metade da tarde ao piano, tinha assustado as criadas a ponto de elas quase saírem fora de si, dando a entender, maldosamente, que o cão parecia com tendências para ficar danado, e, depois de algumas palavras desagradáveis ao encarregado da cocheira, a propósito de qualquer imaginária falta de cuidado com o cavalo, atirara-se para cima da rede, para ali esgotar a sua indignação contra a estupidez do mundo em geral, até que a serenidade encantadora do tempo o acalmou, não obstante os seus esforços em contrário. Com os olhos fixos na sombra profunda e verde da copa dos castanheiros que se erguiam sobre ele, perdia-se no país dos sonhos e imaginava-se balouçando sobre as ondas do oceano numa viagem à volta do mundo, quando o som de algumas vozes o trouxeram para terra num ápice.

115

Espreitou através das malhas da rede e viu as March saírem de casa com o aspecto de quem parte para qualquer expedição. Que demónio irão fazer agora aquelas raparigas?", pensou Laurie abrindo os olhos sonolentos para observar bem o que se passava, porque notara nas suas vizinhas qualquer coisa um tanto ou quanto fora do normal. Cobriam-lhes

a cabeça grandes chapéus de abas muito largas, levavam a tiracolo, cada uma, a sua bolsa de tecido castanho e na mão uo comprido cajado. Meg levava consigo uma almofada, um livro, Beth um balde e Amy uma pasta. Passaram tranquilamente através do quintal, saíram pelo portão das traseiras e começaram a trepar a colina entre a casa e a margem do rio.

Mas que cinismo!", disse Laurie com os seus botões.

Vão fazer um piquenique e não me convidam! No barco não podem ir, porque não vieram buscar a chave do cadeado. Mas talvez se tenham esquecido; vou levar-lha e ao mesmo tempo saber o que se passa."

Era possuidor de meia-dúzia de chapéus, mas levou algum tempo a encontrar um; depois seguiu-se uma verdadeira caça

à chave,até que,por fim,a foi descobrir dentro de uma das suas algibeiras,de maneira que,quando deu um salto por cima da sebe e correu atrás delas,já as raparigas se encontravam fora do seu alcance.

Tomou o caminho mais curto que levava ao barracão do barco e esperou ali que elas aparecessem; como nenhuma se aproximasse,subiu ao alto da colina para observar em volta.

Parte dela era coberta por um bosque de pinheiros,e do ponto mais interior daquele maciço de verdura ouviam-se quaisquer sons que eram pouco mais nítidos do que o fraco sussurrar da rama dos pinheiros ou o cricri sonolento dos grilos.

116
Que lindíssima paisagem!, pensou Laurie ao espreitar através da ramagem, já bem acordado e novamente bem-disposto.

Não há dúvida nenhuma de que era um lindo quadro. As quatro irmãs estavam sentadas em grupo num recanto abrigado do sol, com a luz e a sombra a tremularem em movimentos fugitivos sobre elas; a aragem perfumada soerguia-lhes os cabelos e ia refrescar as suas faces afogueadas pelo calor, e os minúsculos habitantes do arvoredo continuavam ocupados nos assuntos da sua vida particular, como se elas não fossem seres estranhos, mas, pelo contrário, amigos velhos. Meg estava sentada sobre a almofada que trouxera e aplicava na costura as suas mãos delicadas, fresca e pura como uma flor no seu vestido cor-de-rosa, no meio da verdura. Beth apanhava pequenas pinhas que abundavam debaixo dos arbustos, com as quais sabia fazer coisas bonitas. Amy desenhava um grupo de fetos e Jo fazia meia ao mesmo tempo que lia em voz alta. Vendo-as assim, uma sombra passou, fugitiva, pelo rosto do rapaz, ao pensar que tinha de se ir embora, pois não fora convidado. Mas ao mesmo tempo custava-lhe a tomar uma resolução, porque a casa estava muito só e esta reunião tranquila no meio do arvoredo era uma atracção irresistível para o seu espírito agitado. Deixou-se ficar, tão quieto que um esquilo, muito ocupado com a sua colheita de mantimentos, desceu a correr pelo tronco de um pinheiro ao seu lado, deparou com ele de repente e deu um salto para trás, soltando um grito de tal forma estridente que Beth olhou para aquele lado e descobriu o rosto dirigido para elas por detrás dos ramos das bétulas e convidou-o a aproximar-se, com um sorriso simpático. - Dão licença, ou venho incomodar? - perguntou, à medida que avançava lentamente.

Meg ergueu os sobrolhos, mas Jo olhou para ela, fazendo uma cara de desafio, e disse imediatamente:

117

- Anda,sem cerimónia! Nós até te devíamos ter convidado,mas pensámos que não te interessarias por uma pequena brincadeira de raparigas,como esta.

- Eu aprecio sempre muito as vossas brincadeiras,mas se a

Meg não deseja que eu fique,vou-me embora imediatamente.

- Não faço qualquer objecção,se fizeres qualquer coisa de útil.É contra o regulamento estar inactivo aqui -, respondeu Meg com ar grave,mas ao mesmo tempo amável.

- Agradeço-lhes sinceramente.Se me deixarem ficar aqui um bocadinho que seja farei tudo o que quiserem.Lá em baixo está triste como o deserto do Sara.Devo coser, ler, apanhar pinhas,desenhar ou fazer tudo isso ao mesmo tempo? Mostrem-me o que tenho de sofrer; estou pronto -, e

Laurie sentou-se com uma expressão submissa,deliciosa para quem o via.

- Acaba de ler esta história enquanto eu termino este calcanhar -,disse Jo entregando-lhe o livro.

- Está bem -,respondeu humilde ao começar a ler,fazendo o melhor que podia para provar a sua gratidão pelo favor de ter sido admitido no seio da Sociedade da Abelha Laboriosa.

A história não era muito longa,e,quando acabou de ler,aventurou-se a fazer algumas perguntas,como recompensa que julgava merecer.

- Podem-me dizer se esta instituição altamente instrutiva e encantadora é de fundação recente?!

- Querem-lhe explicar - perguntou Meg às irmãs.

- Ele vai-se rir de nós - avisou Amy.

- Quem é que se importa com isso? - disse Jo.

- Desconfio que vai gostar -,acrescentou Beth.

-Evidentemente! Dou-lhes a minha palavra de honra que não me rio.Conte,Jo,não tenha medo.

118

- Olha que ideia, ter medo de ti! Ora muito bem, não sei se sabes que nós costumamos brincar a jogos que nós próprias inventamos, e temo-lo feito muito a sério durante todo o Inverno e Verão.

-Sim, eu sei -, disse Laurie acenando com a cabeça com um ar de quem está informado.

- Quem te disse? - perguntou Jo.

- Os espíritos !

- Não foram os espíritos, fui eu. Quis distraí-lo uma noite em que vocês tinham saído e ele estava um pouco tristonho. Ele gostou muito, por isso não me ralhes, Jo -, acrescentou Meg com meiguice.

- És incapaz de guardar um segredo.

- Continuo -, disse Laurie ao ver Jo concentrar toda a atenção no seu trabalho, com um ligeiro aspecto de aborrecimento.

- O quê, ela não te contou tudo sobre este nosso novo projecto? Muito bem: nós procuramos não desperdiçar as nossas férias, impondo a cada uma uma tarefa, a que nos aplicamos com toda a vontade. As férias estão a acabar, as tarefas estão quase acabadas e nós sentimo-nos imensamente felizes por não termos andado à boa

vida.

-Sim, concordo. - E Laurie pensava, com pena, nos seus dias de ociosidade.

- A nossa mãe gosta de nos ver ao ar livre o mais tempo possível, de maneira que trazemos os nossos trabalhos para aqui e passamos um tempo delicioso. Para ser mais divertido, trazemos as nossas coisas nesses sacos, pomos chapéus elhos na cabeça, empregamos paus ferrados para trepar à colina e brincamos aos peregrinos, como há muitos anos cos tumávamos fazer. Demos a este monte o nome de Monta nha das Delícias, porque dela podemos espriaiar os olhos até muito longe e avistar os campos onde desejamos viver um dia, mais tarde.

119

Jo apontou com o dedo e Laurie,que estava deitado no

chão, sentou-se para olhar na direcção indicada. Através de uma aberta no arvoredo podia-se lançar a vista para além do largo rio azul,para os prados que ficavam na margem de lá muito longe,até aos arrabaldes da grande cidade e à cadeia verde dos montes que se erguiam até encontrar o céu.

- Que belo que isto é! - disse Laurie em voz baixa, na sua pronta espontaneidade em ver e sentir a beleza em qualquer dos seus aspectos.

- É muitas vezes assim; e nós gostamos de contemplar o espectáculo,porque nunca se repete igualmente,mas é sempre maravilhoso -,observou Amy,desejando poder pintá-lo num quadro.

- Jo refere-se ao campo onde queríamos passar algum tempo; o campo a valer,com porcos, galinhas e a ceifa do feno - acrescentou Beth,pensativa.

- Que engraçado seria se todos os castelos no ar que nós edificamos se tornassem realidade e se,realmente,os pudéssemos habitar! - observou Laurie estendido no chão e atirando pinhas ao esquilo que tinha denunciado a sua presença.

- Tens de escolher o que mais te agrada.O que é - perguntou Meg.

- Se eu te disser qual é o meu,dizes-me o teu?

- Digo,se todas quiserem fazer o mesmo.

- Queremos,sim; vamos,Laurie,conta!

- Depois de ter viajado e visto o mundo,tanto quanto

é meu desejo,gostava de ficar na Alemanha e dedicar-me à música.Queria ser um músico famoso e nunca ter preocupações de dinheiro ou de negócios,gozar,simplesmente,e fazer o que me apetecesse.É este o meu castelo no ar predilecto.E o teu, Meg? Margaret parecia achar um pouco difícil descrever o sonho

que architectara; agitou um pauzinho em frente do rosto

120

como que a afugentar mosquitos imaginários, ao mesmo tempo que dizia com voz lenta:

- Eu gostava de ter uma casa bonita, cheia de tudo o que há de mais agradável: boa mesa, bonitos vestidos, bela mobília, pessoas agradáveis e dinheiro aos montes. Eu seria a dona dessa casa e governá-la-ia como mais me agradasse, teria muitos criados e não havia de ter necessidade de fazer o trabalho mais insignificante. Como seria feliz! Mas não viveria ociosa; faria muito bem e esforçar-me-ia por que todos estimassem com ternura.

- E não querias ter um senhor para o teu castelo no ar?

- perguntou Laurie com malícia.

- Eu disse pessoas agradáveis, não ouviste?

E Meg atou cuidadosamente as fitas dos sapatos, de modo a ninguém lhe poder ver o rosto.

- Porque não dizes antes que gostarias de ter um marido bom e inteligente e filhos? O teu castelo não seria perfeito sem eles - acrescenta Jo, que ainda não tinha fantasias apaixonadas e desdenhava de tudo o que fosse romance, excepto aquele que se lê nos livros.

- Tu, no teu, não quererias ter senão cavalos, tinteiros e novelas -, respondeu Meg, mal-humorada.

- E então, porque não? Eu queria ter um estábulo cheio de cavalos árabes de raça, salas cheias de livros até ao tecto e escrever com tinta de um tinteiro mágico, de maneira que as minhas obras se tornassem tão famosas como as músicas de Laurie. Eu quero fazer qualquer coisa esplêndida antes de dar entrada no meu castelo, qualquer coisa heróica ou maravilhosa, que o mundo nunca mais esqueça depois da minha morte. Não sei bem o que será, mas estou sempre vi gilante e confiada, e espero um dia espantá-los a todos. Penso que hei-de vir a escrever livros e conquistar fama e riqueza. É isto o que me agrada, e, portanto, é este o meu sonho!

121

- Pois o meu é estar em casa, longe do perigo, na companhia do pai e da mãe, e ajudar a cuidar da família - disse Beth muito satisfeita.

- Não desejas mais nada do que isso? - perguntou Laurie.

- Desde que tenha o meu pianinho, fico completamente satisfeita. Só o que desejo é que vivamos bem uns com os outros, sempre juntos, e nada mais.

- Eu tenho inúmeros desejos, mas o que me é mais querido é ser uma artista, ir a Roma, pintar lindos quadros e ser a melhor artista em todo o mundo.

Era esta a aspiração de Amy.

- Somos uma boa colecção de ambiciosos, não é verdade? Cada um de nós, com excepção de Beth, o que quer é ser rico, famoso e opulento em todos os aspectos. Gostava

de saber se algum de nós realizará um dia os seus desejos

- observou Laurie, a mastigar uma palhinha.

- Eu já tenho as chaves do meu castelo no ar, mas o que

resta ver é se poderei abrir-lhe as portas -, acrescentou Jo com ar misterioso.

- Eu tenho a chave do meu,mas não me é permitido utilizá-la.Maldita Universidade! - murmurou Laurie com um suspiro de impaciência.

- A do meu está aqui! - E Amy agitava na mão o seu lápis de desenho.

- Pois eu não tenho nenhuma -,disse Meg com tristeza.

- Tens,sim senhora! - exclamou Laurie.

- Onde?

- Na tua cara.

- Que disparate! Não serve para nada.

- Espera e hás-de ver se ela não te traz qualquer coisa que valha a pena -,respondeu o rapaz sorrindo.

Meg corou por detrás do ramito de árvore que tinha na mão,mas não fez qualquer pergunta.

122

- Se vivermos todos daqui a dez anos, havemos de nos reunir para ver quantos dentre nós realizaram os seus desejos ou se estaremos mais perto dessa realização do que agora! - observou Jo, que estava sempre pronta para apresentar projectos.

-Que horror! Que idade terei eu então? Vinte e seis anos! - exclamou Meg, que já se considerava uma senhora, com dezasseis anos apenas.

- Espero nessa altura ter já feito qualquer coisa de que me possa orgulhar; mas sou tão preguiçosa que receio bem andar ainda a apanhar moscas, Jo.

- É preciso ter um objectivo, como diz a mãe. Ela tem a certeza absoluta de que, desde que o tenhamos, o trabalho decorrerá esplendidamente.

- Ah! Sim? Pois juro que me hei-de deitar ao trabalho logo que me sorria a oportunidade! - exclamou Laurie, sentando-se com súbita energia. - Eu devia contentar-me em agradar ao avô ; realmente esforço-me por isso, mas é remar contra a maré, e, sabem, por fim torna-se difícil. Ele quer que eu me dedique ao comércio da Índia, como ele, mas preferia ser fuzilado! Detesto o chá, a seda, as especiarias e toda a espécie de drogas que os seus velhos navios transportam, e, se eu fosse dono deles, não me importaria que fossem depressa para o fundo. Por outro lado, a ida para a Universidade deve satisfazê-lo, porque, se eu lhe dedicar quatro anos, ele tem obrigação de me dispensar dos negócios; mas ele não se comove e eu tenho decididamente de fazer o mesmo que o avô fez, a não ser que me liberte e proceda como for do meu agrado, como o meu pai. Se ainda houvesse alguém na família que ficasse na companhia do avô, fazia-o já amanhã.

Laurie falava com exaltação e parecia pronto a realizar a sua ameaça à primeira provocação. No entanto, já mais cal mo,

acrescentou com entusiasmo:

123

- Posso voltar aqui outra vez?

- Podes, mas se te portares bem! - exclamou Meg com um sorriso.

- Prometo fazê-lo.

-Então, nesse caso, podes vir. Vou ensinar-te a fazer meia, como é costume entre os Escoceses; há agora uma grande procura de peúgas no mercado -, acrescentou Jo, agitando no ar a meia que estava a fazer.

Naquela noite, enquanto Beth tocava para o senhor Laurence ouvir, Laurie, de pé, ao abrigo da sombra de um cortinado, prestava toda a atenção à música, que, na sua simplicidade, tinha sempre o efeito de acalmar o seu mau humor. Ao mesmo tempo, observava o avô, que estava sentado, com a cabeça grisalha apoiada em uma das mãos. E lembrando-se da conversa daquela tarde, o rapaz disse para si próprio, decidido a sacrificar-se alegremente:

Vou deixar que o meu castelo no ar se desvaneça e ficar na companhia do querido avô enquanto ele precisar de mim, porque, afinal, eu sou tudo para ele.

124

SEGREDOS

Jo estava ocupada, nas águas-furtadas, durante aqueles dias de Outubro. Durante duas ou três horas, o sol entrou pela janela aberta no alto da casa, mostrando-a sentada no velho sofá, a escrever laboriosamente, com os seus papéis espalhados em frente, sobre uma mala, enquanto o seu ratinho favorito passeava pelas vigas do tecto na companhia do primeiro filhote. Completamente absorvida no seu trabalho, Jo continuou a escrever até encher a última folha, na qual subscreveu o seu nome e, pousando a pena, exclamou:

- Pronto! Fiz o melhor que me foi possível. Se não estiver bem, terei de esperar até ser capaz de escrever alguma coisa que tenha mais valor.

Recostou-se no sofá e leu atentamente o manuscrito, emendando o que lhe parecia dever ser corrigido; depois atou-o com uma fita vermelha e ficou a olhar para ele com uma expressão pensativa que demonstrava bem o grande empenho que tinha posto naquele trabalho. A escrivainha de Jo era um velho fogão de chapa de ferro. Era dentro dele que guardava os seus papéis e alguns livros, por causa do seu ratinho", o qual, dotado de tendências literárias, gostava muito de espalhar os livros e devorar as folhas. Jo, depois,

125

tirou outro manuscrito deste cofre, e, metendo-o na algibeira junto do primeiro, deslizou pela escada abaixo, cautelosamente.

Pôs o chapéu e vestiu o casaco o mais silenciosamente que lhe foi possível e, dirigindo-se a uma janela de sacada, nas traseiras, saltou para cima do telhado de um alpendre de pouca altura, deixou-se escorregar para o chão coberto de erva e seguiu por um caminho desviado para alcançar a estrada.

Ali, ficou mais tranquila. Subiu para uma carruagem que ia a passar e dirigiu-se para a cidade com um ar de grande mistério e muito alegre interiormente.

Desceu da carruagem e foi a pé até que chegou a um determinado número de uma rua de muito trânsito. Descoberto com alguma dificuldade o lugar desejado, entrou pela

porta, olhou para a escada e, passados alguns segundos, saiu subitamente e começou a andar pela rua fora com a mesma velocidade com que viera. Fez isto várias vezes, o que fez rir um jovem de olhos escuros que a observava da janela de uma casa em frente. À terceira vez, Jo subiu finalmente a

escada, cheia de coragem, como se fosse arrancar todos os dentes ao consultório do dentista cuja placa se via na porta.

O jovem a que atrás nos referimos vestiu o sobretudo, pôs o chapéu e desceu à rua para esperar Jo, pensando:

É mesmo dela, vir assim sozinha, mas se passar um mau bocado, vai precisar de alguém que a acompanhe a casa.

Dez minutos depois, Jo desceu a escada muito depressa, com o rosto muito vermelho e o ar de quem acaba de passar por uma dura prova. Quando viu o jovem, mostrou descontentamento e passou por ele com um simples baixar de cabeça. Ele, porém, foi atrás dela e perguntou-lhe com muita solicitude :

- Passaste um mau bocado?

- Nem por isso.

126

- Não te demoraste muito.

- Não, graças a Deus!

- Porque é que vieste sozinha?

- Porque não queria que ninguém soubesse.

- És a pessoa mais extraordinária que eu conheço. Quantos dentes te arrancaram?

Jo olhou para o seu amigo sem o compreender. Depois começou a rir muito divertida.

- Há dois que quero que saiam, mas tenho que esperar uma semana.

- De que é que te estás a rir? Estás a tramar alguma...

- E tu também. O que era aquilo?

- Perdão, minha senhora, aquilo é um ginásio e eu estava na lição de Esgrima.

- Fico muito contente com isso.

- Porquê?

- Porque assim vais poder ensinar-me e, quando representarmos o Hamlet, podes fazer o papel de Laertes e a cena do duelo vai sair uma maravilha.

Laurie deu uma gargalhada.

- Dou-te lições de esgrima quer representemos o Hamlet quer não. É muito divertido, embora não creia que seja por isso que disseste de uma forma tão decidida: Fico muito contente com isso.

- Não. Disse-o porque não gosto que frequentes essas salas, porque não tens esse costume, pois não?

- Só algumas vezes.

- Preferia que não fosses lá nunca.

- Não tem nada de mal Jo. Tenho bilhar em casa mas jogar sozinho não é muito divertido, e por isso às vezes jogo com o Moffat e com outros.

128

- Tenho pena, porque assim vais gostando cada vez mais, malbaratas

tempo e dinheiro e vais acabar por te parecer com esses rapazes insuportáveis. Sempre esperei que fosses uma pessoa decente e um motivo de orgulho para os teus

amigos - disse Jo, abanando a cabeça, pesarosamente.

Laurie continuou a caminhar em silêncio durante alguns minutos, enquanto Jo olhava para ele, já arrependida das palavras que pronunciara, pois o olhar do seu amigo revelava contrariedade, embora os lábios continuassem a sorrir.

- Estás disposta a fazer-me um sermão até chegarmos a casa? - perguntou ele.

- Claro que não. Porque perguntas isso?

- Porque se é essa a tua intenção, vou de carruagem; caso contrário gostaria de ir contigo para te dizer uma coisa muito interessante.

- Pronto. Não prego mais sermões e estou ansiosa por saber a novidade.

- Vou dizer-te o que é. Mas trata-se de um segredo, e se eu te conto o meu, tu também tens de me contar o teu.

- Mas eu não tenho segredos. . . - começou Jo a dizer.

Mas calou-se ao lembrar-se de que realmente os tinha.

- Sabes muito bem que tens. E, ou me contas tudo ou eu não te digo nada - disse Laurie.

- O teu segredo tem algum interesse?

- Olá se tem! Refere-se a pessoas que tu conheces muito bem e é muito divertido. Há já algum tempo que ando com vontade de to contar.

- E tu não contas nada em casa do que eu te disser?

- Nem uma palavra!

- Nem vais fazer troça de mim quando estivermos sozinhos?

- Eu nunca faço troça de ninguém.

-Lá isso fazes, principalmente quando queres que as pessoas
129

te contem alguma coisa. Não sei como é, mas consegues sempre o que queres com as tuas lisonjas.

- Obrigado. Mas venha de lá o segredo.

- Pois bem. Fui entregar duas novelas na redacção de um jornal e o director vai lê-las e dá-me a resposta para a semana.

- Viva a Jo March! Viva a famosa escritora - exclamou Laurie, atirando o chapéu ao ar e voltando a apanhá-lo, fazendo a delícia de dois patos, quatro gatos, cinco galinhas e meia-dúzia de crianças, pois já se encontravam fora do centro da cidade.

- Está calado! Se calhar fica tudo em nada; mas não podia sossegar se não tentasse. Por isso decidi não contar a ninguém, porque não quero que ninguém lá em casa fique desapontado.

- Ninguém vai ficar desapontado. As tuas histórias são como obras de Shakespeare, comparadas com as coisas sem conteúdo que

se publicam hoje. Vamos ter o grande prazer de as ver em letra de imprensa! E que orgulho vamos sentir por ser a nossa autora!

Os olhos de Jo brilhavam, pois é sempre agradável que alguém tenha confiança nas nossas capacidades e o elogio feito por um amigo dá-nos muito mais prazer do que uma dúzia de críticas positivas nos jornais.

- Bem. E agora qual é o teu segredo? Se não mo contares, não torno a confiar em ti, Laurie - disse ela, tentando abafar as esperanças que as palavras dele haviam despertado dentro de si.

- Se calhar, vou meter-me em sarilhos por to contar, mas como não prometi a ninguém não falar nisto, ele aí vai. Quando sei alguma coisa, não descanso enquanto não ta conto. Eu sei onde está a luva que a Meg perdeu.

- O quê? É só isso? - murmurou Jo desiludida.

- É. E vais ficar muito admirada quando souberes onde ela está.
130

-Então diz lá.

Laurie inclinou-se e murmurou algumas palavras ao ouvido de Jo, as quais causaram nela uma alteração notável. Parou e ficou a olhar para ele com espanto e curiosidade. De repente continuou a andar e, ao fim de algum tempo, perguntou bruscamente :

- Como é que sabes?

- Eu vi-a.

- Onde?

- No bolso dele.

- Anda com ela desde o dia do passeio?

-Anda. Não é tão romântico?

- Acho horrível.

- Não te agrada?

- É evidente que não. É uma coisa ridícula e não pode ser permitida. O que vai dizer a Meg?

-Ninguém lho vai contar. Nem a ela nem a ninguém.

- Eu não prometi nada.

- Julguei que isso estava subentendido. Por isso confiei em ti.

- Está bem. Por agora não digo. Mas estou contrariada e preferia que não me tivesses dito nada.

- Julguei que ias gostar.

- Que aparecesse alguém que quisesse levar a Meg? Não, obrigada.

- Já não vais pensar o mesmo quando aparecer alguém que te queira levar a ti.

- Gostava de ver quem se atreveria a fazê-lo!

- Também eu! - riu Laurie.

- Parece-me que os segredos não são coisas para mimdisse Jo, um pouco desconsolada.

- Vamos descer esta ladeira a correr e vais ver que ficas mais contente - propôs Laurie.

Não se via ninguém, a estrada descia convidativamente e ela, sem poder resistir à tentação, deitou a correr deixando para trás o chapéu, a travessa do cabelo e espalhando ganchos pelo caminho. Laurie foi o primeiro a chegar à meta e

ficou contente por verificar que Jo vinha com os olhos brilhantes e as faces vermelhas e sem quaisquer vestígios de descontentamento.

Durante alguns dias Jo portou-se de uma forma tão esquisita que as irmãs a estranharam. Dirigia-se rapidamente para a porta quando chegava o carteiro; mal cumprimentava o senhor Brooke quando se encontrava com ele; fitava Meg durante muito tempo com uma expressão pensativa e, de vez

em quando, sacudia-a beijando-a logo de seguida de um modo estranho. Laurie e ela faziam frequentemente sinaizinhos

um para o outro, dizendo umas palavras que só eles entendiam, o que levava as outras pessoas a pensar que eles tinham perdido o juízo.

Cerca de quinze dias depois de Jo ter ido à cidade, Meg, que estava a costurar junto da janela, ficou escandalizada quando viu Laurie correr atrás de Jo pelo jardim e apanhá-la finalmente junto do caramanchão de Amy. O que se passou a seguir não pôde Meg observar, mas ouviu gargalhadas, vozes e o ruído de folhas de jornal a serem viradas.

- Não sei o que havemos de fazer a esta rapariga - suspirou Meg. - Não consigo que se comporte com modos senhoriais.

- Por mim desejo que nunca o faça, porque tal como é parece-me muito mais engraçada e simpática - respondeu

Beth, dissimulando a sua tristeza por verificar que Jo tinha segredos com outras pessoas e não com ela.

- A mim faz-me pena, mas não acredito que seja possível corrigi-la - foi a opinião de Amy.

Pouco depois, Jo entrou subitamente na sala e, sentando-se no sofá, fingiu que estava a ler o jornal.

132

- Tens aí alguma coisa interessante? - perguntou Meg.

- Um conto, mas não me parece valer grande coisa - disse ela.

- Lê-o em voz alta para nos distrairmos todas - pediu Beth.

- Que título tem? - perguntou Beth, estranhando que Jo continuasse a esconder a cara por detrás do jornal.

- Os pintores rivais.

- Deve ser interessante. Lê lá - disse Meg.

Depois de aclarar a voz e de ganhar coragem, Jo começou a ler. As raparigas escutavam com interesse, pois o conto era romântico, dramático, e quase todas as personagens acabaram por morrer.

- Gosto dessa parte em que se alude a esse magnífico quadro - declarou Amy.

- Eu prefiro o entrecho amoroso. Viola e Ângelo são dois dos nossos

nomes preferidos. Não acham uma coincidência interessante? - disse Meg enxugando os olhos, porque se tinha emocionado.

- Quem é que o escreveu? - perguntou Beth, que teve uma suspeita ao observar a expressão de Jo, que agora estava a descoberto. Esta levantou-se de um salto, afastou o jornal para o lado e, mostrando um rosto muito ruborizado, declarou em voz alta com um misto de solenidade e excitação:

- A vossa irmã!

- Tu? - exclamou Meg, deixando cair a costura.

- Está muito bem escrito - disse Amy com toda a seriedade.

- Já calculava que era teu. Estou tão orgulhosa de ti!

e Beth correu a abraçá-la.

Ficaram todas muito alegres e entusiasmadas. Meg não foi capaz de acreditar senão quando viu o nome de Josefina

133

March" impresso no papel. Amy fez a crítica do conto. Beth ficou tão excitada que começou às voltas na sala, enquanto cantarolava. Hanna entrou, exclamando:

Quase nem posso acreditar!"

A senhora March, quando soube, ficou muito satisfeita e Jo, rindo e chorando ao mesmo tempo, disse que, com tantos elogios, ia acabar por ficar vaidosa como um pavão.

Entretanto, o jornal ia passando de mão em mão.

- Quando é que o escreveste? Quanto te pagaram? Que dirá o pai quando souber? Laurie vai faltar-se de rir! - gritavam todas ao mesmo tempo em torno de Jo, porque sendo simples e afectivas davam importância a qualquer acontecimento agradável, por mais ínfimo que fosse.

- Se se calarem durante um bocado, eu conto como tudo se passou - disse Jo.

E, depois de ter explicado tudo, acrescentou:

- Quando fui buscar a resposta do editor, ele disse que gostava dos contos, mas que não pagava aos principiantes, limitando-se a publicar as obras e anunciá-las no seu jornal, o que, segundo ele, é um bom início. Disse também que, quando as histórias são melhores, qualquer jornal as aceita e paga por elas. Deixei lá os meus dois trabalhos e hoje publicaram este. Laurie viu-o e insistiu em lê-lo. Diz que vai conseguir que me paguem o próximo. Por isso estou muito contente, pois no futuro posso ganhar a minha vida e ajudar as minhas irmãs.

Nesta altura Jo perdeu a respiração e, escondendo a cabeça no jornal, derramou algumas lágrimas de emoção. Porque ser independente e conseguir a aprovação das pessoas que mais amava eram os anseios mais profundos do seu coração. E aquilo que conseguira desta vez parecia-lhe já o primeiro passo para aquele feliz objectivo.

134

UM TELEGRAMA

- Novembro é o mês mais desagradável do ano - disse Meg, que estava de pé, junto da janela, numa tarde cinzenta, olhando para o jardim.

Foi interrompida pelo som da campainha da porta. Pouco depois entrava Hanna com um papel na mão.

- uma dessas coisas a que chamam telegrama, minha senhora - disse ela, ao mesmo tempo que o dava à senhora March com uns modos que parecia que tinha na mão uma bomba pronta a explodir.

Ela pegou nele rapidamente e, ao ler o seu conteúdo, deixou-se cair sobre a cadeira, tão pálida como se aquele pedaço de papel fosse uma bala que lhe tivesse trespassado o coração. Laurie correu a buscar água, enquanto Meg e Hanna a amparavam e Jo, tremendo, lia em voz alta:

Senhora March:

O seu marido está muito doente. Venha imediatamente S. Hale. Hospital Blank. Washington.

Que silêncio se instalou na sala, enquanto todos ouviam a leitura sem ousarem respirar! Parecia que o dia escurecera

135

de repente e que, naquele instante, todo o mundo se torna diferente, enquanto as quatro jovens rodeavam a mãe, como se a felicidade e o apoio das suas existências estivessem prestes a ser-lhes arrebatados num momento.

A senhora March recuperou imediatamente o domínio próprio, leu de novo o telegrama e abriu os braços para as filhas, dizendo-lhes num tom que elas nunca mais puderam esquecer:

- Vou-me embora imediatamente, sem saber se já é demasiado tarde. Ajudem-me a suportar este golpe, minhas filhas!

Durante alguns instantes, apenas se ouviram soluços naquela sala, misturados com frases de conforto e afectuosas promessas de ajuda, com as quais procuravam encorajar-se umas às outras.

A boa Hanna foi a primeira a compreender que era preciso agir.

- Deus proteja o senhor March. Não quero perder mais tempo em lamentações. Vou aproveitá-lo a preparar as coisas, minha senhora.

Tens razão. Não é a hora de chorar. Tenham calma, minhas filhas, e deixem-me reflectir.

As pobres meninas tentaram acalmar-se, enquanto a mãe, embora muito pálida, mas mais serena, começava a tomar as resoluções necessárias.

- Onde está o Laurie? - perguntou ela, depois de decidir o que havia de fazer em primeiro lugar.

- Estou aqui, desejando poder ser-lhe útil nalguma coisa

- respondeu o rapaz, correndo da sala ao lado, para onde se retirara delicadamente.

- Faz-me o favor de enviar um telegrama dizendo que irei imediatamente... Tomarei o primeiro comboio, que sai de manhã cedo.

136

- Que mais quer que eu faça?

- Que vás levar uma carta a casa da tia March. Jo, dá-me a pena e o papel.

Jo obedeceu. Estava preocupada, porque sabia que a mãe precisava de dinheiro para a viagem e que teria de pedi-lo emprestado. Sentia-se capaz de qualquer sacrifício para aumentar, mesmo que fosse pouco, a quantia necessária.

-Vai, meu filho, mas não corras demais porque não é preciso.

Claro que esta última advertência não foi tida em conta porque, minutos depois, o rapaz galopava no seu melhor cavalo como se se tratasse de salvar a própria vida.

- Jo, vai buscar as coisas que escrevi neste papel. Tenho de ir preparada para servir de enfermeira e os hospitais nem sempre estão bem fornecidos. Beth, vai pedir ao senhor Laurence duas garrafas de vinho velho. Como é para o pai, não tenho vergonha de pedir, pois quero o melhor para ele. Amy, diz a Hanna que tire para baixo a mala preta e tu, Meg, ajuda-me a procurar as coisas, porque tenho a cabeça confusa.

O senhor Laurence, muito sollicitamente, voltou com Beth, trazendo com ele toda a espécie de coisas de que se lembrou e que poderiam fazer falta ao doente, juntamente com a promessa de que olharia pelas meninas durante a ausência da mãe, o que a tranquilizou bastante. Queria também acompanhá-la, mas a senhora March não permitiu que o ancião empreendesse aquela fatigante viagem. De repente, franziu as sobrancelhas, começou a esfregar as mãos e retirou-se bruscamente, dizendo que voltava num momento.

Ninguém teve tempo de pensar mais nesse incidente, até que Meg, ao atravessar o vestíbulo, se encontrou na frente do senhor Brooke.

- Lamento muito o que acaba de acontecer, menina Meg

138

- disse com um tom de voz afável e calmo que teve o condão de aliviar o coração pesado da rapariga. - Vim oferecer-me para acompanhar a sua mãe. O senhor Laurence encarregou-me de uns afazeres em Washington e terei muito gosto em poder ser-lhe útil.

Meg estendeu-lhe a mão com uma tal expressão de reconhecimento que ele ter-se-ia sentido mais do que compensado

por qualquer sacrifício, ainda que fosse maior.

- Como são todos tão bondosos! Para nós será um grande conforto saber que alguém cuida dela. - Meg falava com entusiasmo, esquecendo-se de si mesma. Depois levou-o até à sala e disse-lhe que ia chamar a mãe.

Laurie voltou com uma carta da tia March, na qual vinha a quantia desejada e umas linhas em que repetia o que tantas vezes dissera: que achava ridículo o facto de o irmão ter ido para a guerra, que sempre pensara que nada de bom poderia resultar disso e que esperava que, para a próxima vez, escutassem os seus conselhos.

A senhora March atirou com a carta para o lume, pôs o dinheiro no bolso e continuou os preparativos com os lábios contraídos numa expressão que Jo teria logo compreendido se ali estivesse.

A tarde foi passando, todos os recados foram feitos, Meg e a mãe estavam a ultimar algumas costuras necessárias, enquanto Beth e Amy punham a mesa para o chá e Hanna acabava de passar a ferro, mas Jo não havia meio de voltar.

- Começaram a ficar preocupadas e Laurie saiu a procurá-la, pois nunca se sabia o que podia passar-lhe pela cabeça. Não a encontrou, mas pouco depois ela entrou em casa com uma expressão estranha, meio divertida, meio receosa, de prazer e pesar misturados, que deixou a família intrigada, não só por isso mas também pelo maço de notas que pôs diante da mãe, dizendo com a voz um tanto estrangulada:

139

- Isto é para poder tratar melhor do pai e trazê-lo para casa.

- Mas, filhinha, onde foste buscar este dinheiro? Vinte e cinco dólares? Penso que não tenhas cometido nenhuma loucura. - Não. Ganhei este dinheiro honestamente, vendendo o que me pertencia. E, dizendo estas palavras, tirou o chapéu. Ouviu-se um grito geral porque o seu abundante cabelo estava cortado muito curto.

- O teu cabelo! O teu lindo cabelo! Mas, Jo, porque fizeste uma coisa destas? Toda a tua beleza! Não havia necessidade, minha filha... Nem pareces a minha Jo, embora por esse facto te ame mais do que nunca.

Enquanto todas faziam comentários e Beth acariciava com meiguice a cabeça da irmã, esta, com um ar despreocupado que não enganou ninguém, disse, passando a mão pelo cabelo curto, como se lhe desse prazer fazê-lo:

- Não se trata de nenhuma calamidade nacional, por isso não tenhas pena, Beth. Estava a ficar vaidosa de mais por causa do cabelo. Isto vai diminuir essa vaidade. De resto, o meu cérebro ganhará com isso, pois fica com peso a menos em cima. Sinto a cabeça leve e fresca e o cabeleireiro disse que dentro em pouco tempo terei umas madeixas encaracoladas como as dos rapazes, que me ficarão

muito bem e serão mais fáceis de pentear. Por isso, mamã, aceita o dinheiro e vamos tomar o chá.

- Obrigada, querida - disse a mãe, mas alguma coisa na expressão do seu rosto levou as raparigas a mudarem de conversa; e começaram a dizer muito depressa que Brooke era muito atencioso, que no dia seguinte o tempo devia estar bom e que seria muito agradável quando o pai voltasse para casa a convalescer.

140

Ninguém tinha vontade de se deitar. Porém, às dez horas, tendo a senhora March acabado de fazer todos os preparativos, disse:

- Venham, meninas!

Beth sentou-se ao piano e tocou o hino predilecto do pai, que todas se puseram a cantar com a maior coragem. Mas, agora uma, depois outra, todas começaram a chorar até que ficou apenas Beth a cantar, porque a música a confortava sempre.

- Agora vamos dormir e não conversem, pois amanhã vamos ter de nos levantar muito cedo e precisamos de todo o descanso possível. Boa noite, queridas - disse a senhora March.

Todas lhe foram dar um beijo em silêncio e deitaram-se muito sossegadas, como se o querido enfermo já estivesse no quarto ao lado.

141

DESPEDIDAS

Mal começou a amanhecer aquele dia frio e cinzento, as quatro irmãs acenderam os candeeiros e leram os seus livros-guias com redobrada atenção. Aquela leitura dava-lhes ajuda e conforto ; e, enquanto se vestiam, resolveram fazer umas despedidas alegres e cheias de esperança, para que a mãe não iniciasse a sua viagem perturbada pelas lágrimas e tristeza das filhas.

Quando desceram tudo lhes parecia esquisito; lá fora a escuridão e o silêncio, dentro de casa uma grande agitação. O pequeno-almoço a uma hora tão matutina parecia muito estranho e o rosto familiar de Hanna, no seu trabalho apressado na cozinha, ainda com a touca de noite, tinha um aspecto bizarro. A mala de viagem estava pronta na entrada da casa, o casaco e o chapéu da mãe sobre o sofá e ela própria estava sentada à mesa, fazendo esforços para comer, mas tão pálida e cansada que as filhas tiveram dificuldade em manter um ambiente alegre.

Meg não pôde evitar que os olhos se lhe enchessem de lágrimas. Jo viu-se obrigada a esconder o rosto mais de uma vez e os das mais novas apresentavam uma expressão grave e comovida como se o pesar fosse uma sensação nova para elas. Não falaram muito, porém ao aproximar-se a hora da

143

partida, e enquanto esperavam pela carruagem, a senhora March disse-lhes, ao mesmo tempo que cada uma delas procurava ajudá-la em algum pormenor:

- Filhinhas, deixo-vos ao cuidado de Hanna e sob a protecção do senhor Laurence. Não estou inquieta por vossa causa mas, apesar disso, sinto-me um pouco preocupada, pensando se sereis capazes de suportar este momento difícil. Enquanto eu estiver ausente, não vos aflijais nem penseis que a ociosidade vos ajudará a passar melhor este tempo. Continuai a fazer os vossos trabalhos habituais, pois o trabalho é um grande conforto para os desgostos. Confiai na certeza de que, mesmo que acontecesse o pior, nunca ficaríeis sem o auxílio do vosso Pai do Céu.

O momento da chegada da carruagem foi difícil, mas as meninas suportaram-no com coragem. Não choraram, mas os seus corações sentiam-se oprimidos ao mandarem saudades para o pai, pensando que talvez ele nunca as recebesse. Beijaram a mãe com tranquilidade e fizeram o possível por se despedir dela alegremente quando a carruagem começou a andar.

Laurie e o avô também estavam presentes naquela despedida

e o senhor Brooke mostrava-se tão afável e animoso ao partir com a senhora March, que as raparigas puseram-lhe o nome de Senhor Conforto.

- Adeus, minhas filhas. Deus vos guarde e vos proteja - murmurou a mãe, beijando-as pela última vez.

Entretanto o Sol já tinha nascido e, quando a viajante olhou para trás, notou que ele brilhava sobre o

grupo que ficara à porta da sua casa e achou que esse facto era um bom presságio. As meninas também repararam nisso e agitaram os lenços a despedirem-se. Atrás delas, como que a protegê-las, estavam o senhor Laurence, a fiel Hanna e Laurie.

- Como todos são tão bons para nós - disse a senhora

144

March, voltando-se para o seu companheiro, sentindo que todas as atenções de que era objecto eram um grande conforto naquele momento doloroso.

- Nem podia ser de outra forma - disse Brooke com um riso tão espontâneo que a senhora March se sentiu contagiada e sorriu também. E assim a viagem começou da melhor maneira.

- Sinto-me como se tivesse havido um terramoto - disse Jo algum tempo depois, quando os vizinhos se retiraram para tomar o pequeno-almoço.

- E eu tenho a impressão de que se foi embora metade da família - disse Meg tristemente.

Beth também quis dizer qualquer coisa, mas só foi capaz de apontar para um monte de meias que a mãe tinha passajado para elas. Aquele cuidado materno foi a gota que fez transbordar a taça e puseram-se todas a chorar.

Hanna deixou que passasse aquela onda de tristeza e depois apareceu junto delas, muito animosa, trazendo a cafeteira na mão.

- Agora, meninas, lembrem-se do que a vossa mãe vos recomendou. Venham tomar uma chávena de café e a seguir comecem a trabalhar, para se distraírem do vosso desgosto. O café cheirava deliciosamente e as meninas decidiram trocar os lenços pelos guardanapos, enquanto se sentavam em volta da mesa. E daí a pouco estavam mais animadas.

- Confiança e actividade, deve ser este o nosso lema. Eu penso ir a casa da tia March como de costume. Já estou à espera do sermão que ela me vai fazer! - disse Jo, que começava a recuperar o seu bom humor.

- E eu vou para casa dos King, embora preferisse ficar a ajudar em casa - acrescentou Meg.

- Não vai ser preciso. Beth e eu faremos tudo - declarou Amy com ar de pessoa crescida.

145

- A Hanna diz-nos o que é preciso fazer e, quando vocês voltarem, vão encontrar tudo em ordem - acrescentou

Beth.

- Eu acho que a inquietação é um sentimento importante - disse Amy.

As irmãs não puderam deixar de rir desta saída. Mas à vista das lancheiras que levavam de manhã, Jo ficou de novo pensativa e, quando saiu com Meg, cada qual para o seu trabalho, volveram os olhos tristes para a janela onde era costume verem o rosto da mãe. Mas Beth lembrara-se e estava lá a sorrir e a acenar com a mão.

- É mesmo coisa da minha Beth - disse Jo correspondendo ao aceno. - Até logo, Meg! E não fiques inquieta a pensar no pai - acrescentou quando se separaram.

- Vou fazer o possível. Sabes? Fica-te muito bem o cabelo assim. Ficas com um ar arrapazado...

- Esse é o meu único conforto - respondeu ela, acenando à maneira de Laurie, e afastou-se com a sensação de ser uma ovelha tosquiada no Inverno.

As notícias que receberam do pai deixaram-nas muito confortadas, visto que, apesar do seu estado ser ainda grave, a presença da esposa fez-lhe muito bem. Brooke mandava notícias todos os dias e Meg, como chefe da família, insistia em ser ela a lê-las. À medida que a semana avançava, essas notícias eram mais animadoras.

Elas, por seu lado, também escreviam todos os dias, respondendo às cartas que recebiam.

ABNEGAÇÃO

Durante uma semana, as quatro raparigas conservaram uma disposição de espírito verdadeiramente angelical, mas quando a tensão provocada pelo estado de saúde do pai começou a ser menor, os seus esforços afrouxaram e vieram à superfície as suas naturais maneiras de ser. Jo constipou-se por não tapar, com o devido cuidado, a cabeça rapada e a tia March ordenou-lhe que ficasse em casa porque não gostava de ouvir ler pessoas que estivessem roucas. Jo ficou encantada e, com um braçado de livros, foi recostar-se no sofá do sótão, a fim de curar a constipação a ler. Amy trocou os seus afazeres pelas modelações em argila. Meg também se esqueceu dos seus trabalhos de costura e passava muitos momentos escrevendo para a mãe ou lendo as cartas que vinham de Washington.

Beth era a mais perseverante e, quando as saudades apertavam, dirigia-se para um certo armário, escondia a cabeça numa bata velha e rezava. Passado pouco tempo estava melhor, ficava mais meiga que nunca e era nela que as irmãs encontravam conforto e prestatividade.

- Meg, devias ir ver os Hummel. A mãe disse que os não esquecêssemos - lembrou Beth dez dias depois da partida da senhora March.

147

-Estou muito cansada esta tarde.

- E tu, Jo, não podes ir?

- Ia piorar da constipação. . .

- Julguei que estavas quase curada.

- O suficiente para sair com o Laurie, mas não o bastante para visitar os Hummel - riu ela um pouco envergonhada da sua incoerência.

- Porque não vais tu? - perguntou Meg.

- Tenho lá ido todos os dias, mas o bebé está doente e eu não sei o que fazer. Cada vez o vejo pior e acho que tu e Hanna deviam ir vê-lo.

Beth dizia isto tão séria que Meg prometeu ir na manhã seguinte.

- Pede a Hanna que te dê alguma comida para lhes lewares, Beth. O ar há-de fazer-te bem - disse Jo, acrescentando como desculpa. - Eu ia, mas estou com muita vontade de acabar o conto que ando a escrever.

- Dói-me a cabeça e sinto-me tão cansada, que pensei que alguma de vocês poderia ir em meu lugar - murmurou Beth.

- A Amy está quase a chegar e pode ir na tua vez - disse Meg.

Beth estendeu-se no sofá e as irmãs voltaram para as suas ocupações esquecendo os Hummel. Passou uma hora e, vendo que Amy não voltava, Beth pôs o capuz, encheu o cesto com várias coisas para as crianças e saiu, sentindo a cabeça pesada e uma expressão de desgosto nos seus olhos pacientes. Voltou tarde e ninguém a viu subir ao quarto da mãe e fechar-se lá dentro. Foi só mais tarde que Jo foi lá procurar qualquer coisa e a encontrou com um frasco de cânfora na mão.

- Oh! O que é que tens? - exclamou ela.

Beth estendeu rapidamente o braço, querendo evitar que ela se aproximasse, e perguntou:

148

-Tu já tiveste escarlatina, não foi?

-Há muitos anos, quando a Meg também teve.

- Ai, Jo! O menino morreu!

- Que menino?

- O da senhora Hummel. . . Antes de ela chegar. . . Nos meus braços... - soluçava Beth.

- Que terrível que deve ter sido para ti, coitadinha! Eu é que devia ter ido - disse Jo aconchegando a irmã nos braços e sentando-se com ela na poltrona da mãe, cheia de remorsos.

- Não foi terrível. Foi triste. A mãe tinha ido à procura de um médico porque o menino estava pior e eu peguei nele ao colo para que a Lottie descansasse. Parecia que estava a dormir, mas de repente gemeu, deu um estremeção e ficou imóvel. . .

-Não chores, querida. E que fizeste quando viste que ele estava morto?

- Fiquei com ele nos braços até chegar a senhora com o médico: É escarlatina, disse ele muito aborrecido. Devia ter-me avisado há mais tempo." Ela explicou-lhe que era muito pobre e que tinha tentado curá-lo pelos seus próprios meios e pediu-lhe que visse os outros, embora não tivesse possibilidade de lhe pagar. Ele tornou-se mais amável, mas todos se puseram a chorar, inclusive eu, até que o médico, voltando-se para mim, disse-me que viesse para casa tomar beladona, porque se não fizesse isso, ficaria contagiada.

-Não vais apanhar a escarlatina! - exclamou Jo, apertando-a nos braços, muito assustada. - Se isso acontecesse, nunca me perdoaria.

- Não deve ser nada, não te assustes. Tenho estado a ler o guia médico da mãe e vi que a doença começa com dores de cabeça e de garganta e umas sensações estranhas, como eu sinto. Mas já tomei beladona e estou a sentir-me melhor.

149

- Ai, se a mãe estivesse em casa... Tens estado todos os dias com esse bebé e com os irmãos dele, que pelos vistos também vão apanhar

a escarlatina, por isso receio que não passes sem te contagiar também. Vou chamar a Hanna. Ela entende destas coisas.

- Não deixes que a Amy se aproxime. Ela ainda não a teve e iria apanhá-la. Tu e a Meg já não a podem apanhar?

- Julgo que não e pouco me importo com isso. Seria bem feito para eu não ser egoísta. Deixei-te ir ali sozinha, só para ficar em casa a escrever baboseiras. . .

Hanna tomou logo a direcção dos acontecimentos, dizendo a Jo que não havia motivo para ela se preocupar, pois toda a gente apanhava aquela doença mas ninguém morria se fosse bem tratado. E Jo, quando foi chamar Meg, sentia-se muito aliviada.

- Agora vou dizer o que temos de fazer - disse Hanna, depois de examinar Beth e de lhe ter feito algumas perguntas. - Vamos chamar o doutor Bangs para ficarmos descansadas. Depois mandamos a Amy para casa da senhora March para evitar o contágio e uma das outras meninas pode ficar em casa para cuidar de Beth.

- Fico eu que sou a mais velha - começou Meg a dizer.

- Não. Fico eu que tenho a culpa de ela ter adoecido. Prometi à mãe que tomaria conta daquelas crianças e não o fiz - interrompeu Jo com decisão.

- Beth, quem queres que fique?

- Gostaria que ficasse a Jo.

- Eu vou dizer à Amy que tem de se ir embora - disse Meg, sentindo-se um pouco ofendida, mas ao mesmo tempo aliviada, visto que não gostava de tomar conta de doentes.

Amy disse que não iria para casa da tia March, declarando que preferia ter a escarlatina, e foi em vão que Meg tentou convencê-la. Mas quando veio Laurie e a encontrou a chorar, pôs-se a andar no quarto de um lado para o outro com as sobancelhas franzidas e dizendo:

- Vamos, sê razoável e faz o que te dizem. Escuta o meu plano. Vais para casa da tia March e eu irei lá todos os dias para te levar a passear de carruagem ou a pé e vai ser muito agradável. Não achas que será melhor isso do que ficares aqui?

- Não gosto que me mandem para lá como se fosse um estorvo.

- Mas se o fazem, é para o teu bem! Será que queres ficar doente?

- Claro que não, mas não sei se é possível evitá-lo porque tenho andado muito com a Beth.

- Mais uma razão para que te vás embora. Talvez uma mudança de ares e alguns cuidados evitem que adoeças ou pelo menos terás a febre de um modo benigno. Aconselho-te a ires quanto antes, pois a escarlatina não é para brincadeiras, pequena.

- Mas a tia March é muito enfadonha e está sempre a rabujar.

- Não te vais aborrecer, porque eu vou-te buscar para passear. A velhota gosta de mim e vou conseguir que ela nos deixe fazer o que quisermos.

- Vais lá todos os dias?
- Não faltarei um sequer.
- E trazes-me para casa quando a Beth estiver boa?
- Imediatamente.

Meg e Jo foram chamadas para testemunhar o milagre que o rapaz tinha conseguido e Amy, sentindo que era uma pessoa muito abnegada, prometeu ir-se embora se o médico confirmasse a doença de Beth.

- Como está a doentinha? - perguntou Laurie.
- Está deitada na cama da mãe e diz que se sente melhor.

151

A morte do pequeno deixou-a muito impressionada, por isso o mal dela pode ser só isso, além de uma constipação. Mas mesmo assim estou inquieta - respondeu Meg.

- Como a vida é dura! - disse Jo, arrependendo o cabelo. Saímos de um desgosto para cairmos noutro. Quando a mãe não está, parece que tudo corre mal. Sinto-me perdida.

- Sossega, não é caso para estares nesse estado. Pára de arrepiar o cabelo e diz-me se devo telegrafar à vossa mãe ou ajudar-vos noutra coisa qualquer - disse Laurie.

- Isso é o que mais me aflige - respondeu Meg. - Eu acho que seria melhor avisarmos a mãe, mas a Hanna diz que ela agora não pode deixar o pai e que ia assustar-se sem necessidade. Acha que Beth não vai estar muito tempo doente e a mãe disse para lhe obedecermos. Mas eu estou sem saber o que fazer.

- Não sei o que dizer. . . Talvez fosse melhor pedir conselho ao meu avô, depois de o médico vir.

- Isso mesmo. Jo, vai chamar o médico imediatamente - ordenou Meg. - Não podemos decidir nada antes de ele ter visto a Beth.

- Vou eu, Jo. Nestes momentos, sou eu o moço de recados -, disse Laurie pegando no chapéu.

- Se calhar, tens outras coisas para fazer. . . - começou Meg a dizer.

- Não. Hoje já acabei de estudar as lições.

- Estudas durante as férias? - perguntou Jo.

- Estudo. Sigo o exemplo das minhas vizinhas - disse o rapaz, saindo da sala.

- Deposito grandes esperanças no meu rapaz - murmurou Jo, ao vê-lo saltar a sebe.

- Para rapaz, não se conduz nada mal - disse Meg de um modo um tanto ou quanto displicente.

Depois de o médico observar Beth, declarou que ela tinha

152

sintomas de escarlatina, mas que julgava que era uma forma benigna da doença, embora se tenha preocupado um pouco quando lhe contaram o que se passara em casa dos Hummel. Ordenou que afastassem Amy

e passou umas receitas. Pouco depois, Amy saía de casa com Jo e Laurie.

A tia March recebeu-os com o seu mau humor habitual.

- O que é que vocês querem agora? - perguntou, olhando por cima dos óculos, enquanto o papagaio, empoleirado nas costas da cadeira, bradava:

- Vai-te embora! Não queremos cá rapazes!

Laurie retirou-se para o vão da janela e Jo contou à tia o que sucedera.

- Não me admira que isto tenha acontecido. Não deviam deixar-vos andar por casa dessa gentinha. . . Amy pode ficar e ser útil em alguma coisa, se não adoecer, o que eu duvido. . . Tem muito mau aspecto. . . Não chores, pequena. Aborreces-me as choraminguices.

Amy tinha imensa vontade de chorar, mas Laurie puxou maliciosamente pela cauda do papagaio, que começou a gritar: Ora a minha vida!" de um modo tão divertido que Amy, em vez de chorar, começou a rir.

- Que notícias têm da vossa mãe? - perguntou a tia, com aspereza.

- Tem mandado dizer que o papá está muito melhor - respondeu Jo.

- Não creio que sejam melhoras duradouras, porque o meu irmão não é muito forte -, foi a consoladora resposta.

- Ha! Ha! Não te rales. Toma rapé - grasnou o papagaio agarrando-se à touca da tia March, visto que Laurie estava a acirrará-lo.

- Cala-te, bicho malcriado... E tu, Jo, fazias bem se te fosses embora imediatamente. Não é decente andares por aí a estas horas com um rapaz.

DIAS DIFÍCEIS

Beth teve escarlatina e só o médico e Hanna souberam da gravidade da situação. Meg ficou em casa para não contagiar os King e sentia-se um pouco inquieta quando escrevia para Washington e não contava nada do que se passava, mas Hanna não queria que a senhora March, lá longe, se angustiasse. Jo permaneceu dia e noite junto à cabeceira de Beth, a qual suportou o seu sofrimento o melhor que lhe foi possível: chegou mesmo a não reconhecer as pessoas e chamava pela mãe insistentemente.

Jo ficou assustada e Meg falou com Hanna na hipótese de mandar dizer alguma coisa à mãe. Mas esta, na última carta que escrevera, dizia que o pai tivera uma recaída e que ainda faltava bastante tempo para poderem pensar em voltar para casa. Que difíceis foram aqueles dias! Que tristeza pairava sobre aquela casa e como estavam oprimidos os corações das raparigas, vendo que a sombra da morte ameaçava o seu lar!

Quando, no primeiro dia de Dezembro, em que a neve caía abundantemente e o vento uivava com furor, o médico observou Beth com mais atenção que nunca, disse depois, a Hanna, em voz baixa: 155

- Se a senhora March pudesse deixar o marido seria melhor avisá-la.

Hanna acenou afirmativamente com a cabeça, incapaz de pronunciar qualquer palavra, pois os lábios tremiam-lhe: Meg deixou-se cair para cima de uma cadeira quando ouviu aquelas palavras e Jo, depois de permanecer imóvel durante uns momentos em que a cor lhe desapareceu do rosto, correu a redigir um telegrama e, enfiando um casaco, saiu com a maior rapidez possível. Voltou dali a pouco, no mesmo momento em que Laurie entrava com uma carta na qual se dizia que o senhor March estava de novo a recuperar. Reparando que, apesar das notícias, o rosto de Jo conservava uma expressão de angústia, Laurie perguntou preocupado:

- O que se passa? Beth está pior?
- Está. Fui mandar um telegrama para a mãe.
- Foi ideia tua?
- Não. Foi o médico que mandou.
- Então ela está assim tão mal? - murmurou ele alarmado.
- Está. Nem sequer nos conhece. É um momento muito difícil e não temos ninguém que nos ajude a suportá-lo. A mãe e o pai estão ausentes e Deus parece-me tão longe que não sou capaz de O encontrar.

As lágrimas impediam-na de ver e estendeu a mão como se, nas trevas

que subitamente a haviam envolvido, procurasse uma ajuda. Laurie pegou-lhe na mão e disse, com um nó na garganta:

- Eu estou aqui. Apoia-te em mim, querida Jo.

Ouvindo estas palavras, Jo dirigiu-se precipitadamente para a cozinha e Laurie foi para casa, julgando que tinha cumprido o seu dever.

- Este rapaz é um intrometido. Perdoo-lhe porque o faz por bem, mas desejo que a senhora chegue o mais depressa

156

possível - respondeu Hanna, quando Jo lhe disse o que se passara. Meg ficou muito contente quando Jo lhe disse que a mãe ia voltar e Jo foi pôr em ordem o quarto da enferma, enquanto Hanna preparava pastéis de carne. Parecia que uma lufada de ar fresco perpassava pela casa e algo invisível, mas mais radiante do que o Sol, invadia a silenciosa habitação. Cada vez que as duas irmãs passavam uma pela outra, um sorriso iluminava os seus rostos pálidos e abraçavam-se, murmurando baixinho :

- A mãe está a chegar. . .

Sentiam-se todas mais aliviadas, excepto Beth, que continuava inconsciente. Fazia muita tristeza olhar para ela, habitualmente tão rosada, e tão pálida agora. As mãos estavam sem força e muito magras; os lábios, outrora sorridentes, permaneciam mudos, e o cabelo, que ela usava sempre muito bem penteado, espalhava-se agora desordenadamente sobre a almofada. E assim esteve durante todo o dia, abrindo a boca apenas para murmurar: Água..., com os lábios tão secos que mal podiam pronunciar aquela palavra. As horas passaram lentamente até que anoiteceu. O médico dissera que se devia observar uma alteração na doente por volta da meia-noite. Tanto podia ser para pior como para melhor. Ele voltaria assim que pudesse.

Hanna, completamente esgotada, recostou-se no sofá colocado junto da cama e adormeceu. O senhor Laurence passeava na sala de um lado para o outro, dizendo para si mesmo que preferia encontrar-se diante de uma fila de canhões inimigos do que diante do rosto da senhora March, no momento em que ela chegasse. Laurie, deitado sobre o tapete, fingia dormir, mas mantinha o olhar fixo no lume, com aquela expressão pensativa que tanto embelezava os seus olhos pretos.

157

As raparigas nunca mais se esqueceram daquela noite, na qual experimentaram o que é sentir-se impotente perante determinadas situações da vida.

Passava das dez quando Jo, que estava perto da janela, ouviu um pequeno rumor junto da cama e, ao voltar-se, viu Meg junto de Beth, com a cara tapada com as mãos. Surpreendida e angustiada, pensou: Beth morreu e Meg não tem coragem de mo dizer."

Aproximou-se rapidamente do leito e pareceu-lhe notar uma grande

mudança no rosto de Beth. O rubor da febre e a expressão de sofrimento tinham desaparecido e o rosto da enferma estava tão pálido e com uma expressão tão serena que Jo nem sentiu vontade de chorar.

Curvando-se sobre a sua irmã estremecida, beijou-lhe a testa com todo o amor, murmurando suavemente:

-Adeus, querida Beth, adeus...

Hanna despertou naquele momento, precipitou-se para junto da cama e, depois de olhar para Beth e de lhe apalpar as mãos, aproximou o ouvido dos lábios da doente e deixou-se cair sobre uma cadeira, murmurando quase sem voz:

- A febre desceu e está a dormir. . . Tem a pele húmida e respira com facilidade. Louvado seja Deus!

As raparigas não conseguiam acreditar que tal coisa fosse verdade, mas o médico, que chegara entretanto, confirmou o que Hanna dissera. Era um homem vulgar mas, naquele momento, pareceu-lhes um ser extraordinário, principalmente quando, olhando para elas com ar paternal, lhes disse:

- Sim, pequenas, creio que, por agora, o pior já passou. Deixem tudo em silêncio para que ela possa dormir e, quando acordar, dêem-lhe. . .

Nenhuma das duas ouviu o que haviam de lhe dar porque, correndo para o hall que estava às escuras, abraçaram-se sem serem capazes de pronunciar uma palavra, tão emocionadas

158

estavam. Quando voltaram, encontraram Beth a dormir na sua posição habitual quando estava de saúde, com o rosto apoiado na mão, respirando tranquilamente, sem a impressionante palidez dos últimos dias.

- Se a mãe chegasse agora! - suspirou Jo, já de madrugada.

- Olha. . . - disse Meg, apontando para uma rosa que estava a começar a abrir. - Cheguei a pensar pô-la entre as mãos de Beth se... se ela se separasse de nós. Agora vou pô-la no seu copo para que, quando acordar, as primeiras coisas que veja sejam a rosa e o rosto da mãe.

Nunca o nascer do Sol parecera tão belo nem o dia tão maravilhoso a Jo e a Meg, do que quando chegaram à janela, de manhã muito cedo, depois daquela noite tão longa.

- A terra parece um país encantado - disse Meg sorridente, enquanto se deliciava com a luz do dia.

-Escuta! - gritou Jo, pondo-se de pé bruscamente.

Ouviu-se o ruído de uma campainha. Depois o grito de Hanna. E finalmente a voz de Laurie, exclamando entusiasmado :

- Meninas! A vossa mãe chegou!

159

O TESTAMENTO DE AMY

Enquanto se passavam estas coisas em casa, Amy vivia momentos difíceis em casa da tia March.

Todas as manhãs tinha de lavar as chávenas, polir as colheres do faqueiro mais antigo, limpar muito bem o pesado bule de prata e lavar os copos até que tudo ficasse a brilhar. Depois tinha de limpar o pó da sala; aos olhos da tia March não escapava a mais pequena mancha. A seguir dava de comer ao papagaio, penteava o cachorro e subia e descia a escada várias vezes para ir buscar uma quantidade de coisas, porque a tia, como era coxa, quase nunca abandonava a sua poltrona.

O que valia era que Laurie ia visitá-la todos os dias e arranjava sempre maneira de convencer a tia March a deixar Amy sair. Então passeavam e tinham momentos muito divertidos. Mas depois do almoço, Amy tinha de ler em voz alta para a tia e depois deixar-se ficar muito quieta enquanto a velhota dormia a sesta. A seguir era preciso engomar a roupa. Mas o que mais lhe custava a passar eram as horas do anoitecer, visto que a tia March punha-se a contar coisas da sua juventude, que a aborreciam imenso.

O papagaio também contribuía para lhe tornar a vida impossível. Quando se aproximava ele puxava-lhe o cabelo;

161

entornava as sopas de leite logo que ela acabava de lhe limpar o poleiro; fazia ladrar o cão, dando-lhe bicadas enquanto a dona dormia; dizia nomes feios quando havia visitas. Tinha o comportamento de um pássaro insuportável.

A única pessoa com quem Amy simpatizava era Ester, uma rapariga francesa que estava ao serviço da tia March havia já muitos anos. Ester mostrava a Amy as lindas coisas antigas que estavam guardadas nos armários e cómodas. Aquilo de que Amy mais gostava era de um toucador com gavetas bizarras, no qual estavam guardadas muitas coisas belas, em especial jóias que haviam adornado a tia March quarenta anos antes, quando ela era uma formosa rapariga. Ali estava o jogo de grinaldas, que a tia usara no dia da sua apresentação na sociedade, as pérolas que o pai lhe oferecera no dia do seu casamento, os brilhantes oferecidos pelo noivo, as pulseiras de criança que haviam pertencido à filhinha, um grande relógio que pertencera ao marido e, num cofre à parte, a aliança de casamento, que já não servia no dedo demasiado gordo da tia March.

- Que jóia é que a menina escolheria, se pudesse? perguntou Ester uma vez.

- Se o adereço de brilhantes tivesse colar, preferia esse. Mas como não tem, escolheria esta. . . - respondeu Amy, olhando encantada para um colar de contas de ébano e ouro, do qual pendia uma cruz.

- As meninas ainda são muito novas para usarem jóias. Mas a senhora disse que a primeira que se casar vai receber de presente as pérolas. E tenho a impressão de que o anel de turquesa vai ser seu quando se for embora, porque a senhora está muito contente com as suas bonitas maneiras.

- Palavra? Para ter este anel, hei-de ser mansinha como um cordeiro. Apesar de tudo, gosto da tia March.

Com efeito Amy, a partir desse dia, passou a ser um modelo

162

de obediência e a tia até se admirou dos visíveis progressos da sobrinha.

Nos seus momentos livres, Amy decidiu fazer o seu próprio testamento, tal como a tia March fizera o dela, e redigiu o melhor que pôde esse documento, ajudada por Ester. Depois de esta boa mulher o ter assinado, sentiu-se muito aliviada. Guardou então o testamento para o mostrar a Laurie e lhe pedir que o assinasse como segunda testemunha.

Chuviscava naquele dia, por isso Amy subiu a um dos quartos do andar superior, levando o papagaio para lhe fazer companhia. Havia ali um grande armário cheio de roupas antigas e Amy gostava de vestir aqueles vestidos de brocado, ver-se ao espelho e fazer vénias como se estivesse em alguma corte. Tão distraída estava com aquela ocupação que não ouviu Laurie tocar à campainha, nem o viu subir a escada e estacar diante da porta entreaberta, contemplando-a a passear de um lado para o outro, com um vestido de brocado azul, abanando-se com um leque, a cabeça muito levantada e um turbante em volta dos cabelos. Tinha calçado sapatos de salto alto e movia-se dando passinhos miudinhos. Conforme Laurie contou depois a Jo, era muito divertido vê-la andar daquela forma, levando atrás o papagaio que a imitava o melhor que podia, parando às vezes para rir e excluir:

- Não estamos tão elegantes? Vai-te embora, espantalho! Dá-me um beijo, querida.

Contendo a sua enorme vontade de rir, Laurie bateu levemente à porta e Amy foi logo recebê-lo muito amavelmente.

- Senta-te enquanto eu tiro isto, pois quero falar-te de uma coisa muito importante - disse ela depois de lhe mostrar os seus enfeites e de mandar o papagaio para um canto. Este pássaro é formidável. Ontem, enquanto a tia dormia a sesta e eu estava mais caladinha do que um rato, começou aos gritos e aos pulos em cima do poleiro. Estava perto uma

163

aranha muito grande que eu quis logo matar, mas ela fugiu e

meteu-se debaixo da estante dos livros. Então ele correu para lá e, com um piscar de olhos disse: Anda daí, querida. Vamos dar um passeio. Não pude conter o riso, o bicho riu às gargalhadas e acordou a tia, que acabou por ralar com os dois.

- E a aranha aceitou o convite?

- Sim, ela saiu lá de baixo, mas o papagaio, muito assustado, saltou para a cadeira da tia, gritando: Apanha-a, apanha-a!", enquanto eu ia atrás dela.

- É mentira, Laurie - gritou o papagaio debicando na ponta dos sapatos do rapaz.

- Torcia-te o pescoço, se fosses meu, velho carrasco! exclamou Laurie, ameaçando o pássaro.

- Bem, já estou pronta - disse Amy, fechando o armário e tirando um papel do bolso. - Quero que leias isto e me digas se está bem escrito. Achei que devia fazê-lo porque a vida é uma coisa incerta e não quero que, depois da minha morte, alguém fique ressentido comigo.

Isto é o meu testamento

Eu, Amy Curtis March, estando na perfeita posse das minhas faculdades, lego os meus bens terrenos às seguintes pessoas:

A meu pai, os meus melhores quadros, desenhos e obras de arte, incluindo as molduras. Além disso, também lhe deixo os meus cem dólares, para que faça com eles o que melhor lhe parecer.

A minha mãe, as minhas roupas, excepto o bibe azul com algibeiras, o meu retrato e a minha medalha, tudo com muito amor.

À minha querida irmã Meg, o meu anel de turquesa (se mo derem), a minha caixinha verde com o desenho das pombas, o meu bocado de renda feita à mão e o retrato que fiz dela. Tudo em recordação da sua menina.

164

A Jo, a minha pregadeira, o meu tinteiro de bronze (ela perdeu-lhe a tampa) e também o meu bonito coelho de gesso, pois estou muito arrependida de lhe ter queimado o manuscrito.

A Beth (se me sobreviver), dou-lhe as minhas bonecas, a minha escrivadinha, o leque, as golas de linho e os meus sapatos, se ela ficar magrinha e se os puder calçar quando ficar boa.

Ao meu amigo e vizinho Teodoro Laurence deixo o meu papel de desenho, a minha pasta e o modelo de cavalo em gesso, apesar de ele ter dito que não tem pescoço. E, reconhecida pelo conforto que me deu nas horas tristes, a minha obra de arte Que mais lhe agradar. Notre-Dame" é a melhor.

Ao nosso venerando benfeitor senhor Laurence, deixo a minha caixa vermelha que tem um espelho na tampa, que poderá servir-lhe para guardar as suas penas e Que lhe recordará a menina falecida, que muito lhe agradece todas as atenções que tem tido para connosco, em especial para Beth.

Desejo Que a minha Kitty Bryant receba o meu bibe azul e o

meu anel de ouro.

A Hanna dou a caixa de papelão Que ela gostava de ter e o tapete de trapos para que se lembre de mim ao olhar para ele.

E agora, depois de distribuir os meus bens mais valiosos, espero Que fiquem contentes e que não me critiquem. Perdoo a todos e espero que nos encontremos quando soar a trombeta da ressurreição. Amén.

Este é o meu testamento, que assino, e no Qual ponho o meu sinete hoje, 20 de Novembro. Anno Domino, 1861.

Amy Curtis March Testemunhas: Ester lalnor e Teodoro Laurence.

Laurie escreveu o seu nome a lápis, mas Amy disse-lhe que tinha de o escrever a tinta por cima e selá-lo devidamente.

- Mas que ideia foi esta? Alguém te disse que Beth fez a
165

mesma coisa? - perguntou Laurie muito a sério, enquanto Amy lhe punha diante uma vela, tinteiro e lacre.

Ela explicou-lhe as suas razões e perguntou a seguir:

- Que foi que disseste de Beth?

- Lamento ter falado, mas já que comecei, acabo. Um dia sentiu-se tão mal que disse que gostava de deixar o seu piano a Meg, os gatos a ti e as suas velhas bonecas a Jo, que as ia querer por serem dela. Para as outras pessoas, como não tinha mais nada, deixava caracóis do cabelo e muito amor ao avô. Mas não pensou em escrever o testamento.

Enquanto falavam, Laurie assinava e selava o documento, e não ergueu os olhos senão quando viu cair uma lágrima sobre o papel. Reparou que o rosto de Amy exprimia um grande pesar, mas ela apenas disse:

- É costume acrescentar algum Post Scriptum" nos testamentos?

- É. Chama-se codicilo".

- Então põe um no meu. Que desejo que sejam cortados todos os meus caracóis para serem distribuídos pelos meus amigos. Não me lembrei de fazer isso, mas agora quero que se faça, embora fique muito feia.

Laurie acrescentou essas palavras no documento, sorrindo ao pensar no grande sacrifício de Amy. Depois tentou distraí-la durante um bocado, o que conseguiu, mas, quando estava para se ir embora, Amy perguntou-lhe, com um tremor na voz.

- A Beth corre realmente perigo?

- Receio bem que sim, mas temos de confiar que tudo vai acabar bem; por isso não chores, querida. - E Laurie deu-lhe um abraço fraternal.

Depois de ele ter partido, Amy, com lágrimas nos olhos, rezou por Beth e pensou que um milhão de anéis com turquesas não seria capaz de a consolar da perda da sua irmã.

CONFIDÊNCIAS

Não há palavras capazes de descrever o encontro entre a mãe e as filhas, pois tais momentos, de tão intensamente vividos, não podem ser descritos. Assim, deixaremos que o leitor imagine a cena, limitando-nos a afirmar que a casa se encheu de felicidade e que o desejo de Meg se cumpriu, pois que Beth, ao acordar de um sono reparador, as primeiras coisas que viu foram a rosa e o rosto da mãe. Estava tão débil que não ficou surpresa, limitando-se a aconchegar-se, sorrindo, nos amorosos braços que a estreitavam ternamente, sentindo-se muito feliz porque o seu desejo mais ardente se havia realizado. Depois adormeceu de novo e as raparigas rodearam a mãe para a servir, enquanto esta conservava na sua a mãozita da filha adormecida.

Hanna tinha preparado um excelente pequeno-almoço para a viajante. Meg e Jo serviram a mãe com grande desvelo, enquanto ela lhes contava em voz baixa acerca do estado do pai, da promessa que o senhor Brooke fizera de olhar por ele, da demora que o mau tempo tinha causado na viagem e do alívio que sentiu quando viu o rosto de Laurie logo que chegara à estação.

Que dia tão estranho e ao mesmo tempo tão agradável foi
167

aquele! Todas adormeceram fatigadas de tantas horas de vigília e sobre a casa pairou um silêncio absoluto.

Laurie, entretanto, fora visitar Amy para a sossegar e fez-lhe um relato tão comovente dos acontecimentos que até a tia March se sentiu comovida e não disse uma única vez: Eu bem vos tinha dito, como era seu costume. Quanto a Amy, portou-se muito bem, dando a impressão de que as suas meditações estavam a produzir fruto, pois enxugou as lágrimas rapidamente e conteve a impaciência de que fora tomada.

A tia March concordou com Laurie, que ela estava a portar-se como uma menina muito corajosa. Até o papagaio pareceu satisfeito, pois chamou-lhe boa pequena, e convidou-a a sentar-se no sofá quando ela decidiu escrever umas palavrinhas para mandar à mãe. Demorou muito a fazê-lo e, quando voltou a aparecer na sala, encontrou Laurie adormecido por causa do cansaço, e até a tia March, que tinha corrido as cortinas, estava sentada sem fazer nada, numa atitude de benevolência pouco habitual nela.

Ao fim de algum tempo de silêncio, começaram a achar que ele, se calhar, só ia acordar à noite. E realmente assim deveria ter acontecido se não tivesse acordado repentinamente com o grito de

alegria de Amy quando viu a mãe. Devia haver naquela manhã muitas meninas felizes na cidade, mas com certeza nenhuma tanto como Amy enquanto, sentada nos joelhos da mãe, lhe contava as provações por que passara, as quais foram bem compensadas pelas ternas carícias e sorrisos de conforto que recebeu.

Amy estava tão séria e as suas palavras tinham um tal cunho de sinceridade que a mãe parou de sorrir e dispôs-se a escutar com toda a atenção o que a filha tinha para lhe dizer.

- Durante estes dias, tenho tido tempo para pensar nos

168

meus inúmeros defeitos e compreendi que o pior de todos é o egoísmo e tenciono curar-me dele por todos os meios ao meu alcance. Beth não é egoísta e por isso toda a gente gosta tanto dela e todos têm tanta pena quando pensam que podem perdê-la. Se fosse eu quem estivesse doente, as pessoas não o lamentariam tanto, porque não o mereço. Mesmo assim, gostaria de ser tão amada como Beth e que as minhas amigas sentissem a minha ausência quando eu faltasse. Por isso, vou tentar parecer-me com Beth o melhor que me for possível. E como sei que sou pouco perseverante, acho que, se pudesse ter sempre diante dos olhos alguma coisa que me recordasse as minhas boas intenções, sempre havia de consegui-lo melhor. Por isso gostava de trazer sempre este anel no dedo. Que acha?

- Acho bem, embora me pareça que vais conseguir alcançar os teus propósitos mais pelo teu desejo do que pelo anel que tenhas no dedo. E o sincero desejo que tens de ser boa significa meia batalha ganha. Agora volto para junto de Beth. Continua com ânimo, minha filha, pois em breve vais voltar para casa.

Naquela mesma tarde, quando Meg escrevia para o pai a fim de lhe comunicar que a mãe chegara bem, Jo subiu até ao quarto de Beth e, ao ver a mãe sentada no seu lugar habitual, ficou um momento parada, fingindo que estava a alisar o cabelo. A sua atitude, porém, era de alguém que está inquieto e indeciso.

- O que tens, querida? - perguntou a senhora March.

- Gostava de lhe contar uma coisa, mãe.

- Trata-se de Meg?

- Como adivinhou? Sim, tem a ver com ela. Tem pouca importância, mas aborrece-me.

- Beth está a dormir. Fala em voz baixa, mas conta-me tudo. Espero que o Ned Moffat não tenha estado aqui na minha ausência.

169

- Nada disso. E se ousar fazê-lo, dou-lhe com a porta na cara!

- replicou Jo, sentando-se no chão aos pés da mãe. No Verão passado, Meg esqueceu-se de um par de luvas em casa dos Laurence e só foi devolvida uma pela nossa caixa do correio. Tínhamos esquecido completamente o facto, até que um dia Laurie me disse que quem tinha a outra era o senhor Brooke. Parece que a tinha escondida num bolso do casaco. Um dia, a luva caiu-lhe e Laurie

troçou do caso. Então o senhor Brooke confessou-lhe que gostava de Meg, mas que não se atrevia a dizer-lhe nada, porque ela era muito nova e porque ele não tinha uma boa situação para lhe oferecer. Não é uma coisa terrível?

- Achas que a Meg gosta dele? - perguntou ansiosamente a senhora March.

- Como é que eu hei-de saber? Não entendo nada de amor e de parvoíces do género - respondeu Jo com uma singular mistura de interesse e displicência. - Nas novelas, as raparigas mostram que estão apaixonadas, ficando muito coradas, desmaiando e emagrecendo; em resumo, portando-se como umas parvas. Mas não vejo nada disso na Meg. Come e dorme normalmente, não evita o meu olhar quando lhe falo desse homem e só fica vermelha quando Laurie se põe a dizer graças sobre namorados. Já lho proibi, mas ele não fez caso.

- Então, achas que Meg não está interessada pelo John?

- Por quem?

- Pelo senhor Brooke. Comecei a tratá-lo assim no hospital, porque ele gosta mais.

- Estamos bem arrançados! Como se tem conduzido muito bem em relação ao pai, a mãe vai ficar do lado dele e, em vez de o mandar passear, vai dar o seu consentimento para que a Meg se case com ele se quiser. Vejam só aquela astúcia, todo atenções para o pai e ajudando-a a si, para obter a vossa aprovação !

170

- Não sejas assim, filha. Vou contar-te o que aconteceu. Como sabes, o John acompanhou-me a pedido do senhor Laurence e foi tão solícito com o teu pobre pai que não podíamos evitar ficar muito amigos dele. Foi muito sincero e honesto ao falar de Meg, pois confessou que gostava dela, mas que, antes de pedir a sua mão, gostaria de conseguir uma situação mais estável. Só nos pediu o nosso consentimento para a amar, trabalhar por ela e tentar conseguir que ela gostasse dele. Não podíamos recusar-nos a ouvi-lo, sendo ele um jovem tão educado, mas não consentiremos que Meg se comprometa agora, pois é ainda muito nova.

- Evidentemente que não. Seria uma estupidez. Eu bem desconfiava que se estava a passar alguma coisa. O meu coração bem mo dizia, mas afinal é pior do que eu supunha. Quem me dera que pudesse eu mesma casar-me com Meg, para que ela ficasse em casa!

Aquela ideia disparatada fez sorrir a senhora March. Mas ficou logo séria, dizendo:

- Confiei em ti, Jo, mas não quero que digas nada a Meg por enquanto. Quando John voltar e estiverem outra vez juntos, poderei verificar quais são os sentimentos de Meg em relação a ele.

- Meg há-de ler os dele naqueles olhos que ela diz serem tão

bonitos e não haverá remédio. Tem um coração brando que se derrete como a manteiga se alguém olha para ela com um ar romântico. Lia com mais atenção os bilhetes que ele mandava do que as cartas da mãe mas, se eu dizia alguma coisa, dava-me beliscões. Está sempre a dizer que gosta de olhos escuros. Disse também que o nome John não era nada feio. Pronto! Está apaixonada por ele e acabaram-se a paz e a alegria nesta casa. Até parece que já estou a ver. Vão andar os dois a namorar pelos cantos e nós a termos de nos afastar deles para não sermos indiscretas. Meg vai ser muito

171

feliz e já não precisará de mim. Brooke conseguirá prosperar de alguma forma, vai levá-la com ele e deixará um enorme vazio nesta casa. O meu coração vai ter um desgosto enorme e tudo ficará horivelmente insuportável. Meu Deus! Porque é que estas coisas têm de acontecer?

Como ouviu a mãe a suspirar, acrescentou:

- À mãe, também não lhe agrada esta perspectiva, pois não? Não vamos fazer caso do assunto, não dizemos nada à Meg e continuamos tão unidas como até aqui.

- Fiz mal em suspirar, Jo. É natural que, mais cedo ou mais tarde, todas vocês tenham o vosso próprio lar, mas eu gostaria de vos ter junto de mim tanto tempo quanto fosse possível, e tenho uma certa pena de que o caso de Meg pareça vir a resolver-se tão cedo, pois só tem dezassete anos. O vosso pai e eu estamos de acordo em que ela não deverá casar-se antes de fazer vinte anos; se gostam verdadeiramente um do outro, saberão esperar e, com isso, apenas demonstrarão que o seu amor é verdadeiro. Querida filha! Espero que seja muito feliz.

- Não gostava mais que ela se casasse com um homem rico?

- O dinheiro faz falta e desejo que nunca tenhais de sofrer muito por não terdes o suficiente, mas também não queria que corrêsseis o risco de vos desencaminhardes por causa de o ter em abundância.

- Compreendo, mãe, e estou de acordo consigo. Mas fiquei um pouco desapontada com Meg porque eu pensava que ela se casaria um dia com o Laurie, para poder viver luxuosamente. Não era tão bonito?

- Bem sabes que ele é mais novo. . .

- Isso não tem importância! É muito alto e inteligente para a sua idade e, quando quer, comporta-se como um homem. Por outro lado, é rico, altruísta e nobre, e gosta

172

de nós todas. É uma pena que o meu projecto não vá por diante.

- Receio que não seja o homem indicado para Meg.

É ainda um pouco catavento para que possa confiar nele no que diz respeito a sentimentos sérios. Não faças planos, Jo. Deixa que o tempo e os sentimentos de cada um aproximem as pessoas. Nestes assuntos, ninguém se deve meter. É melhor não metermos os nossos

próprios projetos naquilo a que tu chamas parvoíces românticas" que podem até afastar-nos das amizades saudáveis.

- Não vou fazer isso, mas não me agrada que as coisas tomem caminhos diferentes quando um puxão daqui, um empurrão dali, poria tudo nos seus devidos lugares. Se pondo um peso na cabeça pudéssemos parar de crescer. . . Mas não é possível. Os botões têm que transformar-se em rosas e os gatinhos em gatos grandes!

- O que estás tu a dizer de rosas e de gatos? - perguntou Meg quando entrou no quarto, segurando na mão uma carta que acabara de escrever.

-Nada! São coisas minhas. Vou para a cama. Vamos, Meg - disse Jo que, como era muito alta, parecia desdobrar-se quando se punha de pé se, por acaso, estava sentada no chão.

Depois de ler a carta, a senhora March disse, devolvendo-a a Meg:

- Está muito bem escrita. Por favor não te esqueças de mandar cumprimentos ao John.

- Trata-o por John? - perguntou Meg, sorrindo e olhando para a mãe com uma expressão inocente.

- Trato. Ele tem-se comportado como um verdadeiro filho e nós apreciamo-lo bastante - respondeu ela olhando penetrantemente para Meg.

- Fico muito contente, porque ele não tem família e sente-se muito só... Boas noites, querida mãezinha. Que bom estar aqui!

- respondeu Meg com toda a tranquilidade.

173

A mãe deu-lhe um beijo repassado de ternura e, vendo-a sair do quarto, disse, ao mesmo tempo contente e pesarosa:

- Ela ainda não ama o John, mas não faltará muito...

174

LAURIE FAZ UMA PARTIDA E JO INTERVÉM

No dia seguinte, o rosto de Jo apresentava uma expressão curiosa. O segredo pesava-lhe e era-lhe difícil não ter aquele ar de mistério. Meg reparou mas não perguntou nada, pois já conhecia Jo muito bem e sabia que a melhor maneira de saber as coisas era precisamente não perguntar nada. Por isso ficou admiradíssima de ver que o mistério continuava e não gostou de um certo ar protector da parte da irmã ao qual ela opôs uma atitude de reserva, ao mesmo tempo que passou a dedicar-se mais à mãe. A senhora March substituíra Jo no trabalho de enfermeira, dizendo que a filha precisava de distrair-se e passear, pois tinha estado muito tempo fechada em casa. Isto deixou Jo entregue a si mesma. Sem Amy em casa, Laurie era agora o seu único recurso. Distraía-se muito na companhia dele, mas o rapaz notou algo de estranho na sua amiga e Jo bem sabia que ele havia de atormentá-la tanto que ela acabaria por contar o seu segredo.

Efectivamente, Laurie empregou todos os meios ao seu alcance e acabou por perceber que o segredo se relacionava com Meg e o senhor Brooke. Indignado com o tutor por este não o ter feito seu confidente, começou a preparar uma pequena vingança.

Entretanto, Meg parecia não se interessar por tal assunto
175

e ocupava-se com os preparativos para o regresso do pai. De repente, porém, mudou de atitude. Quando falavam com ela, estremecia, ruborizava-se e ficava entregue aos seus pensamentos enquanto trabalhava.

- Meg pressente o amor e apresenta os sintomas habituais. Que havemos de fazer, mãe?

- Nada. Apenas esperar - respondeu a senhora March.

No dia seguinte, quando distribuía a correspondência do pequeno posto de correio, Jo disse:

- Há uma carta para ti, Meg. E está lacrada. Que estranho! Laurie nunca lacra as cartas que me escreve.

Depois de ler a carta, Meg apareceu a chorar diante da mãe e de Jo.

- Como pudeste fazer-me uma coisa destas, Jo? Escreveste esta carta e o maroto do Laurie colaborou contigo. O senhor Brooke nunca se atreveria a escrever coisa semelhante.

Jo mal pôde escutar as últimas palavras, pois tanto ela como a mãe já estavam a ler a carta escrita com uma letra estranha, cujo autor, assinando John, dizia a Meg que a amava loucamente e que sabia que ela correspondia a esse amor, mas pedia-lhe que

fosse ela mesma a dizê-lo na volta do correio.

- Oh! Que grande patife que é o Laurie! - disse Jo. Foi esta a sua vingança por eu não ter querido contar-lhe o segredo que prometera à mãe guardar. Hei-de dar-lhe uma descompostura e vou obrigá-lo a pedir-te perdão, Meg.

- Mas.. esta carta parece-se com a outra que recebi e à qual já respondi... Meu Deus! O que é que eu fui fazer? exclamou Meg.

- Outra carta. . . igual a esta? E respondeste? - perguntou a senhora March.

- Respondi. . . Não quis dizer-lhe nada, mãe. Queria ter
176

um segredo só para mim. Respondi que era muito nova para tomar qualquer resolução, que não queria ter segredos para vocês e que antes teria de falar com o pai, mas que durante muito tempo não poderia ser mais do que sua amiga. E então ele respondeu-me dizendo que nunca me tinha escrito nenhuma carta falando de amor e que lamentava que a ladina da minha irmã Jo tivesse tomado tal liberdade com os nossos nomes. A carta era muito amável e honesta, mas imaginem como isto é terrível para mim!

Então Jo decidiu ir imediatamente buscar Laurie, chamando-lhe nomes, mas deteve-se subitamente, agarrou as duas folhas de papel e, examinando-as de perto, disse sem hesitações:

- Não acredito que Brooke tenha visto qualquer destas cartas. O Laurie escreveu ambas e guardou a tua para se divertir à minha custa, por eu não ter querido contar-lhe o segredo.

Jo saiu e a senhora March disse a Meg, com muita meiguice, quais eram os sentimentos do senhor Brooke a seu respeito.

-Agora, querida filha, diz-me quais são os teus sentimentos a respeito dele. Gostas dele o suficiente para esperar que te possa oferecer um lar, ou preferes ficar livre por enquanto?

- Tão cedo não quero pensar em noivados. Se o John realmente não souber destes disparates, não lhe diga nada e obrigue a Jo e o Laurie a refrearem a língua. Não gosto de ser iludida nem que façam pouco de mim. É uma vergonha!

Jo e Laurie entraram no quarto e ele apresentou as suas desculpas a Meg. Esta perdoou-lhe e fizeram as pazes.

Apesar disso, Meg continuou a recordar aquele incidente durante muito tempo e, embora não aludisse a uma certa pessoa, pensava muito nela.

177

As semanas seguintes foram muito agradáveis. Os dois enfermos continuaram a melhorar e o senhor March falou em voltar para casa no princípio do ano.

Os dias que precederam o Natal foram muito amenos e o próprio dia de Natal foi esplendoroso. Todos estavam contentes porque, durante a manhã, tinham recebido uma carta do senhor March, e Beth, por seu lado, já recuperara bastante

Mas esta felicidade atingiu o clímax quando Laurie entrou e, num tom de voz estranho que não conseguia ocultar a sua emoção e alegria, exclamou:

- Outro presente de Natal para a família March!

Mal acabara de pronunciar estas palavras, afastou-se para o lado e, no seu lugar, apareceu um homem alto, embuçado até aos olhos, apoiando-se no braço de outro homem, também alto, o qual tentava dizer alguma coisa, porém sem o conseguir. A excitação foi geral e, durante alguns momentos, todos pareciam ter enlouquecido. O senhor March quase desapareceu rodeado por quatro pares de braços que o envolveram com ternura. Jo perdeu a serenidade e quase desmaiou, tendo que ser assistida por Laurie. O senhor Brooke beijou Meg por distração, segundo disse, e Amy, que queria conservar a sua compostura, tropeçou num tamborete e, sem se levantar do chão, abraçou e beijou entre lágrimas as botas do pai. A senhora March foi a primeira a recuperar a serenidade, dizendo:

- Falem mais baixo !. . . É preciso ter cuidado com a Beth.

O senhor March explicou que tinha querido fazer-lhes uma surpresa. Por isso, aproveitando aqueles dias calmos, o médico dera-lhe licença para voltar para casa. Referiu-se depois à dedicação de Brooke, afirmando que era um jovem de sentimentos nobres e digno de estima.

178

Nunca a refeição de Natal foi tão agradável como a daquele dia. Tudo correu muito bem e todos se sentiram verdadeiramente abençoados. E, juntando-se à alegria dos March, estiveram presentes o senhor Laurence, Laurie e o senhor Brooke.

179

A TIA MARCH RESOLVE A SITUAÇÃO

No dia seguinte, tanto a mãe como as filhas dedicaram-se apenas a atender o senhor March e nada parecia faltar para que a felicidade naquele lar fosse completa. Mas, na realidade, faltava alguma coisa e o senhor e a senhora March olhavam-se de vez em quando com uma expressão inquieta, depois de observarem Meg. Estava muito calada e distraída. Estremecia quando a campainha tocava e corava quando se pronunciava o nome de John. Amy admirava-se, pois, estando já o pai em casa, parecia que todos estavam à espera de alguma coisa, e Beth perguntava inocente por que razão os vizinhos não os visitavam com a mesma assiduidade. Laurie, vendo Meg à janela, caiu teatralmente de joelhos na neve, batendo no peito e juntando as mãos num gesto de quem suplica alguma coisa. Quando Meg lhe disse que não se armasse em palhaço e que se fosse embora, começou a torcer o lenço, fingindo que estava ensopado em lágrimas, e voltou a esquina da casa cambaleando, como se estivesse no auge do desespero.

- O que quererá aquele tonto dizer? - riu Meg, fingindo não compreender.

- Está a mostrar-te como se vai portar o teu John, quando menos se esperar - disse Jo com ironia.

181

- Não digas o meu John. Não é correcto nem é verdade. Não me aborreças mais com isso, Jo. Já te disse que apenas seremos amigos como dantes.

- Nunca mais pode ser como antes. Pareces outra, Meg, e tenho a impressão de que estás muito longe de mim. Suportarei tudo com a coragem de um homem, mas o que tens a fazer, é melhor que o faças depressa. Detesto esperar.

- Não posso fazer nada se ele não me falar no assunto, e claro que não o fará, porque o pai já lhe disse que eu sou muito nova.

- Se ele te dissesse alguma coisa, nem sabias como havias de responder. Acabarias por deixar-te convencer, em vez de o despedires com um rotundo não".

- Não sou assim tão fraca como julgas, e até já pensei no que lhe diria, porque não quero que me apanhe desprevenida.

-Poderei, por acaso, saber o que lhe responderias. perguntou Jo, um pouco menos agressiva.

- Claro! Já tens dezasseis anos e podes ser minha confidente. Talvez um dia a minha experiência te seja útil numa ocasião semelhante.

- Não me parece. É divertido ver as outras pessoas a namorar, mas eu, se o fizesse, achava que não tinha miolo.

- Pensarias de forma diferente se quisesse muito a alguém que também gostasse de ti.

- Está bem - interrompeu Jo. - Diz-me lá qual é o discurso que tens preparado para esse homem.

- Se ele me disser alguma coisa, responder-lhe-ei com decisão e serenidade: Muito obrigada, senhor Brooke, o senhor é muito amável, mas penso, como o meu pai, que sou ainda muito nova para me comprometer. Assim, tenha a bondade de não me falar mais neste assunto e continuemos a ser amigos como dantes.

182

- Na minha opinião, é uma resposta muito rígida. Acho que não eras capaz de lhe fazer esse discurso e, mesmo que o fizesses, ele não iria conformar-se facilmente. Se insistisse e te suplicasse, como fazem as personagens das novelas, acabarias por ceder para não o fazeres sofrer.

- Nem penses uma coisa dessas. Já te disse que, se me falar em alguma coisa, respondo-lhe assim, e logo que acabar, saio da sala com toda a dignidade.

Dizendo estas palavras, Meg levantou-se da cadeira, disposta a representar a cena. Mas o ruído de passos fê-la sentar-se outra vez e começar a coser com grande afinco, como se a sua sobrevivência dependesse daquele trabalho. Jo conteve um acesso de riso, vendo aquela rápida transformação, e, quando ouviu um tímido bater na porta, foi abrir com cara de poucos amigos.

- Boa tarde. Vinha buscar o meu chapéu-de-chuva. . . ou melhor, perguntar como está o seu pai - disse John, desconcertado com a expressão das duas raparigas.

- Está no bengaleiro. Vou buscá-lo e dizer-lhe que o senhor está aqui. - E depois de misturar o pai com o guarda-chuva, Jo saiu da sala para dar oportunidade a Meg de fazer o seu discurso.

Porém, logo que Jo saiu, Meg levantou-se e aproximou-se da porta, murmurando :

- A mãe vai ter muito prazer de o ver. Tenha a bondade de se sentar enquanto eu vou avisá-la.

-Não se vá embora, Margaret. Tem medo de mim?

- Como posso ter medo de si, depois de ter sido tão bom para o pai? O que eu gostava era de saber agradecer-lhe respondeu Meg, ficando muito corada.

- Quer que lhe diga como poderia fazê-lo? - perguntou ele, segurando a pequena mão de Meg entre as suas.

- Não! Por favor. . . Prefiro que não. . . - respondeu 183 ela, procurando retirar a mão e, apesar do que dissera a Jo, mostrando-se assustada.

- Não quero aborrecê-la. Desejo apenas saber se me ama um pouco.

Eu gosto tanto de si, Margaret! - exclamou o jovem com ternura. Era este o momento propício para Meg pronunciar as palavras que tinha preparado. Mas não o fez. Esquecendo-as por completo, curvou a cabeça e disse, em voz tão baixa que John teve também de curvar a sua para ouvir a tola resposta:

- Não sei.

Brooke deve ter gostado, pois sorriu satisfeito e, apertando com gratidão as mãos de Meg, disse com o seu tom mais persuasivo :
- Não quer tentar saber ao certo? Eu gostaria muito de saber. Não consigo fazer o meu trabalho com entusiasmo sem saber se terei a recompensa.

- Mas eu ainda sou muito nova - balbuciou Meg, admirada de se sentir tão emocionada, mas ao mesmo tempo gostando de se sentir assim.

- Eu esperarei, e entretanto a Meg podia ir aprendendo a gostar um pouco de mim. Acha que seria uma lição muito difícil?

- Não, se eu estivesse disposta a aprender. . . mas. . .

- Faça favor, Meg, decida-se a estudá-la. Eu gosto de ensinar e isto é mais fácil do que aprender alemão.

- Não estou disposta. Peço-lhe que se retire e me deixe.

- É mesmo essa a sua resposta? - perguntou o jovem, ansiosamente.
-É. Não quero preocupar-me ainda com essas coisas. O pai acha que é muito cedo.

- Não poderei ter esperanças de que mudem de opinião? Eu esperarei sem dizer nada, dar-lhe-ei mais tempo para reflectir. Não brinque comigo, Margaret. Não esperava isso de si.

184

- Não espere nem pense mais em mim. É preferível que me esqueça
- respondeu Meg, achando extremamente agradável pôr à prova a paciência de John e o poder que exercia sobre ele.

Brooke tinha empalidecido e estava muito sério. Tinha um aspecto que fez lembrar a Meg os heróis de novelas que ela admirava, mas não deu punhadas no peito nem começou a passear de um lado para o outro agitadoamente. Limitou-se a olhá-la com uma expressão tão terna e tão triste que ela estava quase a enternecer-se e a mudar de propósitos. Nunca se saberá o que teria acontecido se não aparecesse a tia March naquele preciso momento.

Esta não tinha conseguido resistir ao desejo de ver o seu sobrinho, pois soubera por Laurie que ele tinha regressado e quis imediatamente vê-lo.

Quase toda a família se encontrava na outra extremidade da casa, por isso a tia March entrou tranquilamente, na intenção de lhe fazer uma surpresa. Mal tinha transposto o umbral da porta, deparou com o caszinho. Meg sobressaltou-se como se tivesse visto um fantasma e o senhor Brooke desapareceu pela porta do escritório.

- O que significa isto? - exclamou a tia, batendo no chão com a

bengala.

- É um amigo do pai. Estou muito admirada. . . de a ver... aqui
- balbuciou Meg, já convencida de que ia ouvir um sermão.

- Evidentemente. Mas o que te estava a dizer esse amigo do teu pai para estares vermelha que nem uma papoila? Estás a esconder-me alguma coisa e eu quero saber do que se trata.

- O senhor Brooke. . . veio buscar o guarda-chuva que cá deixou por esquecimento - começou Meg a dizer, desejando que, naquele momento, tanto o senhor Brooke como o chapéu-de-chuva estivessem a léguas dali.

185

- Queres dizer que é o professor daquele rapaz? Ah! Já compreendi tudo. Por aquilo que Jo escreveu em certa ocasião ao pai, depreendi cá umas coisas e obriguei-a a contar-me tudo. Suponho que não lhe deste uma resposta afirmativa! - exclamou a tia March escandalizada.

- Não fale tão alto, que podem ouvir-nos. Não quer ver a mãe?

- Ainda não. Tenho umas coisas para te dizer e vou dizê-las sem esperar mais tempo. Tens a intenção de te casar com esse Brooke? Nesse caso não receberás um centavo meu. Pensa nisto e sê uma rapariga sensata.

- Eu caso com quem quiser, tia, e pode deixar o seu dinheiro a quem lhe apetecer - respondeu Meg com um ar de desafio.

- Bonita resposta! É assim que fazes caso dos meus conselhos? Hás-de lamentá-lo quando souberes o que é o amor e uma cabana, e te convenceres de que fizeste uma grande asneira.

- Não será maior do que aquela que fizeram certas pessoas que moram em casas ricas.

A tia March pôs os óculos e mirou a rapariga, pois não estava habituada àqueles modos tão decididos. Meg também não se estava a conhecer, mas sentia-se contente por defender John e o seu direito de o amar. Percebendo que ia por mau caminho, a tia March mudou de táctica e começou a dizer com a maior suavidade possível:

- Sê razoável, minha filha, e segue o meu conselho, que é o mais bem intencionado possível. Tens o dever de casar bem e ajudar a tua família. Deves convencer-te de que precisas de casar com um homem rico.

- Não podia fazer casamento melhor, mesmo que estivesse à espera indefinidamente! John é bom e sensato. É inteligente, quer subir na vida e estou convencida de que o vai

186

conseguir. Toda a gente o aprecia e tem muito respeito por ele e eu sinto-me orgulhosa de ele gostar de mim apesar de eu ser pobre, muito nova e às vezes tão pateta! - disse Meg, a quem o ardor que pusera na resposta fazia ainda mais bela.

- Ele sabe que tu tens parentes ricos? Desconfio bem que é aí que

reside o segredo do seu amor por ti. . .

- Tia, como se atreve a insinuar uma coisa dessas? - gritou Meg, esquecendo-se de tudo o mais, perante a injustiça que acabava de ouvir. - O meu John não se casaria por interesse e eu também não. Estamos decididos a trabalhar, não nos importamos de esperar e eu não tenho medo da pobreza, porque com ela tenho sido feliz até hoje e tenho a certeza de que com ele continuarei a sê-lo porque gosta de mim e. . .

Ao chegar a este ponto, Meg parou, lembrando-se de que sem dúvida ele estaria a ouvir. E a tia disse contrariada:

- Nesse caso, lavo daí as minhas mãos. Desenganaste-me e nem sequer me sinto com coragem de ir ver o teu pai. Não esperes nada de mim quando te casares. Esses amigos do Brooke que te ajudem. Para mim, morreste.

E saiu furiosa, atirando com a porta. Quando ficou sozinha, a pobre Meg não sabia se havia de rir ou de chorar, mas antes de ter tempo para se decidir, John estava junto dela, dizendo:

- Não pude deixar de ouvir as suas palavras, Margaret. Estou-lhe muito grato por me ter defendido e também agradeço à tia March porque foi a sua intervenção que me veio provar que a Meg gosta um pouco de mim.

- Só o percebi quando ela o insultou.

- Então não preciso de me ir embora, como me disse. Posso ficar e esperar ser feliz, não é verdade, meu amor?

- Sim, John - respondeu ela.

E escondeu o rosto no casaco do senhor Brooke.

188

Quando Jo desceu pouco depois, convencida de que Meg o havia despedido, ficou petrificada, encostada à ombreira da porta. John estava sentado no sofá e a sua irmã Meg sentada sobre os joelhos dele, com uma expressão submissa. Jo soltou uma exclamação e, ouvindo-a, os namorados voltaram a cabeça. Meg pôs-se de pé imediatamente, confusa e feliz ao mesmo tempo, e John riu, dando um beijo na recém-chegada e dizendo:

- Mana Jo, felicite-nos.

Isto era demais para Jo que, sem pronunciar uma palavra e fazendo com as mãos um gesto de indignação, saiu da sala. Subindo rapidamente ao andar superior, entrou no quarto onde estavam os convalescentes e exclamou com um ar dramático :

- Vão depressa lá abaixo! Brooke está a portar-se abominavelmente e Meg parece que gosta.

Os pais desceram imediatamente. E a campainha para o jantar soou antes que Brooke tivesse tido tempo de descrever o paraíso que se propunha preparar para Meg. Ninguém comeu muito, mas todos se mostravam muito felizes e a velha casa parecia iluminar-se com a primeira história de amor das raparigas.

Quando Laurie chegou, entregou um ramo de flores à senhora Brooke,

muito convencido de que desempenhara uma parte importante naquele desenlace.

- Eu sabia que Brooke havia de conseguir o que queria, pois quando se mete nalgum empreendimento, vai até ao fim, apesar de todos os obstáculos - disse ele, depois de entregar a sua oferta e apresentar as suas felicitações.

Um pouco mais tarde, depois de o avô também ter chegado, Laurie, vendo que Jo estava triste, perguntou-lhe em particular:

- Que se passa? Não me pareces muito alegre.

189

- É muito duro para mim ter de renunciar a Meg.

- Não renuncias a Meg. Apenas a repartes com outra pessoa - disse o rapaz, para a consolar. - Além disso, tens-me a mim. Não valho grande coisa, mas dou-te a minha palavra de que te serei fiel toda a vida.

- Obrigada. Há-de ser sempre um grande conforto para mim, Laurie. Dizendo isto, Jo olhava em volta da sala onde estavam, sentindo, apesar de tudo, um certo prazer no espectáculo que os seus olhos contemplavam: os pais recordavam a sua própria experiência de há vinte anos atrás; Amy procurava desenhar os noivos, os quais tinham uma expressão tal nos rostos que a artista não conseguia passar para o papel; Beth, estendida no sofá, tagarelava alegremente com o seu velho amigo que estreitava a sua pequenina mão, como se daquele contacto lhe adviesse paz.

Jo ocupava o seu assento favorito, com uma expressão grave e tranquila, e Laurie, apoiado nas costas da cadeira, com o queixo ao mesmo nível do cabelo encaracolado da rapariga, sorria com a sua expressão mais amistosa e fazia sinais com a cabeça para o espelho que estava em frente deles e os reflectia.

190

Fim

Este livro foi distribuído cortesia de:



Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS hoje, visite:

<http://portugues.Free-eBooks.net>

*Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente,
seleccionando uma das opções abaixo:*



Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter
experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas,
nós apreciáramos se você

["postar um comentário para este livro aqui"](#) .



Informações sobre direitos autorais

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimentos de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

<http://portugues.free-ebooks.net/tos.html>